



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
Faculdade de Engenharia

Proposta de Reabilitação para a Antiga Sede do Orfeão de Viseu

Ana Catarina Leonardo Figueira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Jorge Eduardo Ramos Jular

Covilhã, Fevereiro de 2017

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais e irmão que tanto apoio me prestaram em todos os meus projetos de vida.

Agradecimentos

Começo por agradecer ao orientador da minha dissertação, Arquiteto Professor Doutor Jorge Jular, por todo o acompanhamento e ajuda que me prestou durante a realização deste trabalho, bem como por todo o interesse e dedicação que revelou pela temática do mesmo.

Agradeço também a todos os professores que me acompanharam no percurso do ensino superior e que tanto contribuíram para o meu desenvolvimento como pessoa e como futura profissional.

Para o meu pai e para a minha mãe, um enorme obrigado por tudo, tudo mesmo. São os meus pilares. Pai, obrigada por todos os teus ensinamentos, por todas as tuas histórias e palavras, por me ajudares a resolver todos os problemas com sabedoria, lógica, caráter e de cabeça erguida. Mãe, obrigada por todo o teu amor, carinho e compreensão nos momentos mais difíceis; ajudaste-me quando mais precisei e soubeste sempre dizer e fazer o que estava mais correto, mesmo quando agir de outro modo se aparentava mais fácil.

Para o meu irmão Daniel: sempre te vi como um modelo a seguir e tenho um grande orgulho em todo o teu percurso de vida e na pessoa que és. Tenho em ti um grande amigo que soube estar sempre presente para me ajudar mesmo nos momentos mais difíceis. Obrigada por me motivares e apoiares.

Agradeço a toda a minha família pelo apoio e entusiasmo que sempre revelaram para comigo e em todos os meus projetos. Um obrigada especial à minha avó Zézinha que tanto amor me dá.

À minha segunda família: Ju, Cátia, Filipa, Marilisa, Sofia, Bélita, Olivier, João, Mariana, Tânia, David, Joana, Laura e André, um enorme obrigado por tudo. Nunca pensei sentir tanta união, cumplicidade e carinho numa amizade. Obrigada pela vossa compreensão e ajuda nos momentos mais difíceis. O tempo e as circunstâncias podem afastar-nos, mas tenho a certeza de que estaremos sempre juntos.

Às minhas amigas Fi, Marta e Patrícia por mostrarem que a distância não tem força suficiente para apagar a nossa amizade... pelo contrário, conseguiu fortalecê-la.

Aos meus colegas de curso que me acompanharam neste percurso e que contribuíram para o meu crescimento e formação.

À Doutora Sofia Pereira um enorme obrigada por tudo o que fez e continua a fazer por mim. Sem a sua ajuda o meu percurso de vida teria sido muito mais difícil.

Um agradecimento especial à Câmara Municipal de Viseu, Orfeão de Viseu, à SRU de Viseu, ao Arquivo Municipal de Viseu e ao Turismo de Viseu por toda a documentação disponibilizada bem como toda a amabilidade e disponibilidade com que sempre fui recebida.

Resumo

Atualmente verifica-se uma crescente preocupação a nível ambiental, bem como com a preservação do património. Consequentemente, a resposta cada vez mais utilizada para solucionar estes problemas é a reabilitação.

A reabilitação é uma atitude muito completa e responsável, no sentido em que permite a preservação da história, da cultura e da arquitetura, evitando a cedência de muitos imóveis à ruína e ao abandono. Soma-se ainda a possibilidade de controlar a construção excessiva de novos edifícios e a expansão das cidades sem abandono dos centros históricos, bem como reduzir o uso de matérias-primas e recursos naturais não renováveis, diminuindo deste modo a poluição.

Seguindo esta ideia, o presente trabalho tem como objetivo uma proposta de reabilitação para a antiga Sede do Orfeão de Viseu. Este edifício destaca-se pela sua história, localização e tipologia, sendo de grande valor para a cidade em que se insere e para a sua população.

Pretende-se deste modo elaborar uma proposta de reabilitação para este exemplo de património arquitetónico, atribuindo-lhe uma nova função, um Polo Cultural, com espaços multifuncionais e café-concerto. Deste modo existe a intenção de valorizar o edifício em destaque, bem como a sua história e contributos para a cidade de Viseu, evitando assim que o imóvel sofra uma crescente degradação, impossibilitando a sua recuperação.

Palavras-chave

Centro Histórico | Orfeão | Património Arquitetónico | Reabilitação | Viseu

Abstract

There is now increasing environmental concern as well as heritage preservation. Consequently, the response increasingly used to solve these problems is rehabilitation.

Rehabilitation is a very complete and responsible attitude in the sense that it preserves history, culture and architecture, avoiding the relinquishment of many properties to ruin and abandonment. There is also the possibility of controlling the excessive construction of new buildings and the expansion of cities without abandoning historic centers, as well as reducing the use of raw materials and non-renewable natural resources, thereby reducing pollution.

Following this idea, the present work aims at a rehabilitation proposal for the former Orfeão de Viseu Headquarters. This building stands out for its history, location and typology, being of great value for the city in which it is inserted and for its population.

In this way, it is intended to prepare a rehabilitation proposal for this example of architectural heritage, giving it a new function, a Cultural Pole, with multifunctional spaces and coffee-concert. In this way there is the intention to value the building in prominence, as well as its history and contributions to the city of Viseu, thus avoiding that the property undergoes a growing degradation, making impossible its recovery.

Key-words

Historical Center | Orfeão | Architectural Heritage | Rehabilitation | Viseu

Índice

Parte I	1
1. Introdução	3
1.1. Contextualização.....	4
1.2. Justificação da Proposta.....	6
1.3. Objetivos	7
1.4. Metodologia.....	7
1.5. Estrutura.....	8
2.1. Cidade de Viseu.....	10
2.2. Rua Direita	18
3. Reabilitar	23
3.1. Conceito, Evolução e Atitudes.....	24
3.2. Reabilitação em Viseu.....	29
4. Orfeão de Viseu	37
4.1. Documentação Recolhida	38
4.2. A Sociedade do Orfeão de Viseu.....	41
4.3. O Edifício da antiga Sede do Orfeão de Viseu	43
4.4. Caracterização espacial.....	57
4.5. Identificação de Patologias.....	60
4.6. Atitudes tomadas no âmbito da reabilitação da antiga Sede do Orfeão de Viseu	70
Parte II	71
5. Casos de Estudo	73
6. Proposta de Reabilitação	79
6.1. Proposta.....	80
6.1.1. Conceito e Estratégias.....	80
6.1.2. Programa: Polo Multicultural e Café-concerto - Organização e caracterização de espaços.....	81
6.1.3. Programa: Polo Multicultural e Café-concerto - Caracterização e intervenção material.....	88
7. Conclusão	95
8. Referências Bibliográficas	99
9. Anexos	103
Índice de Anexos	104

Lista de Figuras

Parte I

Imagem 1 - Exemplo de edifício abandonado em Viseu - “Casa das Bocas”; página 5;

Fonte: “*Projeto da Casa das Bocas aprovado pelo executivo*”, fotografia de José Fonseca, publicado a 7 de Outubro de 2016, <http://www.diariocoimbra.pt/noticia/11051>, consultado a 27 de Janeiro de 2017.

Imagem 2 - Pousada de Viseu - Arquiteto Gonçalo Byrne - 2009 - Viseu - Portugal - Exemplo de património reabilitado (antigo hospital de Viseu); página 5;

Fonte: “*Pousada de Viseu, a maior Pousada de Portugal*”,

Imagem 3 - Vista aérea da cidade de Viseu; página 10;

Fonte: <https://www.google.pt/maps>, última atualização de imagem 2017; consultado no dia 16 de Janeiro de 2017.

Imagem 4 - Desenho representativo dos troços de muralha romana encontrados; página 11;

Fonte: “Muralha romana séc. I e muralha romana séc. III, Rua Formosa”, página 34; FERREIRA, Paula Cristina Cardoso. *A Rua Direita, em Viseu: importância histórica, património e memória desta artéria. Da degradação à recuperação urbana*. Dissertação de Mestrado em Estudos do Património. Universidade Aberta. Lisboa, 2010.

Imagem 5 - Vista aérea da cidade de Viseu com locais de destaque assinalados; página 12;

Fonte: <https://www.google.pt/maps>, última atualização de imagem 2017; consultado no dia 13 de Janeiro de 2017.

Imagem 6 - Sé Catedral de Viseu (ao centro) e Museu Grão Vasco (à esquerda); página 13;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 22 de Julho de 2012.

Imagem 7 - Igreja da Misericórdia; página 13;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 9 de Julho de 2012.

Imagem 8 - Praça D. Duarte e Sé Catedral em plano de fundo; página 14;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 9 de Julho de 2012.

Imagem 9 - Rua Direita; página 14;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 1 de Julho de 2016.

Imagem 10 - Praça da República (Rossio) e edifício da Câmara Municipal de Viseu; página 15;

Fonte: “*Câmara Municipal de Viseu - Praça da República (Rossio)*”, fotografia de fjlma, publicado a 17 de Julho de 2007, <http://www.panoramio.com/photo/3366766>; consultado a 16 de Agosto de 2016.

Imagem 11 - Parque Aquilino Ribeiro; página 15;

Fonte: “*Parque Aquilino Ribeiro, Viseu, Portugal*”, fotografia de Margarida Bico, publicado a 1 de Outubro de 2015, <http://www.panoramio.com/photo/124165176>; consultado a 16 de Agosto de 2016.

Imagem 12 - Igreja dos Terceiros de São Francisco; página 16;

Fonte: “*Memórias de Viseu em fotografias do presente*”, fotografia de Viriatuus, publicado a 13 de Julho de 2009, <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=911518>; consultado a 16 de Agosto de 2016.

Imagem 13 - Igreja de Nossa Senhora do Carmo; página 16;

Fonte: “*Viseu (Igreja do Carmo)*”, fotografia de Álvaro Nunes, publicado a 12 de Novembro de 2010, <http://www.panoramio.com/photo/43586601>; consultado a 16 de Agosto de 2016.

Imagem 14 - Parque Florestal do Fontelo; página 17;

Fonte: “*Mata do Fontelo, Viseu, Portugal*”, fotografia de Margarida Bico, publicado a 29 de Agosto de 2014, <http://www.panoramio.com/photo/111122496>; consultado a 16 de Agosto de 2016.

Imagem 15 - Cava e Estátua de Viriato; página 17;

Fonte: “*Viriato*”, fotografia de Duarte, publicado a 4 de Janeiro de 2013, http://amigos-de-portugal.blogspot.pt/2013_01_01_archive.html; consultado a 16 de Agosto de 2016.

Imagem 16 - Vista aérea da cidade de Viseu e demarcação da Rua Direita; página 18;

Fonte: <https://www.google.pt/maps>, última atualização de imagem 2017; consultado no dia 13 de Janeiro de 2017; esquema da autora.

Imagem 17 - Vestígios da antiga Judiaria de Viseu - Sinagoga; página 19;

Fonte: “*Viseu - Edifício Medieval na Rua Direita*”, fotografia de Concierge.2C, publicado a 28 de Setembro de 2011, https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Viseu_-_Edif%C3%ADcio_Medieval_na_Rua_Direita.jpg; consultado no dia 16 de Agosto de 2016.

Imagem 18 - Exemplo de janela de estilo manuelino na Rua Direita; página 19;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 7 de Julho de 2016.

Imagem 19 - Exemplo de janela de estilo manuelino na Rua Direita; página 19;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 7 de Julho de 2016.

Imagem 20 - Exemplo de janela de estilo manuelino na Rua Direita; página 19;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 7 de Julho de 2016.

Imagem 21 - Rua Direita em 1987 com grande movimentação; página 20;

Fonte: “*Rua Direita em 1987*”, Página 62; FERREIRA, Paula Cristina Cardoso. *A Rua Direita, em*

Viseu: importância histórica, património e memória desta artéria. Da degradação à recuperação urbana. Dissertação de Mestrado em Estudos do Património. Universidade Aberta. Lisboa, 2010.

Imagem 22 - Rua Direita em 1987 com grande movimentação; página 20;

Fonte: “ Rua Direita em 1987”, Página 62; FERREIRA, Paula Cristina Cardoso. *A Rua Direita, em Viseu: importância histórica, património e memória desta artéria. Da degradação à recuperação urbana.* Dissertação de Mestrado em Estudos do Património. Universidade Aberta. Lisboa, 2010.

Imagem 23 - Rua Direita - Exemplos de irregularidade construtiva ao nível das alturas, larguras e materiais dos edifícios; página 21;

Fonte: “Rua Direita”, <http://www.quintadarroteia.com/actividades/>; consultado a 16 de Agosto de 2016.

Imagem 24 - Rua Direita - Exemplos de irregularidade construtiva ao nível das alturas, larguras e materiais dos edifícios; página 22;

Fonte: “Comerciantes da Rua Direita sensibilizados contra assaltos e burlas”, publicado a 27 de Janeiro de 2011, <http://baroesdaseviseu.blogspot.pt/2011/01/comerciantes-da-rua-direita.html>; consultado a 16 de Agosto de 2016.

Imagem 25 - Rua Direita - Exemplos de irregularidade construtiva ao nível das alturas, larguras e materiais dos edifícios; página 22;

Fonte: “Rua Direita”, publicado a 15 de Abril de 2014, http://giraaosquarenta.blogspot.pt/2014_04_01_archive.html; consultado a 16 de Agosto de 2016.

Imagem 26 - Reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro - Cemitério do Bouro - Portugal - Arquitecto Eduardo de Souto Moura e Arquitecto Humberto Vieira - 1997 - Exemplo de reabilitação que promoveu o uso dos materiais da construção primitiva, criando grande subtilidade entre o existente e a intervenção; página 27;

Fonte: “SANTA MARIA DO BOURO CONVENT / Eduardo Souto de Moura + Humberto Vieira”, fotografia de Luís Ferreira Alves, publicado a 24 de Junho de 2015, <http://www.archdaily.com/768833/santa-maria-do-bouro-convent-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira/5583990ae58ece17370000c1-santa-maria-do-bouro-convent-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira-photo>; consultado a 17 de Agosto de 2016.

Imagem 27 - Reconversão do Convento de Santa Maria do Bouro - Cemitério do Bouro - Portugal - Arquitecto Eduardo de Souto Moura e Arquitecto Humberto Vieira - 1997; página 27; Fonte: “SANTA MARIA DO BOURO CONVENT / Eduardo Souto de Moura + Humberto Vieira”, fotografia de Luís Ferreira Alves, publicado a 24 de Junho de 2015, <http://www.arch->

daily.com/768833/santa-maria-do-bouro-convent-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira/5583990ae58ece17370000c1-santa-maria-do-bouro-convent-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira-photo; consultado a 17 de Agosto de 2016.

Imagem 28 - Restauro do Castelo de Hambach - Neustadt - Alemanha - Max Dudler - 2011 - A intervenção realizada é praticamente invisível à primeira vista; os materiais utilizados no restauro sobressaem pouco relativamente aos primitivos; página 28;

Fonte: “Hambach Castle/ Max Dudler”, fotografia de Stefan Muller, publicado a 21 de Maio de 2013, <http://www.archdaily.com/374337/hambach-castle-restaurant-max-dudler/5195376fb3fc4be3da000012-hambach-castle-restaurant-max-dudler-photo>; consultado a 17 de Agosto de 2016.

Imagem 29 - Restauro do Castelo de Hambach - Neustadt - Alemanha - Max Dudler - 2011; página 28;

Fonte: “Hambach Castle/ Max Dudler”, fotografia de Stefan Muller, publicado a 21 de Maio de 2013, <http://www.archdaily.com/374337/hambach-castle-restaurant-max-dudler/5195376fb3fc4be3da000012-hambach-castle-restaurant-max-dudler-photo>; consultado a 17 de Agosto de 2016.

Imagem 30 - Delimitação do Centro Histórico de Viseu; página 29;

Fonte: Parque Expo 98, S.A. 2011. *Estudo de Enquadramento Estratégico da Área Crítica de Recuperação e Reversão Urbanística*. Página 23. Viseu, 2011.

Imagem 31 - Mercado 2 de Maio no ano de inauguração em 1879; página 30;

Fonte: “Nova vida Mercado 2 de Maio - Resultados do Concurso de Ideias para a Cobertura e Revitalização”, http://viseunovo.pt/source/M2M_enquadramento_debate20102015.pdf; consultado a 17 de Agosto de 2016.

Imagem 32 - Mercado 2 de Maio na atualidade - Reabilitação da autoria do Arquiteto Álvaro Siza Vieira - 2002; página 30;

Fonte: “Há 17 ideias para reinterpretar praça com assinatura de Siza Vieira em Viseu - Propostas do Concurso de Ideias vão estar em debate público durante um mês. Ordem dos Arquitectos já escolheu três vencedores”, fotografia de Sérgio Azenha, publicação de 8 de Outubro de 2015, <https://www.publico.pt/local/noticia/ha-17-ideias-para-reinterpretar-praca-com-assinatura-de-siza-vieira-em-viseu-1710532>; consultado a 17 de Agosto de 2016.

Imagem 33 - Vista aérea do Centro Histórico de Viseu; página 33;

Fonte: “O Adro da Sé e parte do “casco” histórico”, CABRITA, Prof. Arq. António Manuel Reis; LEMOS, Arq. Eduardo Mascarenhas de; AMARAL, Arq. Francisco Pires Keil; outros. 2010. *Apresentação do Guia para a Reabilitação do Centro Histórico de Viseu*. Página 24. Braga, 1ª edição, Novembro de 2010.

Imagem 34 - Exemplos de edifícios degradados no Centro Histórico de Viseu; página 33;
Fonte: <https://www.google.pt/maps>, última atualização da imagem Maio 2014, consultado a 5 de Fevereiro de 2017.

Imagem 35 - Exemplos de edifícios degradados no Centro Histórico de Viseu; página 33;
Fonte: : <https://www.google.pt/maps>, última atualização da imagem Maio 2014, consultado a 5 de Fevereiro de 2017.

Imagem 36 - Exemplo de edifício reabilitado no Centro Histórico de Viseu; página 36;
Fonte: <https://www.google.pt/maps>, última atualização da imagem Setembro 2014, consultado a 5 de Fevereiro de 2017.

Imagem 37 - Exemplo de edifício reabilitado no Centro Histórico de Viseu; página 36;
Fonte: *“Elementos significativos de carácter histórico em edifício do centro histórico”*, CABRITA, Prof. Arq. António Manuel Reis; LEMOS, Arq. Eduardo Mascarenhas de; AMARAL, Arq. Francisco Pires Keil; outros. 2010. *Apresentação do Guia para a Reabilitação do Centro Histórico de Viseu*. Página 40. Braga, 1ª edição, Novembro de 2010.

Imagem 38 - Exemplo de edifício reabilitado no Centro Histórico de Viseu; página 36;
Fonte: *“Na reabilitação mais recente foram recolocados os revestimentos de argamassas, com vantagens diversas”*, CABRITA, Prof. Arq. António Manuel Reis; LEMOS, Arq. Eduardo Mascarenhas de; AMARAL, Arq. Francisco Pires Keil; outros. 2010. *Apresentação do Guia para a Reabilitação do Centro Histórico de Viseu*. Página 54. Braga, 1ª edição, Novembro de 2010.

Imagem 39 - Livro de matrículas de sócios do Montepio Viseense; página 39;
Fonte: fotografia da autora, tirada a 25 de Janeiro de 2016.

Imagem 40 - Livro de custos do Montepio Viseense; página 39;
Fonte: fotografia da autora, tirada a 25 de Janeiro de 2016.

Imagem 41 - Livro de custos do Montepio Viseense; página 39;
Fonte: fotografia da autora, tirada a 25 de Janeiro de 2016.

Imagem 42 - Livro de custos do Montepio Viseense do ano 1898; página 39;
Fonte: fotografia da autora, tirada a 25 de Janeiro de 2016.

Imagem 43 - Preçário do Orfeão de 1933; página 39;
Fonte: fotografia da autora, tirada a 25 de Janeiro de 2016.

Imagem 44 - Fotografia de espetáculo realizado na antiga sede do Orfeão; página 39;
Fonte: fotografia da autora, tirada a 25 de Janeiro de 2016.

Imagem 45 - Livro de mapas dos movimentos da copa e da sala de jogos; página 39;
Fonte: fotografia da autora, tirada a 25 de Janeiro de 2016.

Imagem 46 - Livro de atas do Montepio Viseense; página 39;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 25 de Janeiro de 2016.

Imagem 47 - Fotografia da direção do Orfeão em 1979; página 40;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 25 de Janeiro de 2016.

Imagem 48 - Partitura do hino do Orfeão; página 40;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 25 de Janeiro de 2016.

Imagem 49 - Planta em tinta-da-china das salas de espetáculo da antiga Sede do Orfeão; página 40;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 25 de Janeiro de 2016.

Imagem 50 - Fotografia de espetáculo realizado na antiga Sede do Orfeão; página 40;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 25 de Janeiro de 2016.

Imagem 51 - Livro de atas do Montepio Viseense; página 40;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 25 de Janeiro de 2016.

Imagem 52 - Livro de atas do Montepio Viseense; página 40;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 25 de Janeiro de 2016.

Imagem 53 - Fotografia da primeira direção da Sociedade do Orfeão de Viseu; página 41;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 25 de Janeiro de 2016.

Imagem 54 - Antigo matadouro de Viseu antes de acolher o Orfeão; página 42;

Fonte: “*Antigo Matadouro (Rua Serpa Pinto - Viseu)*”, fotografia de Diamantino Carvalho, publicado a 25 de Outubro de 2010; consultado a 17 de Agosto de 2016.

Imagem 55 - Antigo matadouro de Viseu depois da intervenção para acolher o Orfeão; página 42;

Fonte: <http://orfeodeviseu.blogspot.pt/>; consultado a 17 de Agosto de 2016.

Imagem 56 - Localização e enquadramento do edifício em estudo; página 43;

Fonte: <https://www.google.pt/maps>, última atualização de imagem 2017; consultado no dia 13 de Janeiro de 2017; esquema da autora.

Imagem 57 - Localização e enquadramento do edifício em estudo; página 44;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 58 - Levantamento da planta do piso 0 do edifício em estudo e piso 0 dos espaços comerciais anexos; página 45;

Fonte: desenho da autora.

Imagem 59 - Levantamento da planta do piso 1 do edifício em estudo; página 45;

Fonte: desenho da autora.

Imagem 60 - Alçado principal (Sul) do edifício em estudo; página 46;

Fonte: desenho da autora.

Imagem 61 - Alçado principal (Sul) do edifício em estudo; página 46;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 19 de Novembro de 2016.

Imagem 62 - Porta de entrada principal do edifício; página 47;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 63 - Janela dupla localizada na fachada principal do edifício; página 47;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 64 - Janela tripla localizada na fachada principal do edifício; página 47;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 65 - Porta e *hall* de entrada principal; página 48;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 66 - Hall de entrada principal; página 48;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 67 - Pavimento cerâmico com motivos geométricos presente no *hall* de entrada principal; página 49;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 68 - Revestimento cerâmico com motivos florais na parede do *hall* de entrada principal; página 49;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 69 - Escadaria de pedra granítica; página 50;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 70 - Hall superior da escadaria de pedra; página 50;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 71 - Arco em pedra granítica situado na base inferior da escadaria; página 51;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 72 - Patamar da escadaria de pedra; página 51;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 73 - Lanternim situado por cima da escadaria; página 51;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 74 - Hall superior da escadaria; página 51;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 75 - Salão secundário; página 52;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 76 - Salão secundário; página 52;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 77 - Salão principal e respetiva janela tripla - acesso ao salão secundário à esquerda; página 53;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 78 - Salão principal - acesso para o *hall* superior (à direita) e para a sala de jogos e copa (ao fundo); página 53;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 79 - Acesso à sala de jogos; página 54;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 80 - Sala de jogos; página 54;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 81 - Entrada para o logradouro do edifício a partir da Rua da Boa Morte; página 54;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 82 - Logradouro do edifício; página 55;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 83 - Vista da entrada do logradouro do edifício a partir da Rua da Boa Morte - fachada tardoz da Sé Catedral de Viseu; página 55;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 84 - Caracterização espacial da planta de levantamento do piso 0; página 57;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 85 - Caracterização espacial da planta de levantamento do piso 1; página 57;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 86 - Caracterização de espaços públicos e privados da planta de levantamento do piso 0; página 58;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 87 - Caracterização de espaços públicos e privados da planta de levantamento do piso 1; página 58;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 88 - Localização do *hall* de entrada principal, piso 0; página 61;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 89 - Patologias verificadas ao nível da estrutura de madeira do teto; página 61;
Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 90 - Patologias verificadas ao nível do reboco e da estrutura de madeira do teto; página 61;
Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 91 - Localização do *hall* inferior da escadaria, piso 0; página 62;
Fonte: esquema da autora.

Imagem 92 - Localização do *hall* superior da escadaria, piso 1; página 62;
Fonte: esquema da autora.

Imagem 93 - Patologias verificadas ao nível das paredes e da estrutura de madeira do teto no *hall* inferior da escadaria, piso 0; página 62;
Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 94 - Patologias verificadas ao nível das paredes e da estrutura de madeira do teto no *hall* superior da escadaria, piso 1; página 62;
Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 95 - Localização da sala de espetáculo 1, piso 1; página 63;
Fonte: esquema da autora.

Imagem 96 - Patologias verificadas ao nível das paredes; página 63;
Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 97 - Patologias verificadas ao nível das paredes e estrutura de madeira do teto; página 63;
Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 98 - Patologias verificadas ao nível das paredes e estrutura de madeira do teto; página 63;
Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 99 - Localização da secretaria, piso 1; página 64;
Fonte: esquema da autora.

Imagem 100 - Patologias verificadas ao nível das paredes; página 64;
Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 101 - Patologias verificadas ao nível das paredes; página 64;
Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 102 - Patologias verificadas ao nível das paredes e teto; página 64;
Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 103- Localização da sala de espetáculo 1, piso 1; página 65;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 104 - Patologias verificadas ao nível das paredes e estrutura de madeira do teto; página 65;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 105 - Patologias verificadas ao nível das paredes e estrutura de madeira do teto; página 65;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 106 - Localização das instalações sanitárias recentes, piso 1; página 66;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 107 - Patologias verificadas ao nível das paredes e pavimento teto; página 66;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 108 - Patologias verificadas ao nível do pavimento; página 66;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 109 - Patologias verificadas ao nível do pavimento, paredes e carpintarias; página 66;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 110 - Localização das instalações sanitárias antigas, piso 1; página 67;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 111 - Patologias verificadas ao nível do pavimento e paredes; página 67;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 112 - Patologias verificadas ao nível das paredes e louças sanitárias; página 67;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 113 - Patologias verificadas ao nível das paredes e pavimento; página 67;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 114 - Localização da sala de jogos, piso 1; página 68;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 115 - Patologias verificadas ao nível das paredes, pavimento e cobertura; página 68;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 116 - Patologias verificadas ao nível das paredes, pavimento e cobertura; página 68;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 117 - Patologias verificadas ao nível das paredes, pavimento e cobertura; página 68;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 118 - Localização da copa, piso 1; página 69;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 119 - Patologias verificadas ao nível das paredes, pavimento e cobertura; página 69;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 120 - Patologias verificadas ao nível das paredes, pavimento e cobertura; página 69;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 121 - Patologias verificadas ao nível das paredes; página 69;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 122 - Fotografia das escavações que estão a decorrer no logradouro do edifício; página 70;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 1 de Julho de 2016.

Imagem 123 - Escavações que estão a decorrer no logradouro do edifício; página 70;

Fonte: fotografia da autora, tirada a 1 de Julho de 2016.

Parte II

Imagem 124 - Estado da fachada principal antes da intervenção; página 75;

Fonte: “Josep Llobet - Reabilitación Can Negre”, fotografia de Lluís Bernat e Josep Llobet, publicado em Julho de 2012, <http://hicarquitectura.com/2012/07/josep-llobet-rehabilitacion-can-negre/>; consultado a 17 de Agosto de 2016.

Imagem 125 - Fachada principal da Fazenda Can Negre após intervenção; página 75;

Fonte: “Josep Llobet - Reabilitación Can Negre”, fotografia de Lluís Bernat e Josep Llobet, publicado em Julho de 2012, <http://hicarquitectura.com/2012/07/josep-llobet-rehabilitacion-can-negre/>; consultado a 17 de Agosto de 2016.

Imagem 126 - Desenho das fachadas laterais antes da intervenção e depois da intervenção; página 75;

Fonte: “Josep Llobet - Reabilitación Can Negre”, fotografia de Lluís Bernat e Josep Llobet, publicado em Julho de 2012, <http://hicarquitectura.com/2012/07/josep-llobet-rehabilitacion-can-negre/>; consultado a 17 de Agosto de 2016.

Imagem 127 - Desenho da fachada posterior antes da intervenção e depois da intervenção; página 75;

Fonte: “Josep Llobet - Reabilitación Can Negre”, fotografia de Lluís Bernat e Josep Llobet, publicado em Julho de 2012, <http://hicarquitectura.com/2012/07/josep-llobet-rehabilitacion-can-negre/>; consultado a 17 de Agosto de 2016.

Imagem 128 - Fachada principal do estúdio após intervenção; página 77;

Fonte: “Museu “Casa-estúdio Carlos Relvas”. fotografia de anabatista, publicado a 10 de Maio

de 2010, <http://olhares.sapo.pt/museu-casa-estudio-carlos-relvas-foto3691349.html>; consultado a 5 de Fevereiro de 2017.

Imagem 129 - Levantamento do Alçado Sudeste ; página 77;

Fonte: “Alçado Sudeste”. Página 130 . Arquitectura Ibérica - Nº5 - Reabilitação Reabillitación. Publicação bimestral. Casal de Cambra, Portugal, Edições Caleidoscópio, Novembro 2004.

Imagem 130 - Levantamento do Alçado Nordeste ; página 77;

Fonte: “Alçado Nordeste”. Página 130. Arquitectura Ibérica - Nº5 - Reabilitação Reabillitación. Publicação bimestral. Casal de Cambra, Portugal, Edições Caleidoscópio, Novembro 2004.

Imagem 131 - Levantamento dos elementos em ferro; página 77;

Fonte: “Restauro de elementos decorativos em ferro”. Página 154. Arquitectura Ibérica - Nº5 - Reabilitação Reabillitación. Publicação bimestral. Casal de Cambra, Portugal, Edições Caleidoscópio, Novembro 2004.

Imagem 132 - Levantamento dos elementos em ferro; página 77;

Fonte: “Restauro de elementos decorativos em ferro”. Página 154. Arquitectura Ibérica - Nº5 - Reabilitação Reabillitación. Publicação bimestral. Casal de Cambra, Portugal, Edições Caleidoscópio, Novembro 2004.

Imagem 133 - Caracterização de espaços da planta de projeto para o piso 0; página 81;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 134 - Caracterização de espaços da planta de projeto para o piso 1; página 82;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 135 - Proposta 1 para organização espacial; página 83;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 136 - Sugestão de organização das salas para a Proposta 1; página 83;.

Fonte: esquema da autora.

Imagem 137 - Sugestão de organização das salas para a Proposta 1; página 83;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 138 - Proposta 2 para organização espacial; página 84;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 139 - Sugestão de organização das salas para a Proposta 2; página 84.

Fonte: esquema da autora.

Imagem 140 - Proposta 3 para organização espacial; página 85;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 141 - Sugestão de organização das salas para a Proposta 3; página 85.

Fonte: esquema da autora.

Imagem 142 - Proposta 4 para organização espacial; página 86;

Fonte: esquema da autora.

Imagem 143 - Sugestão de organização das salas para a Proposta 4; página 86.

Fonte: esquema da autora.

Imagem 144 - Caracterização de espaços públicos e privados da planta de projeto do piso 0; página 87.

Fonte: esquema da autora.

Imagem 145 - Caracterização de espaços públicos e privados da planta de projeto do piso 1; página 87.

Fonte: esquema da autora.

Anexos

Imagem 146 - Levantamento fotográfico da Porta P1 - Exterior; página 105.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 147 - Levantamento fotográfico da Porta P1 - Interior; página 105.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 148 - Localização da Porta P1 na planta original; página 105.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 149 - Localização da Porta P1 na planta de projeto; página 105.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 150 - Levantamento gráfico da Porta P1 - Exterior; página 105.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 151 - Levantamento gráfico da Porta P1 - Interior; página 105.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 152 - Levantamento gráfico da Porta P1 - Planta; página 105.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 153 - Levantamento gráfico a cores da Porta P1 - Exterior; página 105.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 154 - Levantamento gráfico a cores da Porta P1 - Interior; página 105.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 155 - Levantamento fotográfico da Porta P2; página 107.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 156 - Localização da Porta P2 na planta original; página 107.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 157 - Localização da Porta P2 na planta de projeto; página 107.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 158 - Levantamento gráfico da Porta P2 - Frente; página 107.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 159 - Levantamento gráfico da Porta P2 - Traseiras; página 107.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 160 - Levantamento gráfico da Porta P2 - Planta; página 107.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 161 - Levantamento gráfico a cores da Porta P2 - Frente; página 107.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 162 - Levantamento gráfico a cores da Porta P2 - Traseiras; página 107.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 163 - Levantamento fotográfico do Arco V1; página 109.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 164 - Localização do Arco V1 na planta original; página 109.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 165 - Localização do Arco V1 na planta de projeto; página 109.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 166 - Levantamento gráfico do Arco V1 - Frente; página 109.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 167 - Levantamento gráfico do Arco V1 - Planta; página 109.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 168 - Levantamento gráfico a cores do Arco V1 - Frente; página 109.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 169 - Levantamento fotográfico da Porta P3; página 111.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 170 - Localização da Porta P3 na planta original; página 111.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 171 - Levantamento gráfico da Porta P3 - Frente; página 111.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 172 - Levantamento gráfico a cores da Porta P3 - Frente; página 111.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 173 - Levantamento gráfico da Porta P3 - Planta; página 111.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 174 - Levantamento fotográfico do Arco V2; página 113.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 175 - Localização do Arco V2 na planta original; página 113.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 176 - Localização do Arco V2 na planta de projeto; página 113.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 177 - Levantamento gráfico do Arco V2 - Frente; página 113.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 178 - Levantamento gráfico do Arco V2 - Planta; página 113.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 179 - Levantamento gráfico a cores do Arco V2 - Frente; página 113.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 180 - Levantamento fotográfico da Porta P4; página 115.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 181 - Localização da Porta P4 na planta original; página 115.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 182 - Localização da Porta P4 na planta de projeto; página 115.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 183 - Levantamento gráfico da Porta P4 - Frente; página 115.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 184 - Levantamento gráfico a cores da Porta P4 - Frente; página 115.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 185 - Levantamento gráfico da Porta P4 - Planta; página 115.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 186 - Levantamento fotográfico da Porta P5 - Frente; página 117.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 187 - Levantamento fotográfico da Porta P5 - Traseiras; página 117.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 188 - Localização da Porta P5 na planta original; página 117.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 189 - Localização da Porta P5 na planta de projeto; página 117.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 190 - Levantamento gráfico da Porta P5 - Frente; página 117.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 191 - Levantamento gráfico da Porta P5 - Traseiras; página 117.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 192 - Levantamento gráfico da Porta P5 - Planta; página 117.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 193 - Levantamento gráfico a cores da Porta P5 - Frente; página 117.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 194 - Levantamento gráfico a cores da Porta P5 - Traseiras; página 117.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 195 - Levantamento fotográfico do Arco V3; página 119.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 196 - Localização do Arco V3 na planta original; página 119.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 197 - Localização do Arco V3 na planta de projeto; página 119.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 198 - Levantamento gráfico do Arco V3 - Frente; página 119.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 199 - Levantamento gráfico do Arco V3 - Planta; página 119.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 200 - Levantamento gráfico a cores do Arco V3 - Frente; página 119.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 201 - Levantamento fotográfico do Arco V4; página 121.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 202 - Localização do Arco V4 na planta original; página 121.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 203 - Localização do Arco V4 na planta de projeto; página 121.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 204 - Levantamento gráfico do Arco V4 - Frente; página 121.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 205 - Levantamento gráfico do Arco V4 - Planta; página 121.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 206 - Levantamento gráfico a cores do Arco V4 - Frente; página 121.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 207 - Levantamento fotográfico da Janela V5 - Exterior; página 123.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 208 - Levantamento fotográfico da Janela V5 - Interior; página 123.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 209 - Localização da Janela V5 na planta original; página 123.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 210 - Localização da Janela V5 na planta de projeto; página 123.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 211 - Levantamento gráfico da Janela V5 - Exterior; página 123.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 212 - Levantamento gráfico da Janela V5 - Interior; página 123.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 213 - Levantamento gráfico da Janela V5 - Planta; página 123.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 214 - Levantamento gráfico a cores da Janela V5 - Exterior; página 123.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 215 - Levantamento gráfico a cores da Janela V5 - Interior; página 123.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 216 - Levantamento fotográfico da Janela V6 - Exterior; página 125.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 217 - Levantamento fotográfico da Janela V6 - Interior; página 125.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 218 - Localização da Janela V6 na planta original; página 125.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 219 - Localização da Janela V6 na planta de projeto; página 125.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 220 - Levantamento gráfico da Janela V6 - Exterior; página 125.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 221 - Levantamento gráfico da Janela V6 - Interior; página 125.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 222 - Levantamento gráfico da Janela V6 - Planta; página 125.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 223 - Levantamento gráfico a cores da Janela V6 - Exterior; página 125.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 224 - Levantamento gráfico a cores da Janela V6 - Interior; página 125.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 225 - Levantamento fotográfico da Janela V7 - Exterior; página 127.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 226 - Levantamento fotográfico da Janela V7 - Interior; página 127.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 227 - Localização da Janela V7 na planta original; página 127.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 228 - Localização da Janela V7 na planta de projeto; página 127.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 229 - Levantamento gráfico da Janela V7 - Exterior; página 127.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 230 - Levantamento gráfico da Janela V7 - Interior; página 127.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 231 - Levantamento gráfico da Janela V7 - Planta; página 127.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 232 - Levantamento gráfico a cores da Janela V7 - Exterior; página 127.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 233 - Levantamento gráfico a cores da Janela V7 - Interior; página 127.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 234 - Levantamento fotográfico da Porta P6; página 129.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 235 - Localização da Porta P6 na planta original; página 129.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 236 - Localização da Porta P6 na planta de projeto; página 129.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 237 - Levantamento gráfico da Porta P6 - Sala 1; página 129.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 238 - Levantamento gráfico da Porta P6 - Sala 2; página 129.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 239 - Levantamento gráfico da Porta P6 - Planta; página 129.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 240 - Levantamento gráfico a cores da Porta P6 - Sala 1; página 129.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 241 - Levantamento fotográfico da Porta P7 e Porta P8 - Frente; página 131.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 242 - Localização da Porta P7 e Porta P8 na planta original; página 131.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 243 - Levantamento gráfico da Porta P7 e Porta P8 - Frente; página 131.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 244 - Levantamento gráfico a cores da Porta P7 e Porta P8 - Frente; página 131.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 245 - Levantamento gráfico da Porta P7 e Porta P8 - Planta; página 131.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 246 - Levantamento fotográfico do Arco V8; página 133.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 247 - Localização do Arco V8 na planta original; página 133.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 248 - Localização do Arco V8 na planta de projeto; página 133.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 249 - Levantamento gráfico do Arco V8 - Frente; página 133.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 250 - Levantamento gráfico do Arco V8 - Planta; página 133.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 251 - Levantamento gráfico a cores do Arco V8 - Frente; página 133.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 252 - Levantamento fotográfico da Porta P9; página 135.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 253 - Localização da Porta P9 na planta original; página 135.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 254 - Levantamento gráfico da Porta P9 - Frente; página 135.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 255 - Levantamento gráfico da Porta P9 - Planta; página 135.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 256 - Levantamento gráfico a cores da Porta P9 - Frente; página 135.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 257 - Levantamento fotográfico da Porta P10; página 137.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 258 - Localização da Porta P10 na planta original; página 137.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 259 - Localização da Porta P10 na planta de projeto; página 137.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 260 - Levantamento gráfico da Porta P10 - Frente; página 137.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 261 - Levantamento gráfico a cores da Porta P10 - Frente; página 137.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 262 - Levantamento gráfico da Janela P9 - Planta; página 139.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 263 - Levantamento fotográfico da Janela V9; página 139.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 264 - Localização da Janela V9 na planta original; página 139.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 265 - Levantamento gráfico da Janela V9 - Frente; página 139.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 266 - Levantamento gráfico da Janela V9 - Planta; página 139.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 267 - Levantamento gráfico a cores da Janela V9 - Frente; página 139.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 268 - Levantamento fotográfico da Porta P11; página 141.

Fonte: Fotografia da autora, tirada a 2 de Fevereiro de 2016.

Imagem 269 - Localização da Porta P11 na planta original; página 141.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 270 - Levantamento gráfico da Porta P11 - Frente; página 141.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 271 - Levantamento gráfico a cores da Porta P11 - Frente; página 141.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 272 - Levantamento gráfico da Porta P11 - Planta; página 141.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 273 - Localização da Porta P12 na planta de projeto; página 143.

Fonte: Esquema da autora.

Imagem 274 - Levantamento gráfico da Porta P12 - Frente; página 143.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 275 - Levantamento gráfico da Porta P12 - Planta; página 143.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 276 - Levantamento gráfico a cores da Porta P12 - Frente; página 143.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 277 - Localização da Porta P13 na planta de projeto; página 145.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 278 - Levantamento gráfico da Porta P13 - Frente; página 145.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 279 - Levantamento gráfico da Porta P13 - Planta; página 145.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 280 - Levantamento gráfico a cores da Porta P13 - Frente; página 145.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 281 - Localização da Porta P14 na planta de projeto; página 147.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 282 - Levantamento gráfico da Porta P14 - Frente; página 147.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 283 - Levantamento gráfico da Porta P14 - Planta; página 147.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 284 - Levantamento gráfico a cores da Porta P14 - Frente; página 147.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 285 - Localização da Porta P15 na planta de projeto; página 149.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 286 - Levantamento gráfico da Porta P15 - Frente; página 149.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 287 - Levantamento gráfico da Porta P15 - Planta; página 149.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 288 - Levantamento gráfico a cores da Porta P15 - Frente; página 149.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 289 - Localização da Porta P16 na planta de projeto; página 151.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 290 - Levantamento gráfico da Porta P16 - Frente; página 151.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 291 - Levantamento gráfico da Porta P16 - Planta; página 151.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 292 - Levantamento gráfico a cores da Porta P16 - Frente; página 151.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 293 - Localização da Porta P17 na planta de projeto; página 153.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 294 - Levantamento gráfico da Porta P17 - Planta; página 153.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 295 - Levantamento gráfico da Porta P17 - Frente; página 153.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 296 - Levantamento gráfico a cores da Porta P17 - Frente; página 153.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 297 - Localização da Janela V10 na planta de projeto; página 155.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 298 - Levantamento gráfico da Janela V10 - Planta; página 155.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 299 - Levantamento gráfico da Janela V10 - Frente; página 155.

Fonte: Desenho da autora.

Imagem 300 - Levantamento gráfico a cores da Janela V10 - Frente; página 155.

Fonte: Desenho da autora.

Lista de Tabelas

Tabela 1: Identificação de patologias e estado de conservação de cada divisão; página 60;
Fonte: tabela da autora.

Tabela 2: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis no *hall* de entrada principal; página 61;
Fonte: tabela da autora.

Tabela 3: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis no *hall* inferior e superior da escadaria; página 62;
Fonte: tabela da autora.

Tabela 4: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis na sala de espetáculo 1; página 63;
Fonte: tabela da autora.

Tabela 5: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis na secretaria; página 64;
Fonte: tabela da autora.

Tabela 6: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis na sala de espetáculo 2; página 65;
Fonte: tabela da autora.

Tabela 7: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis nas instalações sanitárias recentes; página 66;
Fonte: tabela da autora.

Tabela 8: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis nas instalações sanitárias antigas; página 67;
Fonte: tabela da autora.

Tabela 9: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis na sala de jogos; página 68;
Fonte: tabela da autora.

Tabela 10: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis na copa; página 69;
Fonte: tabela da autora.

Lista de Acrónimos

DECO - Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor

ACRRU - Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística,

Viseu Novo, SRU - Sociedade de Reabilitação Urbana de Viseu

IMT: Imposto Municipal sobre as Transmissões Onerosas de Imóveis

IMI: Imposto Municipal sobre Imóveis

IVA: Imposto sobre o Valor Acrescentado

Parte I

1. Introdução

1.1. Contextualização

Verifica-se atualmente uma grande necessidade de controlar e minorar os danos provocados no planeta Terra, muitos deles criados pelo ser humano. Estes surgem não só por irresponsabilidade, como também por falta de conhecimento. Destes danos constam a poluição, o esgotamento dos recursos não renováveis, o crescimento descontrolado da população e das cidades ou a destruição do património histórico e cultural.

Durante décadas foram tomadas atitudes despreocupadas, tendo em vista a evolução, principalmente da tecnologia e o conforto, sem ter em conta os danos, muitas vezes irreversíveis, que estavam a ser criados como consequência. A vontade do Homem de crescer, de provar ao mundo o poder da sua inteligência, a sua fome de chegar mais longe, impediram-no, em inúmeras situações, de se aperceber atempadamente, de que nem tudo o que estaria a criar seria positivo, ignorando ou até desconhecendo os problemas.

No entanto, cada vez mais se toma consciência de que existem graves problemas a nível ambiental e social que necessitam de ser solucionados ou contornados com atitudes válidas e conscientes. Estas questões não devem ser debatidas apenas por pequenos grupos na sociedade, mas sim por toda a comunidade, pois é o esforço conjunto que poderá fazer a diferença. Já não é possível ignorar os problemas que nos rodeiam. A sociedade encontra-se cada vez mais inserida numa rotina veloz que muitas vezes a impede de refletir nestas questões, colocando a própria, o ambiente, o património, a história, a cultura, etc. numa situação perigosa e incerta.

Acresce a este facto a existência de uma economia com interesses e ações cada vez mais direcionados para uma progressão material, incentivando o consumo e desviando as atenções de questões cruciais como as acima referidas.

Neste contexto, o estudo e análise dos edifícios antigos tem vindo gradualmente a captar o interesse da população. Isto deve-se a uma crescente consciência da importância da preservação do património, bem como uma maior aceitação do mesmo. Não são apenas as construções mais nobres que têm valor, também simples edifícios de habitação, indústria ou comércio têm a sua importância, pois permitem compreender melhor os diferentes modos de vida, atitudes e história das populações. É a combinação de diferentes tipos de arquitetura que forma um todo denominado Património Arquitetónico.

Fala-se constantemente em Construção sustentável¹. E importa salientar que esta não implica necessariamente a construção de novos edifícios - pelo contrário - sendo que a resposta para isto poderá ser a Reabilitação².

¹ Construção Sustentável: "(...)" criação e gestão responsável de um ambiente construído saudável, tendo em consideração os princípios ecológicos e a utilização eficiente dos recursos"., Fonte: www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/habitacao/construcao/construcaosustentavel.html

² Reabilitação: "s.f. ato ou efeito de reabilitar; regeneração". Fonte: Dicionário Universal Escolar de Língua Portuguesa, Texto Editor, 9ª Edição, Lisboa, Fevereiro de 2001, p. 534; "Reabilitação é toda a intervenção destinada a proporcionar um desempenho compatível com as exigências de uso atuais.", Fonte: <http://www.arquiteturaportuguesa.pt/conceitos-de-reabilitacao/>



Imagem 1 - Exemplo de edifício abandonado em Viseu - "Casa das Bocas"



Imagem 2 - Pousada de Viseu - Arquiteto Gonçalo Byrne - 2009 - Viseu - Portugal - Exemplo de património reabilitado (antigo hospital de Viseu)

No campo da Arquitetura, reabilitar funciona como uma atividade muito completa e responsável, pois é uma ação que permite solucionar muitos dos problemas já mencionados, tal como o abandono dos centros históricos e do património, contribuindo para a preservação da história, o reaproveitamento dos materiais da construção que se está a reabilitar (obviamente dependendo do estado em que a mesma se encontra). Permite ainda evitar a construção de novos edifícios e conseqüentemente o crescimento descontrolado das cidades, o uso desnecessário de matérias-primas e recursos naturais adicionais (tanto na construção como no transporte dos materiais). Possibilita a inserção de novos equipamentos e tecnologias que melhoram o comportamento térmico da construção, evitando o uso descontrolado de auxiliares térmicos poluentes. No entanto, apenas recentemente se começou a reabilitar edifícios com mais frequência, dado que é uma atitude que implica grande estudo e conhecimentos ao nível estrutural e construtivo do edifício a intervir. Soma-se ainda a necessidade de conhecer os materiais utilizados na construção primitiva de modo a agir corretamente e saber qual o grau de intervenção necessário em cada situação.

1.2. Justificação da Proposta

Considerando-se essencial a promoção dos valores acima referidos, propõe-se neste trabalho a reabilitação da antiga Sede do Orfeão de Viseu. Deu-se preferência ao tema da Reabilitação por se considerar que é uma das atitudes que mais deve ser tida em conta atualmente no campo da Arquitetura, evitando o abandono e o esquecimento do Património³, da história e dos centros históricos e o crescimento descontrolado dos centros urbanos.

Em segundo lugar considera-se importante abordar um edifício localizado na cidade natal da autora, pois o trabalho adquire uma conotação afetiva e maior ligação entre a pessoa e o objeto. Conhecendo a cidade, o envolvimento com o edifício aumenta e certamente desponta questões que de outro modo não surgiriam; acresce a facilidade em obter documentação.

Para além de se considerar um edifício de grande beleza e valor, não só material como sentimental, este encontra-se desocupado e num estado crescente de degradação. O imóvel beneficia de uma localização privilegiada, sendo que a sua entrada principal se situa na Rua Direita - uma das ruas mais importantes do centro da cidade - e a sua fachada tardoz é acessível pela Rua da Boa Morte, na qual se situam também as traseiras da Sé Catedral. Deste modo, entende-se que se deve dar nova vida a este edifício que tanta importância teve para a população de Viseu, considerando-se que ainda tem muito potencial para oferecer e assim suscitar interesse pelo mesmo em entidades competentes na sua reabilitação.

³ Património: “Conjunto de bens culturais que devem ser preservados sendo protegidos por legislação específica.”. Fonte: Pais da Silva, Jorge Henriques; Calado, Margarida. *Dicionário de Termos de Arte e Arquitetura*. Editorial Presença, Lisboa Março de 2005, p. 280

1.3. Objetivos

Esta proposta deverá funcionar como um incentivo à reabilitação, não só deste, como também de outros edifícios em situações semelhantes.

Para a antiga Sede do Orfeão de Viseu sugere-se uma reabilitação com atribuição de novas funções, revalorizando o edifício, tornando-o útil e um foco de atenção para a população da cidade. Para este efeito propõe-se a criação de um Polo Multicultural com Café-concerto, com espaços para espetáculos, aproveitando a sua função anterior e recuperando assim o seu carácter, mas permitindo tornar-se mais versátil e adequado às necessidades atuais da cidade de Viseu.

De modo a não perder a identidade do edifício e reavivar a sua imponência, entende-se que devem ser utilizadas técnicas e materiais tradicionais sempre que possível, para que a sua interferência seja menor. Devido às suas qualidades, pretende-se recuperar o maior número de elementos caracterizadores do edifício tais como carpintarias, peças cerâmicas, pedra, etc., sendo restauradas sempre que possível. Para tal, é necessário documentar e desenhar todas estas peças singulares.

1.4. Metodologia

Inicialmente foi necessário proceder à recolha de informação histórica, arquitetónica, social, etc. sobre a cidade de Viseu, a Rua Direita, a sociedade do Orfeão e a sua antiga Sede, junto a entidades como a Câmara Municipal de Viseu, o Turismo de Viseu, o Orfeão de Viseu, a Biblioteca Municipal de Viseu, o Arquivo Municipal de Viseu, a Sociedade de Reabilitação Urbana de Viseu, alfarrabistas e até comerciantes na zona. Toda a informação foi analisada e tratada.

Posteriormente fizeram-se visitas ao imóvel com o intuito de o fotografar, retirar apontamentos e desenhos, verificar o estado do edifício ao nível das suas patologias, entender a organização espacial, perceber as suas dimensões, técnicas e materiais.

Em seguida procedeu-se ao levantamento desses elementos caracterizadores do espaço, das dimensões e funções, dos materiais existentes, dos vãos e dos pavimentos, que se considerou serem possíveis de ser restaurados e reutilizados ou para constar apenas para inventário e documentação.

Numa fase seguinte foram realizados esquemas para definição de espaços e funções e mais tarde utilizaram-se os mesmos para dar início aos desenhos finais da proposta, abordando desde a escala urbana até à pormenorização construtiva e material.

1.5. Estrutura

Este trabalho inicia-se com uma contextualização geográfica da cidade de Viseu e da Rua Direita, onde se insere o edifício, destacando a sua história, cultura, economia e sociedade.

Posteriormente trata-se da temática da Reabilitação, abordando as razões do seu surgimento, os seus aspetos caracterizadores, as principais atitudes implicadas. Aborda-se também a temática da reabilitação na cidade de Viseu, quais as intervenções que têm sido feitas e as principais patologias verificadas no edificado.

Em seguida analisam-se alguns casos de estudo que partilham a temática deste trabalho, de modo a melhor conhecer outras intervenções semelhantes e assim adquirir mais competências aquando da realização do projeto.

O passo seguinte tem como intuito analisar a sociedade do Orfeão de Viseu e a sua antiga Sede, bem como toda a informação recolhida durante o processo de investigação. São apresentados todos os levantamentos arquitetónicos realizados, bem como todas as análises espaciais e peças desenhadas, e dá-se conhecimento das patologias identificadas no edifício. Apresentam-se ainda as ações que estão a ser tomadas por entidades competentes para reabilitar a antiga sede do Orfeão de Viseu.

Por fim apresenta-se a proposta final de reabilitação para este edifício, mostrando a sua nova caracterização espacial e funcional.

2.Contextualização Geográfica

2.1. Cidade de Viseu

A cidade de Viseu insere-se na região da Beira Alta. É a capital de distrito com o mesmo nome e caracteriza-se como sendo o único em Portugal que não faz fronteira com o mar ou Espanha. É um dos distritos mais montanhosos do país, contendo as Serras da Lapa, Leomil, Caramulo, Galheira e Montemuro.



Imagem 3 - Vista aérea da cidade de Viseu

Viseu é uma cidade muito antiga e episcopal. A sua ocupação data do século IV a.C., correspondente à Idade do Ferro. Em 1920 foram encontrados vestígios desta ocupação no centro histórico da cidade, uma sepultura que contendo dois esqueletos (na base da torre do relógio da Sé Catedral) e um machado de pedra (na cripta do altar-mor do mesmo edifício). Aquando da requalificação do Museu Grão Vasco, da autoria do arquiteto Eduardo de Souto Moura, em 2001, foram novamente encontrados vestígios dos primeiros ocupantes, entre os quais cabanas de planta circular e fornos de cozer pão.

Na época da ocupação Romana, no século I d.C., aproveitou-se o facto da existência de uma povoação neste território para a formação de uma cidade⁴. Desta época destaca-se uma figura de grande importância - Viriato - herói lusitano muito aclamado que se julga ter nascido em Viseu.

⁴ Vestígios desta ocupação foram encontrados em 1999 no Largo de Santa Cristina e posteriormente em 2004/2005 na Rua Formosa, ambos expondo troços de muralhas

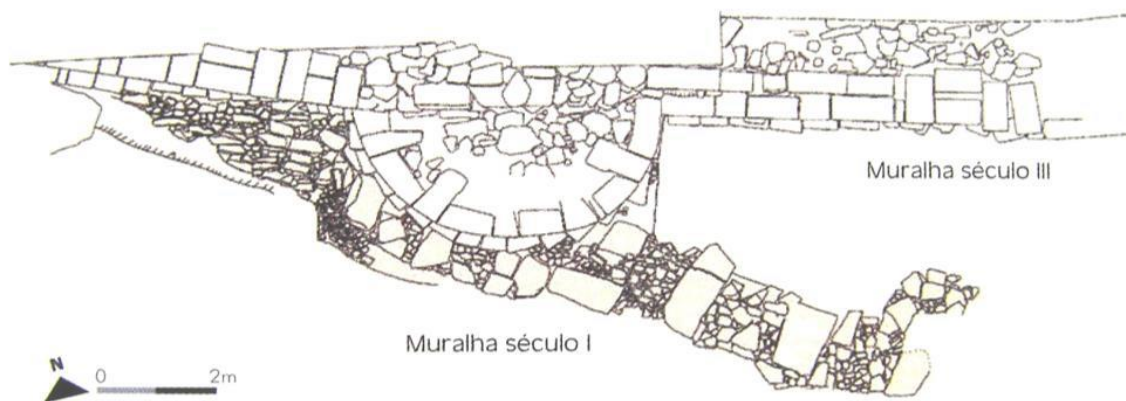


Imagem 4 - Desenho representativo dos troços de muralha romana encontrados

A ocupação romana permitiu que a cidade alcançasse grande relevo, principalmente graças à construção abundante de estradas e à facilidade de acessos à mesma, o que a tornou alvo de povos invasores, justificando por isso a construção das muralhas acima referidas para uma maior proteção e defesa. No período da ocupação romana, onde atualmente se encontra a Sé Catedral de Viseu, localizava-se o Fórum, centro político, religioso e económico. Neste centro desembocavam os principais eixos orientadores da cidade: a Rua Direita - *Cardo Maximus*, com orientação Norte/Sul -, e a Rua de Gonçálinho - *Decumanus Maximus*, orientada a Este/Oeste -, servindo a cidade de quatro portas (como era habitual na época romana). Posteriormente à ocupação romana, no século VI, já sob o domínio Visigótico, a cidade de Viseu foi elevada a sede de diocese. No século VIII, Viseu sofreu a ocupação de povos muçulmanos, sendo campo de batalha de diversos ataques entre estes e cristãos aquando da reconquista da Península Ibérica.

Viseu foi também uma das cidades de eleição dos condes D. Teresa e D. Henrique para residir, tendo-lhe atribuído um foral em 1123. Um segundo foral foi concedido por D. Afonso Henriques em 1187. No século XIV Viseu sofreu ataques e saques por parte das tropas de Castela, exigindo a construção de uma nova muralha por ordem do rei D. João I (desta apenas resistem a Porta dos Cavaleiros e a Porta do Soar). Esta construção só foi concluída no tempo de D. Afonso V, daí ser apelidada como Muralha Afonsina. A cidade de Viseu é doada ao Infante D. Henrique - duque da cidade - no século XV; nascendo também aqui o rei D. Duarte (irmão do Infante) em 1391. No século XVI o rei D. Manuel I renova o foral de Viseu (1513), funcionando como propulsor da expansão da cidade. Neste período de crescimento surge outra figura emblemática de Viseu - o pintor Vasco Fernandes, cuja obra se encontra repartida por diversas igrejas da região e também no Museu Grão Vasco.

No século XIX constrói-se o atual edifício da Câmara Municipal de Viseu, localizado na Praça da República (Rossio), funcionando como centro da cidade. Ligando o Rossio à Sé Catedral encontra-se a Rua Direita, contendo estas construções de época medieval e grande parte do antigo comércio tradicional.

Atualmente, Viseu é uma cidade em constante crescimento e evolução a diversos níveis: económico, comercial, social, tecnológico, ambiental etc. com cerca de 47 mil habitantes. Mais recentemente a cidade foi eleita, segundo um estudo da DECO realizado entre Setembro e Novembro de 2011, como a melhor cidade para se viver em Portugal, destacando fatores a nível da saúde, educação, mobilidade e ambiente.



Imagem 5 - Vista aérea da cidade de Viseu com locais de destaque assinalados

Legenda da Imagem 5:

1. Sé Catedral de Viseu
2. Museu Grão Vasco
3. Igreja da Misericórdia
4. Praça Dom Duarte
5. Rua Direita
6. Rossio / Praça da República
7. Parque Aquilino Ribeiro
8. Igreja dos Terceiros de São Francisco
9. Igreja de Nossa Senhora do Carmo
10. Fontelo
11. Cava e Estátua de Viriato

Assinalam-se de seguida alguns dos pontos turísticos com maior relevo na cidade:

1. Sé Catedral

A sua origem remonta o século XIII e no interior possui referências aos estilos Gótico, Manuelino e Barroco. Foi alvo de diversas alterações e complementações através dos séculos. No seu interior encontra-se o Museu Grão Vasco. As traseiras da Sé estão fazem praticamente frente com as traseiras do edifício da antiga Sede do Orfeão, na Rua da Boa Morte.

2. Museu Grão Vasco

Localizado na ala esquerda da Sé Catedral, sofreu um projeto de requalificação em 2011 da autoria do arquiteto Eduardo de Souto Moura. Aqui encontra-se uma grande coleção de relíquias religiosas.



Imagem 6 - Sé Catedral de Viseu (ao centro) e Museu Grão Vasco (à esquerda)

3. Igreja da Misericórdia

Datada do século XVIII, de estilo Barroco, encontra-se no largo da Sé Catedral.



Imagem 7 - Igreja da Misericórdia

4. Praça D. Duarte

Funcionou como o principal centro da cidade até ao final do século XIX. Encontra-se circundada por construções do século XVIII e XIX e alberga vários estabelecimentos de restauração e comércio. Uma pequena rua - Rua das Ameias - perpendicular a esta praça comunica com a rua de acesso ao logradouro da antiga sede do Orfeão.



Imagem 8 - Praça D. Duarte e Sé Catedral em plano de fundo

5. Rua Direita

Uma das mais antigas e movimentadas ruas de Viseu, datada do período romano, alberga inúmeras construções antigas sendo uma delas a antiga Sede do Orfeão.



Imagem 9 - Rua Direita

6. Rossio (Praça da República)

Acolhe a Câmara Municipal de Viseu e é uma das praças mais movimentadas da cidade. Faz ligação à Rua Direita e consequentemente à Sé Catedral.



Imagem 10 - Praça da República (Rossio) e edifício da Câmara Municipal de Viseu

7. Parque Aquilino Ribeiro

Construído no século XX, foi remodelado em 2005. Localizado junto ao Rossio, é o parque mais importante e movimentado da cidade.



Imagem 11 - Parque Aquilino Ribeiro

8. Igreja dos Terceiros de São Francisco

Datada da segunda metade do século XVIII, localiza-se junto ao Rossio e ao Parque Aquilino Ribeiro, combina os estilos Barroco e Rococó.



Imagem 12 - Igreja dos Terceiros de São Francisco

9. Igreja de Nossa Senhora do Carmo

Datada dos finais do século XVIII, dominando os estilos Gótico, Manuelino e Barroco. Localiza-se no Largo de Santa Cristina.



Imagem 13 - Igreja de Nossa Senhora do Carmo

10. Parque Florestal do Fontelo

A sua origem remonta ao ano de 1149, crescendo até ao século XVI. É a área verde com mais impacto na cidade e funciona regularmente como palco de eventos desportivos.



Imagem 14 - Parque Florestal do Fontelo

11. Cava de Viriato

Conjunto dos vestígios sobreviventes de uma muralha de perímetro octogonal datada do período muçulmano. Julga-se ter possuído um sofisticado sistema hidráulico que transportava água proveniente do Rio Pavia e da Ribeira de Santiago. Apesar de não existir qualquer relação entre a história deste monumento e a figura de Viriato, é aqui que se encontra uma famosa estátua em homenagem a este herói Lusitano. Atualmente funciona como um espaço verde pedonal e de lazer.



Imagem 15 - Cava e Estátua de Viriato

2.2. Rua Direita

A Rua Direita é uma das mais antigas e emblemáticas da cidade de Viseu. É uma rua sinuosa com 460 metros de comprimento e com largura entre dois a quatro metros, sendo portanto uma das ruas mais estreitas da cidade, demonstrando assim a sua antiguidade. A rua é plana até cerca de metade do comprimento e, a partir daí, tem um declive acentuado, no sentido Sul/Norte. Localizada no centro histórico da cidade, possui localização privilegiada pois encontra-se rodeada por diversos pontos de interesse, tais como a Sé Catedral de Viseu, a Praça Dom Duarte, a Igreja da Misericórdia, algumas casas particulares de grande interesse arquitetónico, etc.



Imagem 16 - Vista aérea da cidade de Viseu e demarcação da Rua Direita

Nesta rua foram encontrados sinais da ocupação de povos do período da Idade do Ferro e Romano. Também são visíveis vestígios da antiga Judiaria da cidade - inclusive edifícios, que são agora preciosos elementos históricos.



Imagem 17 - Vestígios da antiga Judiaria de Viseu - Sinagoga

Nos seus primórdios a Rua Direita funcionava como o caminho mais curto e direto que ligava os dois pontos extremos mais distantes de Viseu. Soma-se ainda o facto de esta rua permitir um acesso rápido a vários locais e monumentos de relevo na cidade. Ladeada de edifícios em grande parte do seu comprimento, é possível encontrar construções do século XV e XVI que sobreviveram à passagem dos séculos com ótimos exemplares de janelas do estilo manuelino.



Imagem 18, 19 e 20 - Exemplos de janelas de estilo manuelino na Rua Direita

Na maioria dos edifícios funcionava o rés-do-chão como espaço para comércio, e os restantes pisos maioritariamente para habitação. Atualmente são poucos os habitantes que ainda residem nestes edifícios, estando muitos deles ao abandono e degradados.



Imagem 21 e 22 - Rua Direita em 1987 com grande movimentação

No entanto, nos últimos anos, a rua tem-se regenerado gradualmente para dar lugar a um percurso de cariz histórico e cultural, funcionando cada vez mais como ponto de interesse turístico. Este renascer deve-se muito a eventos que ocorrem com frequência na cidade - Jardins Efêmeros, provas gastronómicas, desportivas e culturais etc.

Muitas das construções existentes encontram-se degradadas com marcas visíveis do tempo e de abandono. Porém, alguns edifícios estão já a ser reabilitados promovendo a rua e dando-lhe nova vida. É possível observar a existência de grandes habitações outrora pertencentes a famílias abastadas, sendo que a maioria já foi reabilitada e exerce agora novas funções, principalmente de domínio público; entre elas: o Palacete dos Silveiras de Lamego e o Palácio dos Treixedos.

A maioria dos edifícios mais altos tem pisos acrescentados à construção primitiva, na tentativa de aumentar a área de cada um, dada a impossibilidade de o fazer em largura. Assim sendo, esta é também uma rua com grande diversidade ao nível dimensional dos edifícios: um aglomerado de edifícios de grande largura em contraste com outros muito estreitos (o mais largo com aproximadamente 49,95 metros e o mais estreito com 2,4 metros), uns altos outros baixos (o mais alto com 13,87 metros e o mais baixo com 5,86 metros).

Com a observação da Rua Direita, é também possível constatar que não foi estabelecida qualquer hierarquia a nível da localização dos edifícios, pois observam-se pequenas habitações imediatamente ao lado de palacetes.

Relativamente aos materiais utilizados nestas construções destacam-se, ao nível do revestimento das fachadas, pedra (granítica principalmente, típica da região), pedra com reboco ou reboco apenas e azulejo.

Em suma, na sua totalidade, a Rua Direita é uma combinação de diferentes tipologias e formas arquitetónicas, bem como épocas e estilos.⁵



Imagem 23 - Rua Direita - Exemplos de irregularidade construtiva ao nível das alturas, larguras e materiais dos edifícios

⁵ FERREIRA, Paula Cristina Cardoso. *A Rua Direita, em Viseu: importância histórica, património e memória desta artéria. Da degradação à recuperação urbana*. Dissertação de Mestrado em Estudos do Património. Universidade Aberta. Lisboa, 2010.



Imagem 24 - Rua Direita - Exemplos de irregularidade construtiva ao nível das alturas, larguras e materiais dos edifícios



Imagem 25 - Rua Direita - Exemplos de irregularidade construtiva ao nível das alturas, larguras e materiais dos edifícios

3. Reabilitar

3.1. Conceito, Evolução e Atitudes

“As intervenções qualificadas no património arquitetónico promovem o bem-estar social e elevam a condição cultural das comunidades.”⁶

Reabilitar significa adaptar, atribuindo ou não nova função, um edifício ou espaço já existente, através de um determinado conjunto de ações. Estas permitem que as construções possam cumprir as exigências de uso atuais, melhorar aspetos a nível ambiental, social, económico e de funcionamento. A reabilitação e o restauro⁷ têm como objetivo melhorar as condições de vida das pessoas que utilizam os espaços/edifícios a intervir ou que de algum modo são influenciados/afetados pelos mesmos, bem como preservar o património, a história e a cultura.

Existem diferentes tipos de reabilitação, entre os quais a reabilitação urbana e a reabilitação de edifícios. A primeira abrange um conjunto de atitudes que têm como objetivo a melhoria das condições ambientais, funcionais, sociais e económicas de uma área urbana, de modo a melhorar as condições de vida da população que dela fazem usufruto. Relativamente à segunda, pode incluir também obras de conservação e restauro.

A Reabilitação incide em três vertentes principais:

- 1) Reabilitação da Envoltente Exterior (trata-se de uma melhoria física e estética de fachadas e coberturas);
- 2) Reabilitação do Interior (melhoria do funcionamento, habitabilidade e conforto);
- 3) Reabilitação da Estrutura (melhoria e reforços a nível estrutural principalmente perante incêndios e sismos).

Estas vertentes são combinadas na reabilitação total de um edifício.⁸

Existe uma noção que se torna necessário compreender quando se aborda a temática da reabilitação: a definição de Edifício Antigo. Segundo Appleton, é aquele que foi construído antes do aparecimento do betão, tendo sido realizado com materiais e técnicas tradicionais.⁹

Gradualmente foram sendo esquecidos os materiais e as técnicas tradicionais aquando da realização das construções atuais, dando cada vez mais importância e destaque ao betão.

⁶ Mestre, Victor. *Arquitectura Ibérica - Nº5 - Reabilitação Reabillitación*. Publicação bimestral. Casal de Cambra, Portugal, Edições Caleidoscópio, Novembro 2004. P. 5.

⁷Restauro: “Reparação de obras de pintura, escultura ou arquitectura, de modo a devolvê-las, tanto quanto possível, ao seu primitivo estado. (...)” Fonte: SILVA, Jorge Henrique Pais da; CALADO, Margarida, 2005. *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença, 1ª edição, 2005, p 319.

⁸ “Conceitos de Reabilitação”, artigo de 14 de Julho de 2012, <http://www.arquiteturaportuguesa.pt/conceitos-de-reabilitacao/>

⁹ APPLETON, João, 2011. *Reabilitação de Edifícios Antigos - Patologias e Tecnologias de Intervenção*. Alfragide: Edições Orion, 2ª edição, 2011. ISBN: 972 - 8620 - 03 - 09. “Caso de Estudo: Recuperação e reconstrução da Estalagem do Cavallo - Évora”, p. 2.

Existe uma carência de informação, sendo que este facto provoca muitas vezes uma certa ignorância quando se reabilitam construções, pois muitas vezes não se têm os conhecimentos necessários para se proceder corretamente.

No sentido de combater a falta de conhecimentos necessários para estas situações têm sido organizados estudos e documentação que definem critérios e dão orientações para melhor agir no momento em que se tentam solucionar estes problemas.

Deste modo definiram-se três vertentes de ação:

1. Conhecer as características das construções antigas, bem como os seus materiais, técnicas e elementos constituintes;
2. Conhecer os materiais e as técnicas de intervenção em construções antigas ao nível das técnicas tradicionais e inovadoras;
3. Conhecer as características das construções antigas antes e depois das intervenções realizadas.

No momento de intervir numa construção antiga, seja para reabilitar, restaurar¹⁰, etc., devem ser estudadas as diversas soluções tecnológicas que se adequem a essa mesma intervenção, tendo sempre em conta as opções inovadoras, bem como as tradicionais.

No entanto, apesar de ter havido uma grande evolução a nível de técnicas e materiais de construção, qual a importância de os conhecer na sua vertente tradicional? Por que não utilizar apenas os conhecimentos mais avançados?

A resposta para estas questões é a necessidade de se conhecer e estudar adequadamente o objeto a intervir - inclusive os materiais e as técnicas com que foi construído - de modo a adequar corretamente os materiais com os quais se vai proceder à intervenção. Habitualmente as técnicas e os materiais tradicionais são recomendados aquando da realização de uma reabilitação, pois habitualmente adequam-se melhor à construção primitiva.

No momento em que se ponderam as possibilidades que podem ser aplicadas numa intervenção deve-se sempre ter em conta os seguintes fatores:

1. Sempre que possível a intervenção deve ser reversível, principalmente quando esta não é de emergência, ou seja, destinada a repor as condições necessárias de segurança estrutural.
2. Sendo que o princípio da reversibilidade tem uma aplicação prática muito limitada na maioria dos casos, considera-se que a sua utilização tem que ter em conta a compatibilidade entre o existente e o novo, e ainda a durabilidade da solução adotada.

¹⁰ “renovar, reparar”. Fonte de Dicionário Universal Escolar de Língua Portuguesa, Texto Editor, 9ª Edição, Lisboa, Fevereiro de 2001, p. 550;

“Reparação de obras de pintura, escultura ou arquitetura, de modo a devolvê-las, tanto quanto possível, ao seu primitivo estado. (...) A intervenção do restaurador nem deve acabar o que ficou incompleto, nem deve destruir contribuições mais recentes sobre o pretexto de regressar à pureza primitiva do estilo. (...)”. Fonte: SILVA, Jorge Henrique Pais da; CALADO, Margarida. *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*. Editorial Presença, 1ª edição, 2005, Lisboa. P. 319.

Tendo em conta estes dois últimos pontos, reforça-se a noção de que é recomendável utilizar técnicas e materiais tradicionais, pois parte-se do princípio que a compatibilidade entre eles e a construção original está assegurada, sendo que irão quase funcionar como um prolongamento do existente. “As técnicas modernas são importantes para o restauro quando as tradicionais não assegurem a suficiente durabilidade, desde que hajam garantias de compatibilidade e reversibilidade destas novas técnicas”¹¹. Acresce ainda que a utilização de materiais e técnicas tradicionais já têm como base experimental e de conhecimento a sua aplicação nas construções antigas, que permitem observar o seu comportamento e durabilidade. No entanto, a sua utilização não assegura a qualidade da intervenção, pois mesmo que os materiais novos sejam iguais aos utilizados na construção primitiva deve-se sempre ter em consideração a diferença de idades e conseqüentemente, de comportamentos.¹²

¹¹ CABRITA, António Manuel Reis; LEMOS, Eduardo Mascarenhas de; AMARAL, Francisco Pires Keil; outros. 2010. *Apresentação do Guia para a Reabilitação do Centro Histórico de Viseu*. Braga, 1ª edição, 2010. Pp. 8 e 9.

¹² APPLETON, João. *Reabilitação de Edifícios Antigos - Patologias e Tecnologias de Intervenção*. Alfragide: Edições Orion, 2ª edição, 2011. “Caso de Estudo: Recuperação e reconstrução da Estalagem do Cavalo - Évora”. Pp. 1 a 7, 303 a 336.

Proposta de Reabilitação para a Antiga Sede do Orfeão de Viseu



Imagem 26 e 27 - Reversão do Convento de Santa Maria do Bouro - Cemitério do Bouro - Portugal - Arquitecto Eduardo de Souto Moura e Arquitecto Humberto Vieira - 1997 - Exemplo de reabilitação que promoveu o uso dos materiais da construção primitiva, criando grande subtilidade entre o existente e a intervenção



Imagem 28 e 29 - Restauro do Castelo de Hambach - Neustadt - Alemanha - Max Dudler - 2011 - A intervenção realizada é praticamente invisível à primeira vista; os materiais utilizados no restauro sobressaem pouco relativamente aos originais

3.2. Reabilitação em Viseu

Entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, Viseu expandiu-se dando origem a novos arruamentos e pontos centrais, afastando-se cada vez mais do Centro Histórico - deu-se a construção do Mercado 2 de Maio em 1879 e o centro administrativo (Câmara Municipal) transfere-se para a sua atual localização em 1896. Com o aparecimento da República Portuguesa surgem planos para melhoramentos na cidade, como a promoção de saneamento básico no Centro Histórico, instalação de mobiliário urbano, criação de jardins e áreas verdes, entre outros.

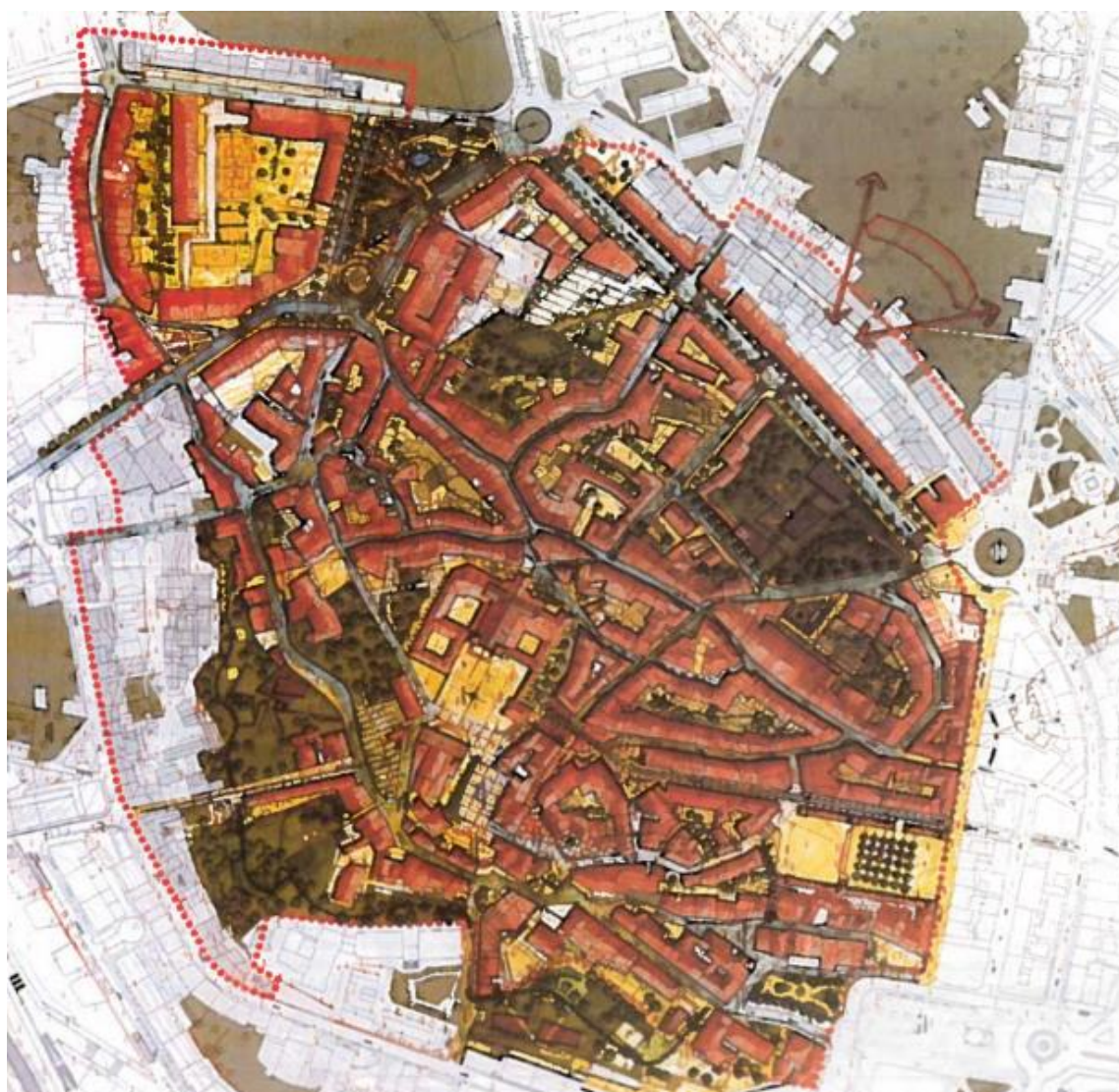


Imagem 30 - Delimitação do Centro Histórico de Viseu



Imagem 31 - Mercado 2 de Maio no ano de inauguração em 1879



Imagem 32 - Mercado 2 de Maio na atualidade - Reabilitação da autoria do Arquiteto Álvaro Siza Vieira - 2002

O Centro Histórico era detentor de grande importância até aos finais do século XX. Funcionava como uma ativa concentração habitacional e comercial em algumas das suas ruas, e era um dos locais mais movimentados da cidade. No entanto a partir dos finais do século XX, com um progressivo aumento dos limites da cidade, o surgimento de grandes superfícies comerciais, o envelhecimento da população residente no centro histórico, as dificuldades de circulação para o trânsito automóvel e respetivo estacionamento, e a necessidade de criar infraestruturas que satisfizessem as atuais necessidades de uma população crescente, levaram a um gradual abandono dessa área. Inúmeros estabelecimentos comerciais encerraram, habitações passaram a estar desabitadas, a população começou a evitar a permanência nesta zona, cada vez mais insegura e degradada.

Porém, aproximadamente uma década atrás, começaram a ser tomadas medidas para contornar e diminuir a crescente desertificação e desvalorização da zona histórica, tendo sido alvo de diversos investimentos ao nível da reabilitação e requalificação do espaço público e infraestruturas. A reabilitação do Centro Histórico de Viseu, embora seja um assunto mais abordado atualmente, tem sido uma preocupação permanente dado que possui um grande valor patrimonial e sentimental.

Por se encontrar numa situação crítica, as ações a tomar nesta área implicaram a mobilização de inúmeros recursos e a aplicação de medidas especiais. Assim, o Município de Viseu criou uma sociedade especializada para reabilitar a zona histórica - Viseu Novo-SRU¹³, que solicitou à Parque EXPO¹⁴ a elaboração de um Estudo de Enquadramento Estratégico para a revitalização do Centro Histórico¹⁵.

Elaboraram-se ainda estudos preliminares, análises e diagnósticos acerca do Centro Histórico e respetivos levantamentos arqueológicos, projetos de reabilitação e roteiros de manutenção e monitorização das obras. Definiu-se assim a Área Crítica de Recuperação e Reversão Urbanística¹⁶, que ocupa cerca de 26 hectares de área de intervenção.

¹³ Viseu Novo-SRU - Sociedade de Reabilitação Urbana de Viseu

¹⁴ Parque EXPO - Sociedade promotora da mutação do território e revitalização das cidades, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida das populações, através da realização de operações integradas em políticas públicas de ambiente, do ordenamento do território e de desenvolvimento regional.

¹⁵ Centro Histórico: “O centro histórico de uma cidade é, regra geral, a área mais antiga que se tornou progressivamente o centro da cidade moderna, e que coincide normalmente “com o núcleo de origem do aglomerado, de onde irradiaram outras áreas urbanas sedimentadas pelo tempo, conferindo assim a esta zona uma característica própria cuja delimitação deve implicar todo um conjunto de regras tendentes à sua conservação e valorização””, definição por DGOTDU; 2005, 128; “Centros históricos: evolução de paradigmas e desafios futuros - Definição de “Centro Histórico””, Capítulo II - Centros Históricos, II Parte - Enquadramento Temático e metodológico, p. 20, http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3862/8/igotul000916_tm_3.pdf

¹⁶ Área Crítica de Recuperação e Reversão Urbanística (ACRRU): Conjunto de imóveis e espaços públicos, que foram considerados de grande importância aquando a realização de um plano de intervenção na malha urbana. Fonte: Parque Expo 98, S.A. 2011. *Estudo de Enquadramento Estratégico da Área Crítica de Recuperação e Reversão Urbanística*. Viseu, 2011. p. 1.

Estes estudos e levantamentos analisaram a localização e formação da cidade histórica, a sua respetiva morfologia, eixos e acessibilidades, usos do solo e áreas urbanas. Destas investigações reteve-se que grande parte das construções da área histórica da cidade revela sinais de declínio, necessitando muitas vezes de intervenções urgentes de salvaguarda.

Esta área é composta por uma grande variedade de estilos de edifícios - desde construções dos séculos XV e XVI, com vestígios de estilo manuelino em janelas e portas, solares dos séculos XVII e XVIII e moradias e prédios burgueses do século XIX. Verifica-se que grande parte da construção na zona histórica tem uma área de implantação reduzida, pois o espaço é escasso, sendo que se construiu em altura (muitos dos pisos foram acrescentados posteriormente à construção primitiva), muitos são estreitos e profundos e com interiores rudimentares. A maioria das construções possuem paredes-mestras em alvenaria de pedra (mais especificamente granito, visto ser típico da região), as estruturas dos pavimentos são por norma em madeira, a cobertura é habitualmente em telha, também com estrutura de madeira, e as paredes divisórias em tabique. O revestimento das paredes exteriores é habitualmente feito com chapas de zinco pintadas, escamas de ardósia preta, telhas verticais, pedra à vista, azulejo, rebocadas, caiadas ou pintadas. Utilizam-se ainda cantarias mais ou menos trabalhadas, há muitas varandas com gradeamentos de ferro forjado, fachadas que apresentam habitualmente cornijas elaboradas, brasões, e muitas vezes nichos e painéis com imagens religiosas.

As principais anomalias das construções da área histórica existem devido ao envelhecimento gradual das mesmas, ao nível dos materiais e elementos construtivos, principalmente por falta de manutenção. Estas patologias foram estudadas pelo conjunto de análises levadas a cabo pela Viseu Novo - SRU e pela Parque EXPO. Verificou-se ainda que as anomalias detetadas passam pela existência de um tecido urbano muito denso, ruas muito estreitas, logradouros originais praticamente ocupados por acrescentos no tardo, muitos compartimentos interiores insalubres, sem iluminação e ventilação natural, problemas de segurança em caso de incêndio (a nível da sua extinção, percursos de fuga e barreiras para dificultar a propagação do fogo). Verificam-se problemas de infiltração de águas, fendas e fissuras nas paredes, cedências nas fundações, existência de humidade originando ataques de fungos e insetos, problemas de higiene e conforto ambiental, má qualidade térmica e acústica, empolamento, destacamento e desagregação dos rebocos, coberturas com telhas partidas ou em falta. Acresce ainda o mau escoamento de águas pluviais, instalações sanitárias e cozinhas deficientes, instalações de esgotos problemáticas, desadequação técnica e funcional na distribuição de água potável, instalação elétrica e de gás.



Imagem 33 - Vista aérea do centro histórico de Viseu



Imagem 34 e 35 - Exemplo de edifício degradados no centro histórico de Viseu

Assim, tendo em consideração todos os aspetos acima mencionados, entendeu-se que a atitude mais indicada para solucionar estes problemas seria a reabilitação. Esta baseia-se num conjunto de princípios a defender:

- a) Melhorar o ambiente e o espaço público: através da preservação e valorização dos mesmos, principalmente os espaços que mais identificam o Centro Histórico; criação e consolidação de zonas verdes com percursos pedonais e ciclovias; melhorar as condições de espaços de lazer e estadia.
- b) Desenvolver aspetos sociais, culturais e económicos: através da reabilitação das áreas habitacionais e da instalação de equipamentos de apoio aos respetivos residentes; promoção de medidas para o desenvolvimento e modernização do comércio tradicional e reabilitação das respetivas construções; definição de roteiros histórico-culturais.
- c) Reabilitar e conservar o património: através da valorização do património, minimizando o impacto das intervenções a tomar, adaptando-as ao existente; reestruturação dos espaços, adequação dos usos, libertação dos logradouros adaptando-os como espaços verdes.
- d) Melhorar a mobilidade e os transportes: revisão da rede de transportes públicos que serve o centro histórico; melhorar a mobilidade a nível pedonal e de trânsito automóvel nesta área.

Reabilitar o centro histórico irá permitir a preservação da história e do património da cidade, evitar a saída das populações para a periferia, cativando as gerações mais novas a fixarem-se na zona histórica. Irá também melhorar as condições de salubridade, higiene e conforto das construções, as condições de acessibilidade ao Centro Histórico, tanto a nível pedonal como para o trânsito automóvel, o que permitirá também melhorar as condições de vida dos residentes e trabalhadores desta área.

Focando-se nas edificações a reabilitar, serão tomados conjuntos de medidas que permitirão uma melhoria significativa das mesmas, bem como da qualidade de vida dos seus residentes e utilizadores, entre as quais: resolução de problemas nas fundações das construções, consolidação e reabilitação estrutural das paredes portantes, pavimentos e telhados; redefinição das tipologias dimensionais das habitações; ações preventivas de manutenção, proteção e conservação dos elementos em madeira; substituição de elementos estruturais e decorativos danificados por soluções compatíveis; melhoria das condições gerais de segurança contra incêndio (redução do risco de deflagração e propagação de incêndio, facilitar a evacuação em caso de surgimento do mesmo, melhorar a eficácia do seu combate); melhorar as condições de higiene e conforto ambiental, criação de condições básicas de saneamento (água potável, esgotos e resíduos); melhoramento das condições de isolamento térmico e acústico, melhoramento das condições de ventilação e iluminação natural; tratamento ou substituição de elementos de revestimentos, sejam pedra, rebocos, cerâmicos, ardósias, chapas; substituição de

caixilharias, guardas de varandas e sacadas, estores, persianas; substituição praticamente integral das instalações de distribuição de água potável, drenagem de águas, distribuição de energia elétrica e gás.

As intervenções a realizar partirão do princípio que a sua execução deverá provocar o mínimo de impactos descaracterizadores, sendo que os materiais e técnicas a utilizar deverão ser compatíveis com as construções a reabilitar.

As propostas de reabilitação para esta área enfrentam um conjunto de dificuldades relativas a diferentes aspetos: o custo das obras, dificuldades e condicionalismos do planeamento, organização e orçamentação das mesmas, o facto de muitas delas terem de ser executadas com os fogos ocupados pelos seus inquilinos e a urgência da realização de intervenções em várias situações.

No entanto, na tentativa de promover estas intervenções, foram criadas políticas de fiscalidade promotoras da reabilitação, isenções de impostos municipais (IMT, IMI, taxas reduzidas de IVA) para residentes e compradores nesta área e ainda incentivos à reabilitação de fachadas.

Como exemplo, apresentam-se alguns valores estatísticos de intervenções que foram propostas para o centro histórico de Viseu:

- a) Edificado:
 - Total: 132.983m²
 - Reabilitado: 122.304m²
 - Turismo: 1.729m²
 - Novos núcleos habitacionais, comércio e serviços: 3.900m²
 - Equipamentos: 5.050m²
- b) Estacionamento: 630 novos lugares
- c) Espaço Público: 54.500m²
- d) Áreas Verdes: 18.518m²
- e) Investimento Global: 114 milhões de euros
- f) Prazo de Execução: 9 anos
- g) População Abrangida:
 - 3700 Residentes
 - 2400 Postos de trabalho¹⁷

¹⁷ Parque Expo 98, S.A. 2011. *Estudo de Enquadramento Estratégico da Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística*. Viseu, 2011. Pp. 9, 11, 25.

No ano 2015 já foi possível verificar alguns resultados positivos das intervenções realizadas na cidade:

- Venderam-se 50 imóveis no Centro Histórico, no valor de 4 milhões de euros;
- Relativamente ao ano de 2009 o número de vendas nesta área triplicou 5 vezes;
- Foram atribuídos 36 incentivos municipais à reabilitação de fachadas de prédios degradados;
- O número de incentivos aumentou 4 vezes relativamente a 2009 e aproximadamente 40% a 2014.¹⁸



Imagem 36, 37, 38 - Exemplos de edifícios reabilitados no Centro Histórico de Viseu

¹⁸ Parque Expo 98, S.A. 2011. *Estudo de Enquadramento Estratégico da Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística*. Viseu, 2011. Pp. 9, 11, 25.

4. Orfeão de Viseu

4.1. Documentação Recolhida

No sentido de recolher diferentes tipos de informação foi necessário recorrer a diversas entidades. Consultou-se a Câmara Municipal de Viseu e a Sociedade de Reabilitação Urbana de Viseu, as quais forneceram desenhos técnicos sobre o levantamento arquitetónico do edifício (plantas, cortes e alçados), tendo permitido também a entrada no mesmo para a realização de fotografias, desenhos e observação.

No Turismo de Viseu foram dispensados exemplares da revista Beira Alta: a edição nº41 sobre o 53º aniversário da sociedade do Orfeão de Viseu e ainda a edição nº48, sobre o 60º aniversário da mesma.

Consultou-se ainda o Arquivo Municipal de Viseu e a Biblioteca Municipal de Viseu onde se consultaram alguns livros e documentos acerca da história da cidade e do Orfeão. Em eventos culturais na cidade, como os Jardins Efémeros, recolheram-se folhetos informativos relativos à história da cidade e às intervenções de reabilitação que estão a ser tomadas.

Consultaram-se páginas na internet acerca da história da cidade, do Orfeão, sobre o edifício em estudo, sobre os programas de reabilitação em Viseu que pudessem ser úteis para a realização deste trabalho. Foram também consultadas dissertações que tratavam estas temáticas.

Na tentativa de adquirir alguma documentação útil para a realização do trabalho, foi também recolhida informação junto a comerciantes da Rua Direita, bem como a alfarrabistas para conhecer melhor o tipo de atividades realizadas no Orfeão.

Contactou-se a Sociedade do Orfeão de Viseu e o respetivo diretor, o senhor António Vicente, que amavelmente cedeu para pesquisa todos os arquivos existentes no Orfeão. Estes incluíam documentação desde 1898 (documentação mais antiga encontrada acerca do edifício) ou seja, referentes à ocupação do edifício pelo Montepio Viseense até à atualidade.

Foi encontrada a seguinte documentação: livros de sócios do Montepio Viseense de anos diversos, fotografias de espetáculos na antiga sede do Orfeão, bem como da direção desta sociedade ao longo de vários anos, preçários dos serviços aqui prestados do ano de 1933, uma planta das salas de espetáculo e *hall* superior em tinta-da-china, uma partitura do hino do Orfeão, mapas do movimento da copa e da sala de jogos de anos diversos, atas de reuniões e atas de custos de diferentes anos do Montepio Viseense e do Orfeão.

Proposta de Reabilitação para a Antiga Sede do Orfeão de Viseu

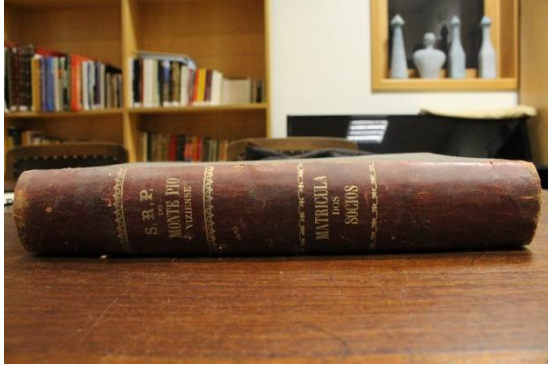


Imagem 39 - Livro de matrículas de sócios do Montepio Viseense

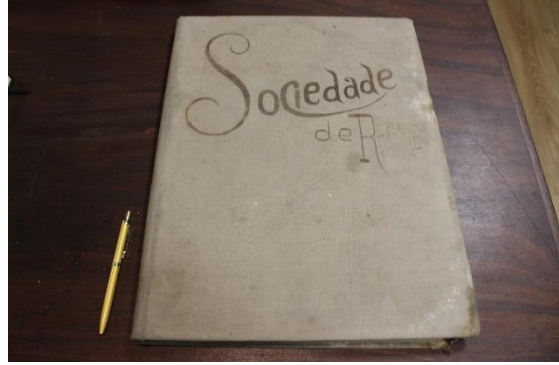


Imagem 40- Livro de custos do Montepio Viseense

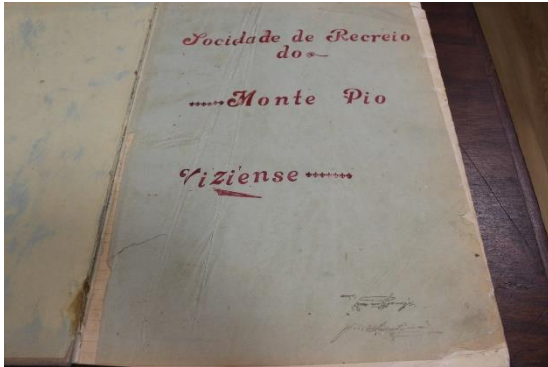


Imagem 41 - Livro de custos do Montepio Viseense

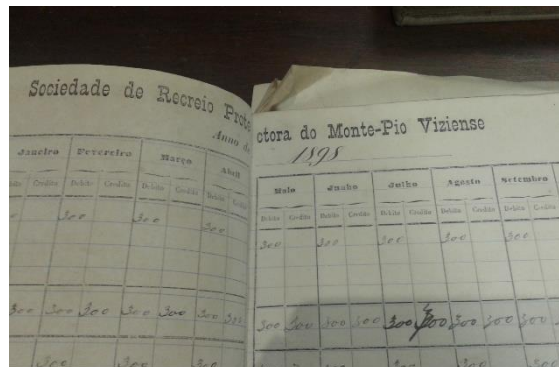


Imagem 42 - Livro de custos do Montepio Viseense do ano 1898



Imagem 43- Preçário do Orfeão de 1933



Imagem 44 - Fotografia de espetáculo realizado na antiga sede do Orfeão

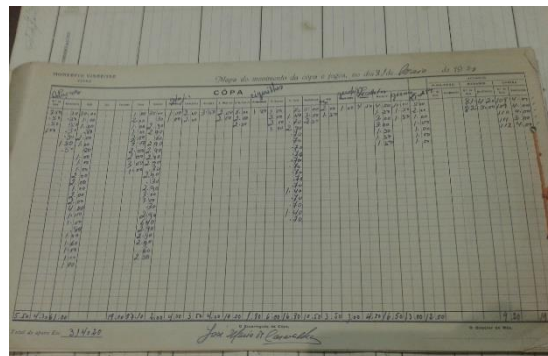


Imagem 45 - Livro de mapas dos movimentos da copa e da sala de jocos do Orfeão

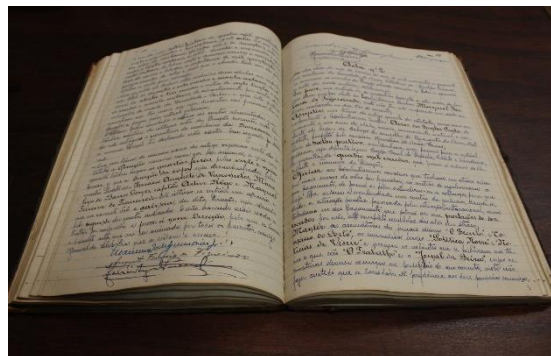


Imagem 46 - Livro de atas do Montepio Viseense



Imagem 47 - Fotografia da direção do Orfeão em 1979

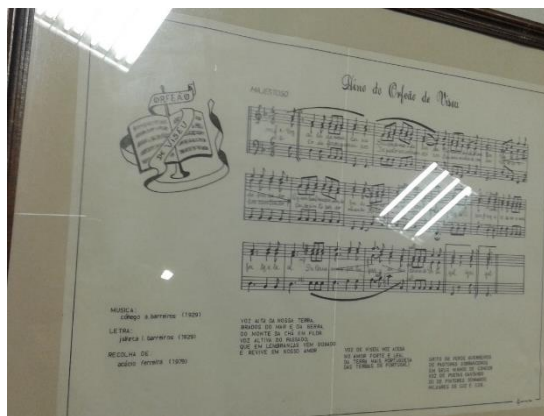


Imagem 48 - Partitura do hino do Orfeão

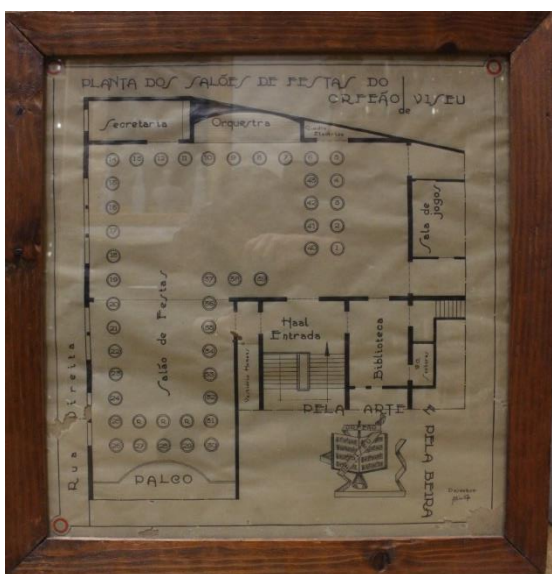


Imagem 49 - Planta em tinta-da-china das salas de espetáculos da antiga sede do Orfeão



Imagem 50 - Fotografia de espetáculo realizado na antiga sede do Orfeão

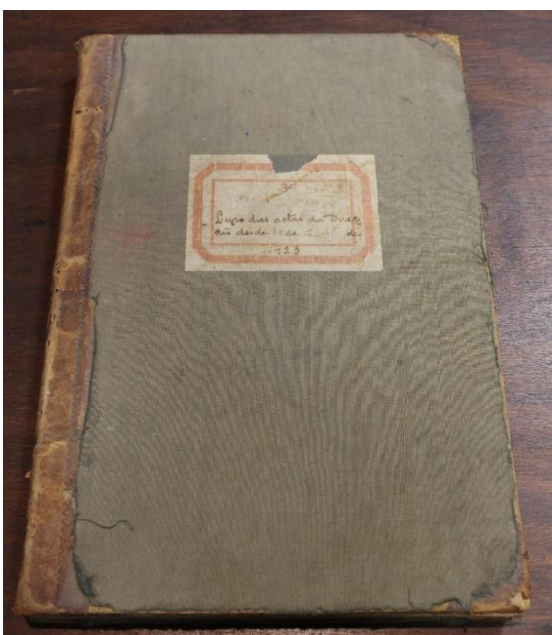


Imagem 51 - Livro de atas do Montepio Viseense

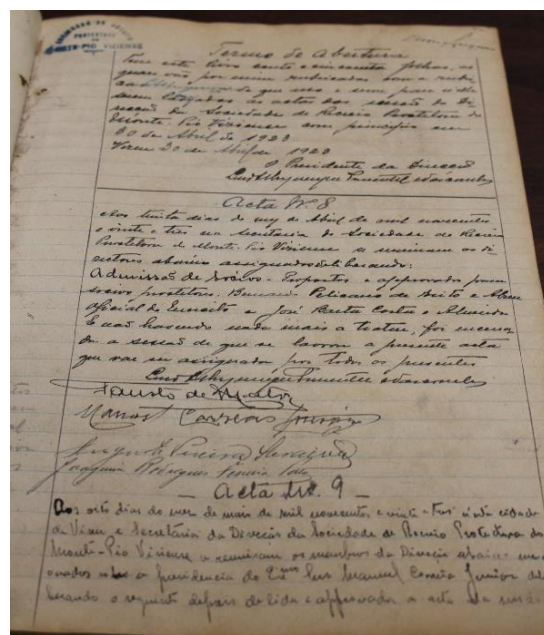


Imagem 52 - Livro de atas do Montepio Viseense

4.2. A Sociedade do Orfeão de Viseu

A sociedade do Orfeão de Viseu é uma instituição cultural e recreativa. Funcionou no edifício em estudo desde 1955 até 2006. A primeira sede do Orfeão funcionou no nº5 da Rua D. Duarte, sendo que a 9 de Dezembro de 1955 passa a sediar-se no nº 149 da Rua Direita.

No ano de 1920, Joaquim Pereira, Tenente Francisco Matos, Tenente Afonso Campos e Alfredo Caessa formaram um agrupamento orfeónico com a constituição de um grupo coral. A 8 de Março de 1929 foi anunciada a formação do Orfeão, nascendo assim oficialmente o Orfeão de Viseu, com 120 pessoas. O primeiro espetáculo público aconteceu dia 18 de Março de 1930. A partir de 1931 o Orfeão, para além de atuar em Viseu, faz também espetáculos em Mangualde, Gouveia, Espinho e Covilhã.



Imagem 53 - Fotografia da primeira direcção da Sociedade do Orfeão de Viseu

Para além da música, o Orfeão promoveu a dinamização da cultura em Viseu com teatros, exposições, concursos, provas desportivas entre outros.

A partir do ano de 1981 a sua atividade alargou-se a Espanha e em 1982 à Itália e Suíça. Em 2009 foi assinado um contrato que definia que o Orfeão passaria a estar sediado no edifício do antigo matadouro de Viseu, na Rua Serpa Pinto, que iria ser reabilitado, com o objetivo de melhorar as condições da sede e ao mesmo tempo utilizar um edifício marcante para a cidade.



Imagem 54 - Antigo matadouro de Viseu antes de acolher o Orfeão



Imagem 55 - Antigo matadouro de Viseu depois da intervenção para acolher o Orfeão

4.3. O Edifício da antiga Sede do Orfeão de Viseu

O edifício em estudo é a antiga Sede do Orfeão de Viseu, localizado aproximadamente a meio da Rua Direita, com números de porta 147 a 151.

A construção deste edifício remonta ao início do século XX, conhecendo-se os seus períodos de atividade:

- (...) -1929 - Sede do Montepio Viseense (Sociedade de Recreio de Viseu)
- 1929 - 1995 - Desocupado
- 1955 - 2006 - Sede do Orfeão de Viseu
- 2006 - 2013 - Desocupado, servindo de apoio a alguns eventos culturais
- 2013 - (...) - Universidade Sénior (ainda em fase de projeto)

Sabe-se que onde se encontra o atual imóvel existiu outro edifício, cuja fachada foi transportada e reconstruída em Parada de Gonta (distrito de Viseu). Tem-se conhecimento ainda que a 15 de Julho de 1926, o edifício existente neste local sofreu um incêndio, sendo reedificado posteriormente.



Imagem 56 - Localização e enquadramento do edifício em estudo

Legenda da Imagem 56:

1. Edifício em estudo - antiga Sede do orfeão de Viseu
2. Rua Direita
3. Rua da Boa Morte
4. Praça Dom Duarte
5. Sé Catedral de Viseu
6. Igreja da Misericórdia



Imagem 57 - Localização e enquadramento do edifício em estudo

Legenda da Imagem 57:

1. Edifício em estudo - Antiga Sede do Orfeão de Viseu
2. Religião
3. Comércio
4. Habitação
5. Serviços
6. Acesso viários
7. Espaços pedonais
8. Áreas verdes
9. Edifício comercial e habitacional
10. Área pedonal e viária

A antiga Sede do Orfeão de Viseu caracteriza-se por ser um edifício em banda cuja área total de construção é de 448m² e área de logradouro de 64,5m². É um edifício com dois pisos, sendo que no rés-do-chão - ao nível da Rua Direita - se localiza a entrada principal do Orfeão e dois pequenos estabelecimentos comerciais.

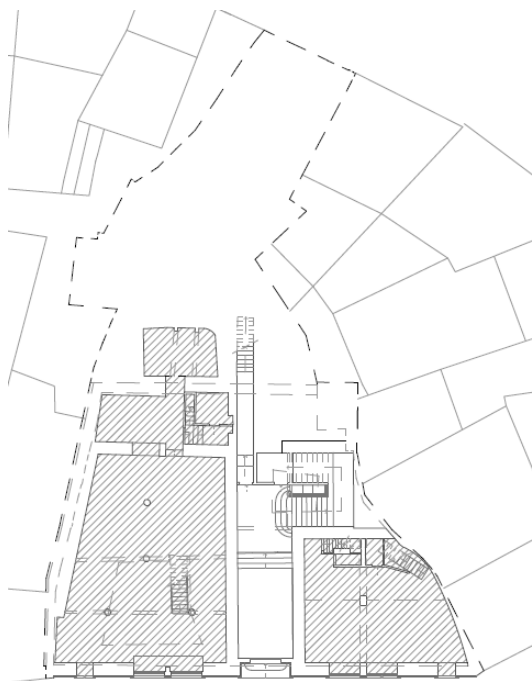


Imagem 58 - Levantamento da planta do piso 0 do edifício em estudo e piso 0 dos espaços comerciais anexos

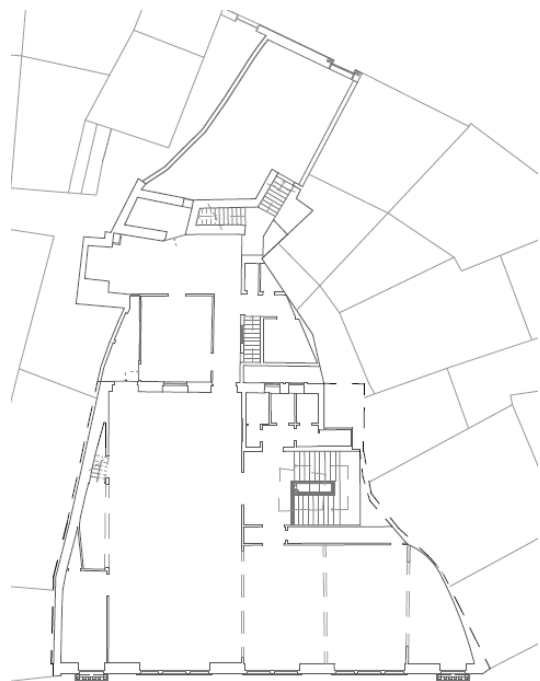


Imagem 59 - Levantamento da planta do piso 1 do edifício em estudo

A fachada principal do edifício está orientada para Sul. Esta encontra-se revestida quase na totalidade com azulejos cor-de-vinho com relevo e é encimada por uma cornija em pedra granítica, apoiada em quatro cachorros. A sua base é rematada em todo o comprimento por aplicações em pedra granítica. Os seus dezassete vãos são emoldurados por pedra granítica trabalhada. No piso 0, um destes vãos funciona como porta de entrada principal do Orfeão, outros quatro como janelas de montra para os dois estabelecimentos comerciais e dois como porta de entrada para os mesmos. No piso 1, dois vãos funcionam como janelas de sacada e os restantes oito como janelas de peito dos salões. A caixilharia das janelas e portas era originalmente em madeira, no entanto nos estabelecimentos comerciais foi alterada para alumínio. A porta de entrada do Orfeão é complementada por uma abertura decorada com elementos de ferro forjado e encimada por um frontão em pedra com um rosto de mulher. As janelas de sacada possuem, cada uma, uma pequena varanda com laje e proteção de corpo em pedra granítica, apoiada em dois cachorros no mesmo material. As janelas de sacada são de batente, enquanto as restantes do piso superior são de peito de guilhotina e as do piso inferior são fixas.

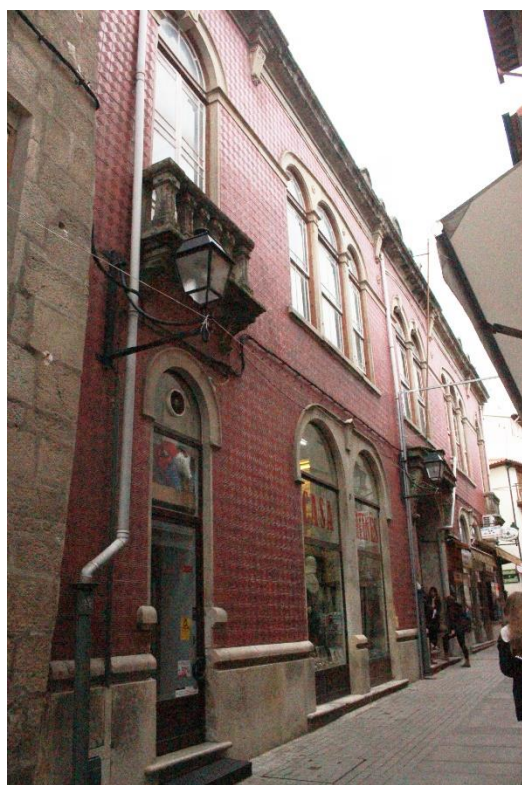


Imagem 60 e 61 - Alçado principal (Sul) do edifício em estudo

Proposta de Reabilitação para a Antiga Sede do Orfeão de Viseu

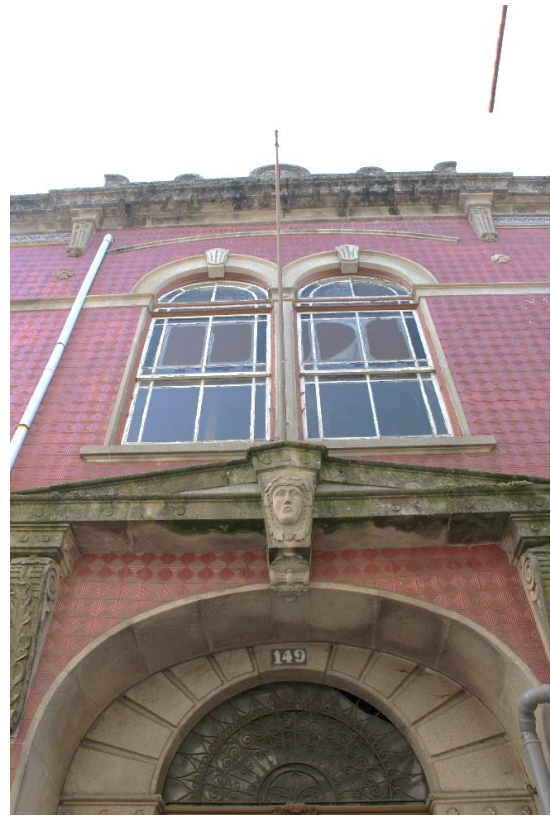


Imagem 62, 63 e 64 - Porta de entrada principal do edifício (em cima, à esquerda), janela dupla localizada na fachada principal do edifício (em cima, à direita), janela tripla localizada na fachada principal do edifício (em baixo)

O *hall* de entrada do edifício possui um pavimento cerâmico com motivos geométricos. As suas paredes de pedra são forradas por um painel de azulejos com motivos florais datados do ano 1912, encimados por uma barra de madeira de cor verde e reboco de cor branca. A cor verde repetir-se-á em praticamente todas as caixilharias dos vãos deste imóvel, bem como em vários apontamentos como corrimãos, rodapés, etc. Os azulejos repetem-se igualmente na zona da escadaria e *halls* de acesso. Da decoração interior do edifício destaca-se a grande escadaria de pedra granítica com corrimão em ferro forjado, os azulejos de 1912 com motivos florais nas paredes, as portas e as janelas e os desenhos nos pavimentos cerâmicos.



Imagem 65 - Porta e *hall* de entrada principal



Imagem 66 - *Hall* de entrada principal



Imagem 67 - Pavimento cerâmico com motivos geométricos presente no *hall* de entrada principal



Imagem 68 - Revestimento cerâmico com motivos florais na parede do *hall* de entrada principal

O *hall* principal dá acesso ao *hall* inferior da escadaria, que se encontra a uma cota superior. Este espaço permite o acesso à escadaria principal em granito, que possui um corrimão em ferro forjado de cor branca. Esta funciona através de dois lanços interrompidos por um patamar revestido com os mesmos elementos cerâmicos das divisões anteriores.



Imagem 69 - Escadaria de pedra granítica e *hall* inferior da mesma

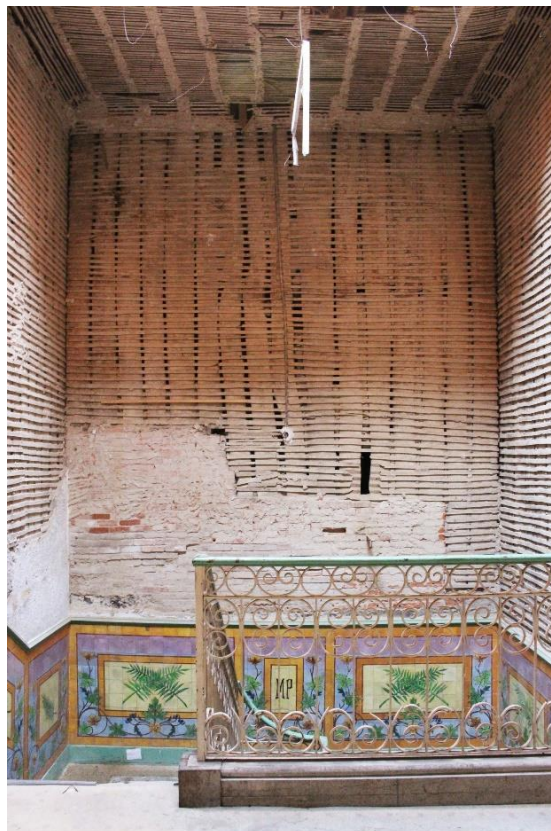


Imagem 70 - *Hall* superior da escadaria de pedra

A partir da escadaria acede-se ao *hall* superior com revestimentos iguais aos das divisões anteriores. Esta divisão, iluminada por um grande lanterna e com todas as paredes com tabique exposto, permite aceder aos dois salões e às instalações sanitárias. Estas são visivelmente mais recentes que o restante edifício, notando-se que foram adicionadas posteriormente. Os dois salões de espetáculo possuem um pavimento em tábuas de madeira e as paredes, outrora rebocadas, encontram-se agora com o tabique e a pedra expostos.



Imagem 71 - Arco em pedra granítica situado na base inferior da escadaria



Imagem 72 - Patamar da escadaria de pedra

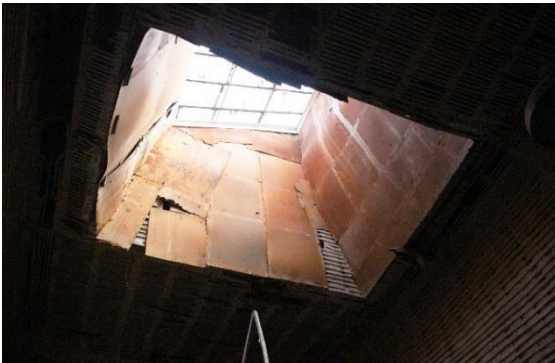


Imagem 73 - Lanternim situado por cima da escadaria



Imagem 74 - Hall superior da escadaria - acesso ao salão secundário (esquerda), salão principal (centro) e instalações sanitárias (direita)

O primeiro piso é ocupado na totalidade pelas antigas instalações do Orfeão, que se caracterizam por possuir duas salas de espetáculos, uma secretaria, instalações sanitárias, uma zona de copa e uma sala de jogos. O salão secundário - à esquerda de quem sobe a escadaria - é iluminado por seis grandes vãos e possui dois grandes arcos de madeira, emoldurando um deles, o grande palco existente nesta divisão. Esta possui ainda um pequeno compartimento para arrumos.



Imagem 75 - Salão secundário

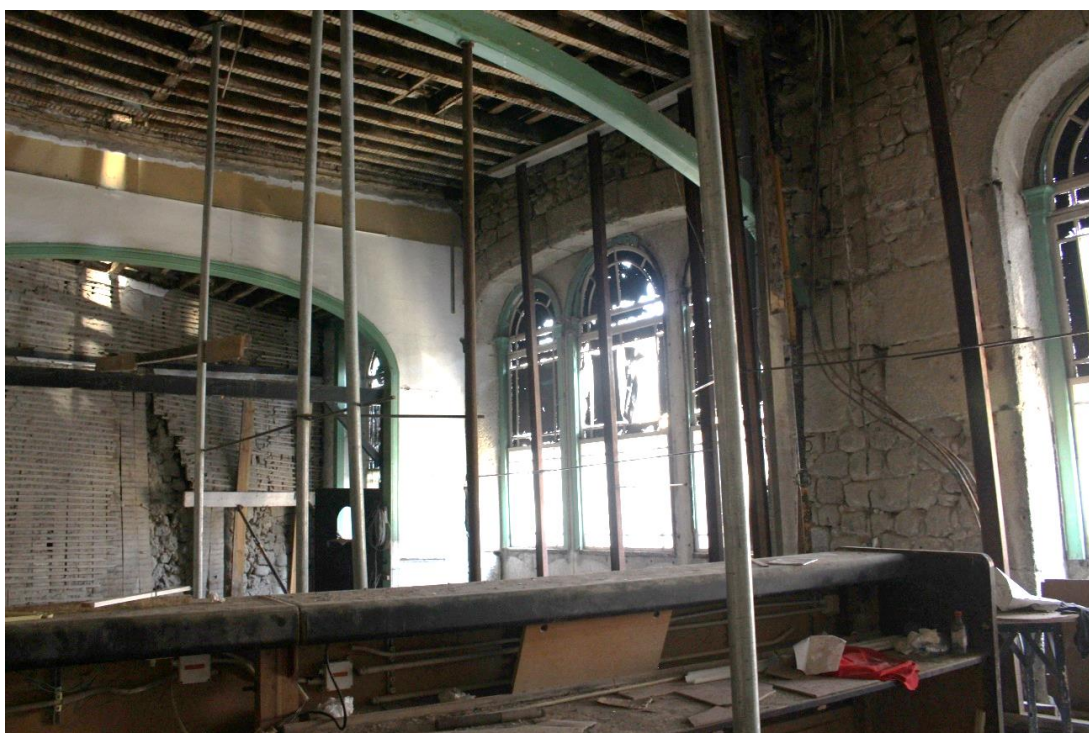


Imagem 76 - Salão secundário

Ao salão principal acede-se através do *hall* superior da escadaria, ao centro, ou pelo salão secundário, por uma grande porta de madeira em harmónio de doze folhas. Esta divisão é iluminada por três vãos e, ao centro da parede oposta à sua entrada encontra-se um palco emoldurado por um arco em madeira. Este salão dá acesso a duas pequenas divisões: do lado esquerdo do palco a secretaria, e do lado direito uma pequena sala técnica.



Imagem 77 - Salão principal e respetiva janela tripla - acesso ao salão secundário à esquerda



Imagem 78 - Salão principal - acesso para o *hall* superior (à direita) e para a sala de jogos e copa (ao fundo)

Este salão permite também aceder à zona da copa, sala de jogos e instalações sanitárias antigas. Estes espaços encontram-se bastante degradados e em algumas zonas a cobertura abateu.



Imagem 79 - Acesso à sala de jogos



Imagem 80 - Sala de jogos

A partir da copa é possível aceder ao logradouro do edifício, que se encontra acima do nível do primeiro piso, estando nivelado portanto, com a Rua da Boa Morte, na qual está também a zona tardoz da Sé Catedral de Viseu.



Imagem 81 - Entrada para o logradouro do edifício a partir da Rua da Boa Morte



Imagem 82 - Logradouro do edifício



Imagem 83 - Vista da entrada do logradouro do edifício a partir da Rua da Boa Morte - fachada tardez da Sé Catedral de Viseu

Atualmente o edifício encontra-se desocupado nas instalações do antigo Orfeão, sendo que os dois estabelecimentos comerciais existentes na base estão ainda em funcionamento.

Após a saída do Orfeão de Viseu do edifício em estudo, em 2006, este ficou fechado, praticamente abandonado, à exceção de algumas utilizações pontuais em eventos culturais, até ao ano de 2013. Neste ano foi adquirido pela Câmara Municipal de Viseu e proposto para funcionar como Universidade Sénior. Atualmente já estão a ser realizadas propostas para adaptar o edifício à sua nova função. Porém, nos anos em que se encontrou vazio, o edifício não foi alvo de qualquer manutenção, sofrendo uma degradação progressiva. Hoje o imóvel ainda se encontra num estado crítico, sendo alvo de infiltrações pela água das chuvas; as estruturas portantes dos pavimentos e da cobertura, em madeira, estão a apodrecer rapidamente, e há já algumas zonas impossíveis de percorrer por falta de segurança. Em algumas divisões ocorreu a cedência da cobertura e do pavimento; o revestimento da cobertura, em telha, encontra-se fissurado e incompleto. As paredes interiores, muitas delas em tabique, têm a madeira a apodrecer; os revestimentos das paredes interiores e exteriores encontram-se danificados (reboco, madeiras, azulejos); possui problemas a nível térmico e acústico, entre muitos outros.

4.4. Caracterização espacial

Em seguida apresenta-se a caracterização dos diferentes espaços existentes no edifício, primeiro ao nível da função que exercem e em segundo lugar ao nível da privacidade de cada um.

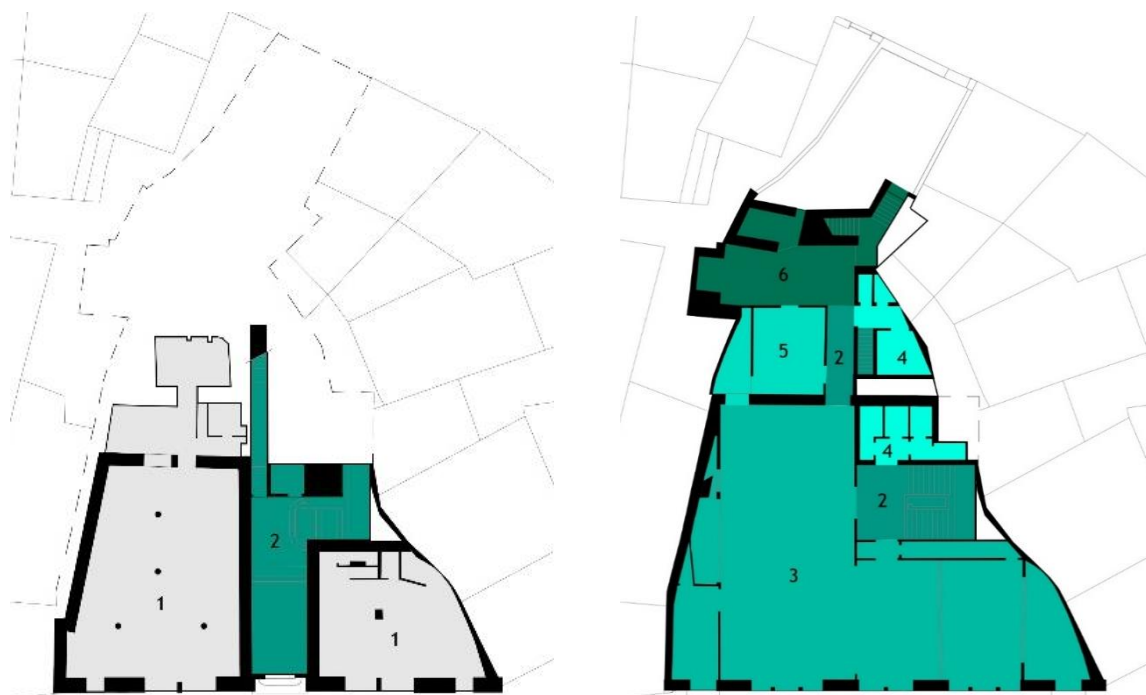


Imagem 84 e 85 - Caracterização espacial da planta de levantamento do piso 0 (esquerda) e piso 1 (direita)

Legenda das Imagens 84 e 85:

- 1. Espaço comercial
- 2. Acessos
- 3. Salas de espetáculo e respetivos espaços de apoio
- 4. Instalações sanitárias
- 5. Sala de jogos e respetivos espaços de apoio
- 6. Copa e respetivos espaços de apoio

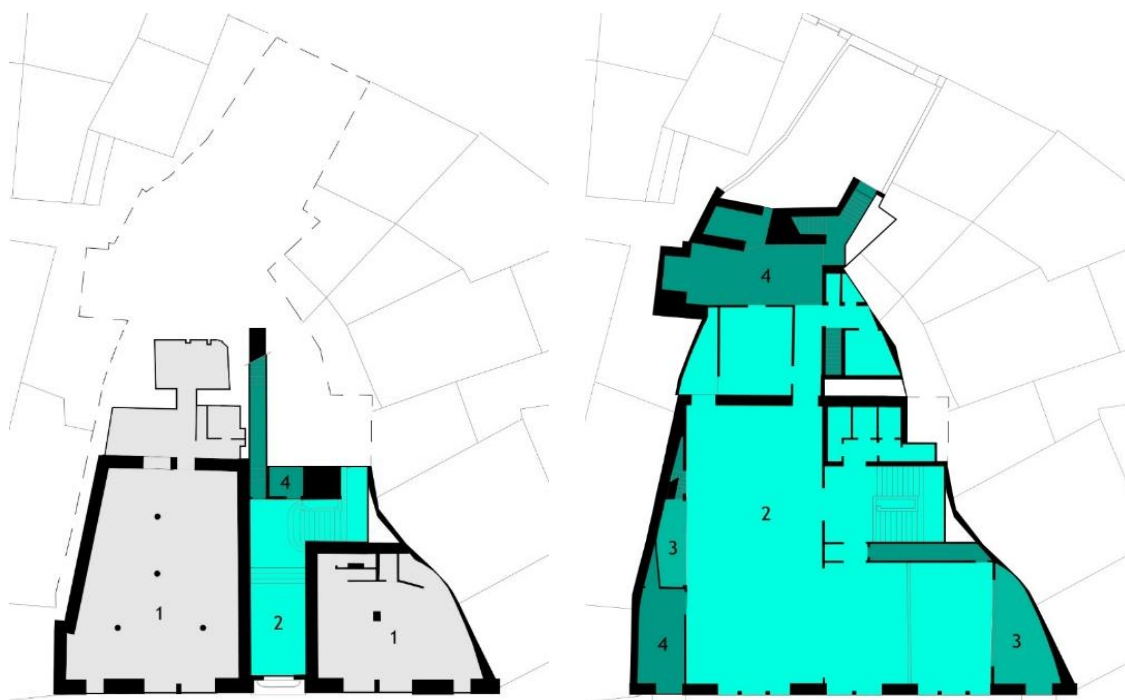


Imagem 86 e 87 - Caracterização de espaços públicos e privados da planta de levantamento do piso 0 (esquerda) e piso 1 (direita)

Legenda das Imagens 86 e 87:

- 1. Espaço comercial
- 2. Espaço público
- 3. Espaço semi-privado
- 4. Espaço privado

Apresenta-se um excerto do texto de apoio à visita autoguiada à antiga Sede do Orfeão de Viseu, retirado do Guião de Apoio para o evento *Freeze Viseu*, realizado no dia 19 de Novembro de 2016.

“Entramos no edifício e avançamos até à escada de pedra e, antes de começar a subir, constatamos a sua robustez, com grandes peças de granito cortadas em redondo nos primeiros degraus. À esquerda, o corrimão de ferro forjado e, a toda a volta, os painéis de azulejo de 1912, com grande força decorativa.

Subimos o primeiro lanço de escadas e paramos no patamar intermédio, sob o enorme lanternim, praticamente em ruínas, com a vida suspensa por sucessivos reforços que parecem apoiados neles próprios.

Olhamos a toda a volta. Estamos numa enorme gaiola de tabiques, onde a ausência do reboco deixa ver o todo o fasquiado e os prumos de madeira. A mão que despiu a estrutura das paredes, talvez a pensar demoli-la, tornou evidente a sua integridade, a sua coerência e a sua resistência.

Continuamos a subir e, seguindo em frente, entramos no salão principal. Viramos à direita e apressamos o passo até à parede do fundo em alvenaria de pedra. Voltamos-lhe as

costas para ver de frente as grandes janelas, encimadas por um arco de pedra de curvatura muito suave, um arco muito abatido. Interrogamo-nos sobre o seu funcionamento estrutural. Estará à compressão? Que carga suporta?

Aqui já não são os tabiques que nos prendem a atenção. À esquerda, uma grande porta branca de 12 folhas separa o salão da sala contígua. Por cima, uma enorme padieira, também em tabique, sem deformação, sem fissuras, escondendo, com toda a certeza, um artifício inteligente para conduzir as cargas superiores para o solo, evitando o caminho do vão da porta.

Adivinham-se, aqui e ali, pequenos segredos construtivos escondidos, pensados com pragmatismo e eficácia que agora importa conhecer para manter um equilíbrio que não cabe facilmente em qualquer modelo ou ferramenta de cálculo automático.

Avançamos e, logo a seguir à porta da entrada do salão, percebemos que os tabiques, altos e esbeltos, têm um reforço algo insólito. Olhamos à volta e há outros semelhantes: são carris de caminho-de-ferro.

Antes de retomar o nosso caminho, observamos o pavimento, com um soalho de longas peças de madeira que cobrem, sem emendas, toda a zona central, e o teto, muito degradado, onde descobrimos a sanca de contorno armada com uma floresta de pregos e um arame de trajeto irregular. (...)”¹⁹

¹⁹ Retirado de: “Texto de apoio à visita autoguiada por grupos ao edifício da Rua Direita, nº 149”; Guião de Apoio para o evento *Freeze Viseu* no dia 19 de Novembro de 2016 - “Um dia para conhecer e fazer um “instantâneo” do património edificado de Viseu”, p. 16.

4.5. Identificação de Patologias

Após as etapas de recolha de informação e levantamento do edifício procedeu-se à análise das diversas patologias verificadas. Algumas caracterizam-se por ter grande impacto e colocar em risco a salubridade e segurança do imóvel, enquanto outras não implicam grandes intervenções para serem solucionadas.

Em seguida apresenta-se uma tabela com a identificação das diversas patologias verificadas em cada divisão, bem como o estado de conservação de cada espaço.

Tabela 1: Identificação de patologias e estado de conservação de cada divisão

Piso	Divisão	Patologias Verificadas	Estado de Conservação
0	Hall de entrada principal	Humidade; Descasque do reboco	Razoável
0/1	Hall da escadaria	Humidade; Descasque do reboco; Exposição e destruição do tabique; Oxidação	Mau
1	Sala 1	Humidade; Descasque do reboco; Exposição e destruição do tabique	Mau
1	Sala 2	Humidade; Descasque do reboco; Exposição e destruição do tabique	Mau
1	Secretaria	Humidade; Descasque do reboco; Exposição do tabique; Fissuras	Razoável
1	Instalações sanitárias recentes	Humidade; Fissuras superficiais	Bom
1	Instalações sanitárias antigas	Humidade; Descasque do reboco; Fissuras; Desabamento da cobertura; Oxidação	Mau
1	Sala de jogos	Humidade; Descasque do reboco; Desabamento da cobertura e da laje	Muito mau
1	Copa	Humidade; Descasque do reboco; Fissuras; Desabamento da cobertura	Mau

Em seguida apresenta-se uma análise mais detalhada das patologias verificadas em cada divisão, bem como as possíveis causas do seu aparecimento.

Tabela 2: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis no *hall* de entrada principal

Piso	Divisão	Patologias Verificadas	Causas Possíveis
0	<i>Hall</i> de entrada principal	Humidade; Apodrecimento da estrutura de madeira do teto; Descasque do reboco das paredes; Conforto térmico e acústico deficiente	Mau isolamento térmico da divisão e acústico; Degradação dos componentes isolantes; Envelhecimento dos materiais



Imagem 88 - Localização do *hall* de entrada principal, piso 0

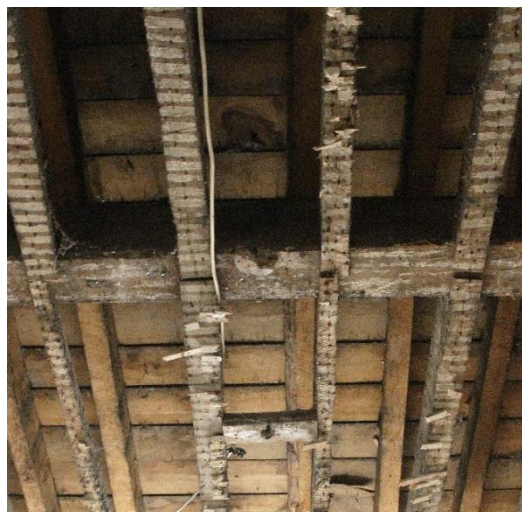


Imagem 89 - Patologias verificadas ao nível da estrutura de madeira do teto

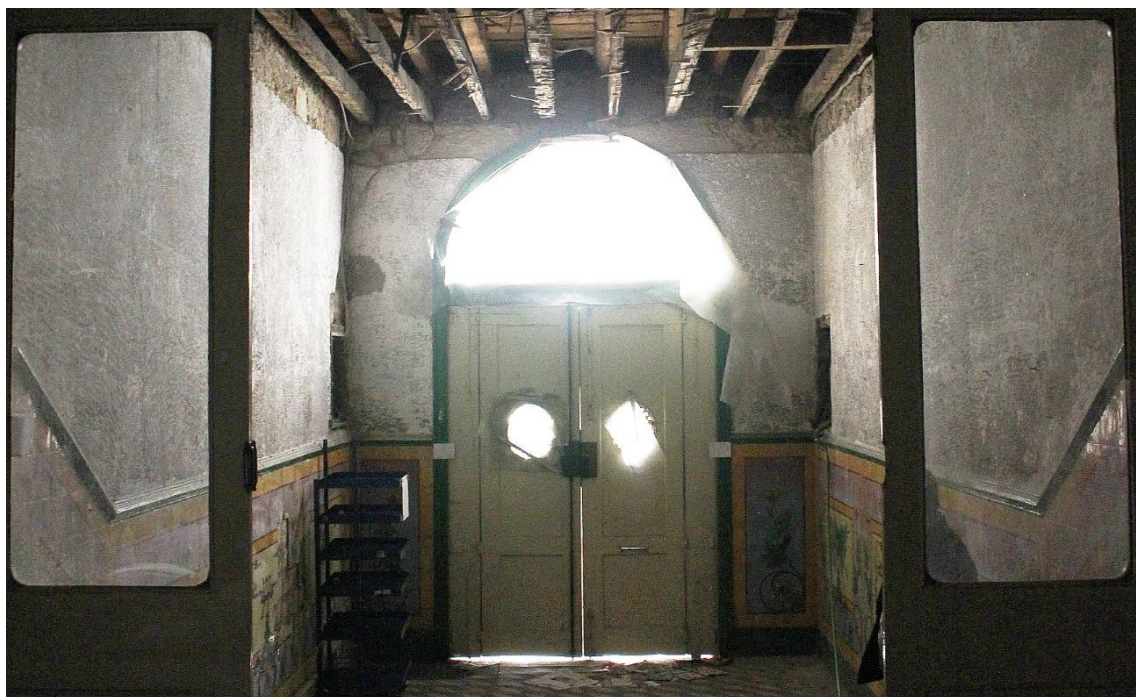


Imagem 90 - Patologias verificadas ao nível do reboco e da estrutura de madeira do teto

Tabela 3: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis no *hall* inferior e superior da escadaria

Piso	Divisão	Patologias Verificadas	Causas Possíveis
0/1	<i>Hall</i> da escadaria (inferior e superior)	Humidade; Apodrecimento da estrutura de madeira da laje; Descasque do reboco das paredes; Exposição e destruição do tabique nas paredes e teto; Oxidação dos componentes metálicos da claraboia; Degradação dos elementos de pedra	Mau isolamento térmico da divisão; Degradação dos componentes isolantes; Desgaste dos degraus por utilização; Envelhecimento dos materiais



Imagem 91 - Localização do *hall* inferior da escadaria, piso 0

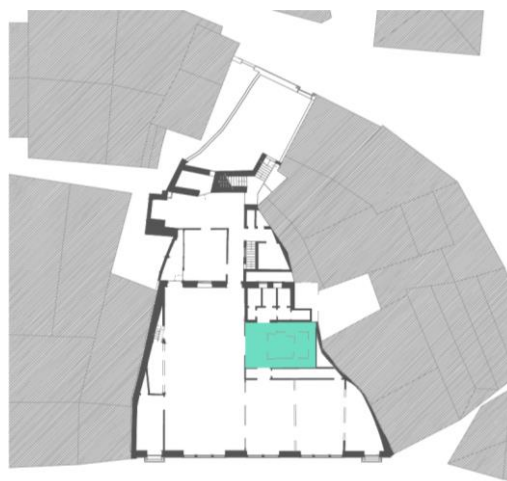


Imagem 92 - Localização do *hall* superior da escadaria, piso 1

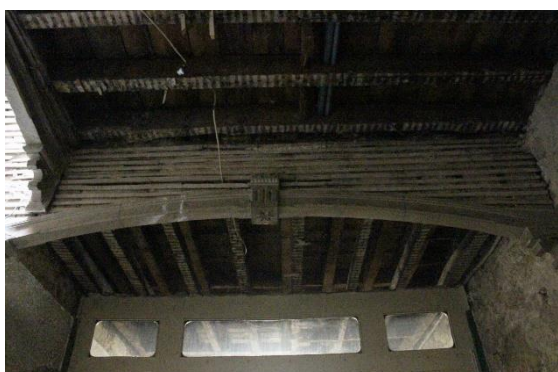


Imagem 93 - Patologias verificadas ao nível das paredes e da estrutura de madeira do teto no *hall* inferior da escadaria, piso 0



Imagem 94 - Patologias verificadas ao nível das paredes e da estrutura de madeira do teto no *hall* superior da escadaria, piso 1

Tabela 4: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis na sala de espetáculo 1

Piso	Divisão	Patologias Verificadas	Causas Possíveis
1	Sala de espetáculo 1	Humidade; Apodrecimento da estrutura de madeira da cobertura; Instabilidade da estrutura da laje e da cobertura; Descasque do reboco das paredes; Exposição e destruição do tabique das paredes; Conforto térmico e acústico deficiente	Mau isolamento térmico e acústico da divisão; Degradação dos componentes isolantes; Envelhecimento dos materiais; Fissuração ou perda de telhas na cobertura



Imagem 95 - Localização da sala de espetáculo 1, piso 1



Imagem 96 - Patologias verificadas ao nível das paredes

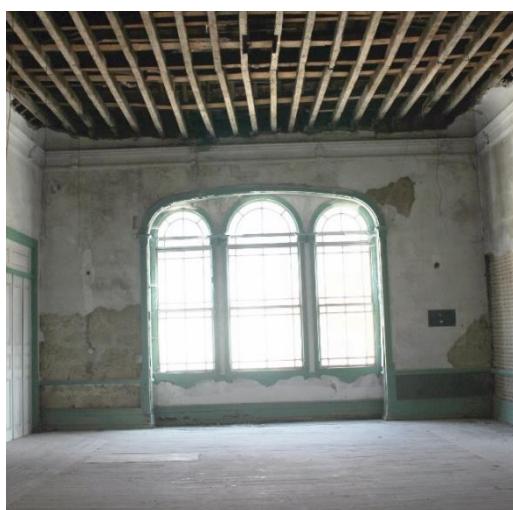


Imagem 97 - Patologias verificadas ao nível das paredes e estrutura de madeira do teto

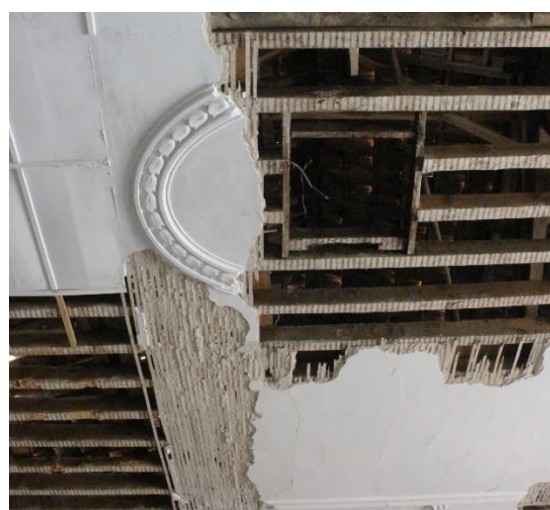


Imagem 98 - Patologias verificadas ao nível das paredes e estrutura de madeira do teto

Tabela 5: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis na secretaria

Piso	Divisão	Patologias Verificadas	Causas Possíveis
1	Secretaria	Humidade; Descasque do reboco; Exposição do tabique; Fissuras; Desagregação da parede de pedra	Mau isolamento térmico da divisão; Degradação dos componentes isolantes; Envelhecimento dos materiais



Imagem 99- Localização da secretaria, piso 1



Imagem 100 - Patologias verificadas ao nível das paredes



Imagem 101 - Patologias verificadas ao nível das paredes

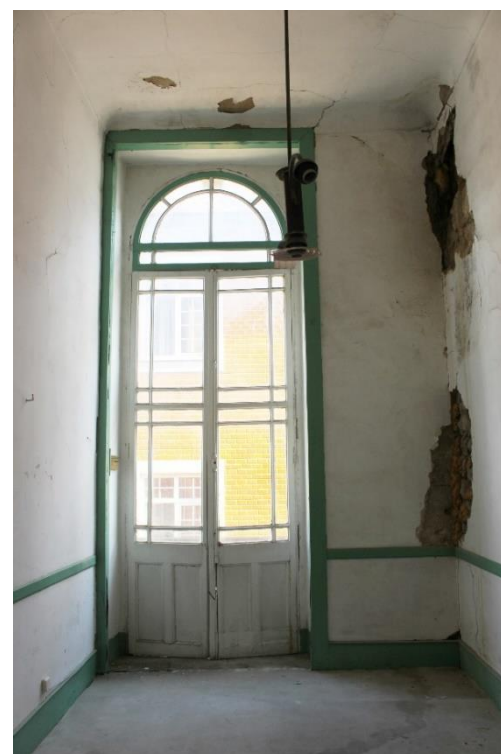


Imagem 102 - Patologias verificadas ao nível das paredes e teto

Tabela 6: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis na sala de espetáculo 2

Piso	Divisão	Patologias Verificadas	Causas Possíveis
1	Sala de espetáculo 2	Humidade; Apodrecimento da estrutura de madeira da cobertura; Instabilidade da estrutura da cobertura; Descasque do reboco das paredes e teto; Exposição e destruição do tabique das paredes	Mau isolamento térmico da divisão; Degradação dos componentes isolantes; Fissuração ou perda de telhas na cobertura

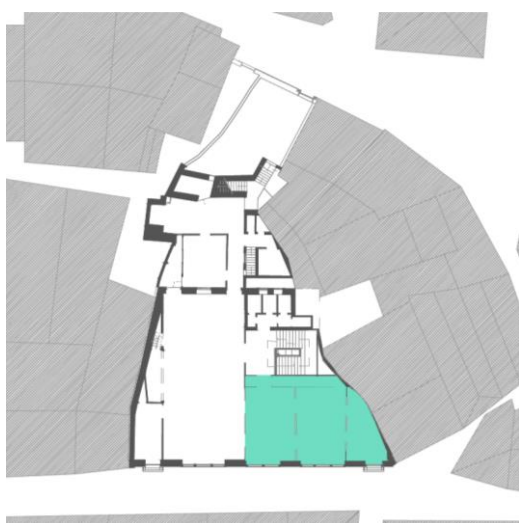


Imagem 103- Localização da sala de espetáculo 1, piso 1

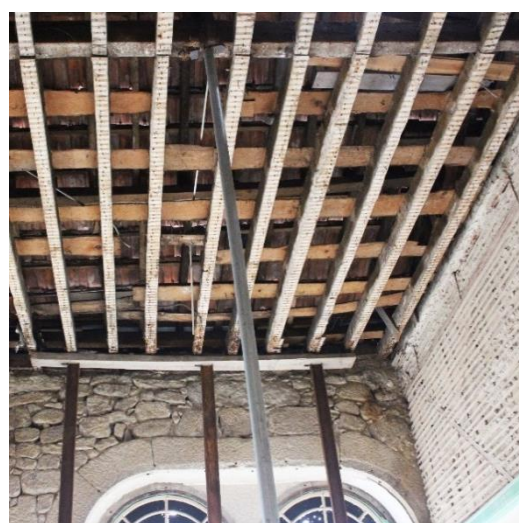


Imagem 104 - Patologias verificadas ao nível das paredes e estrutura de madeira do teto

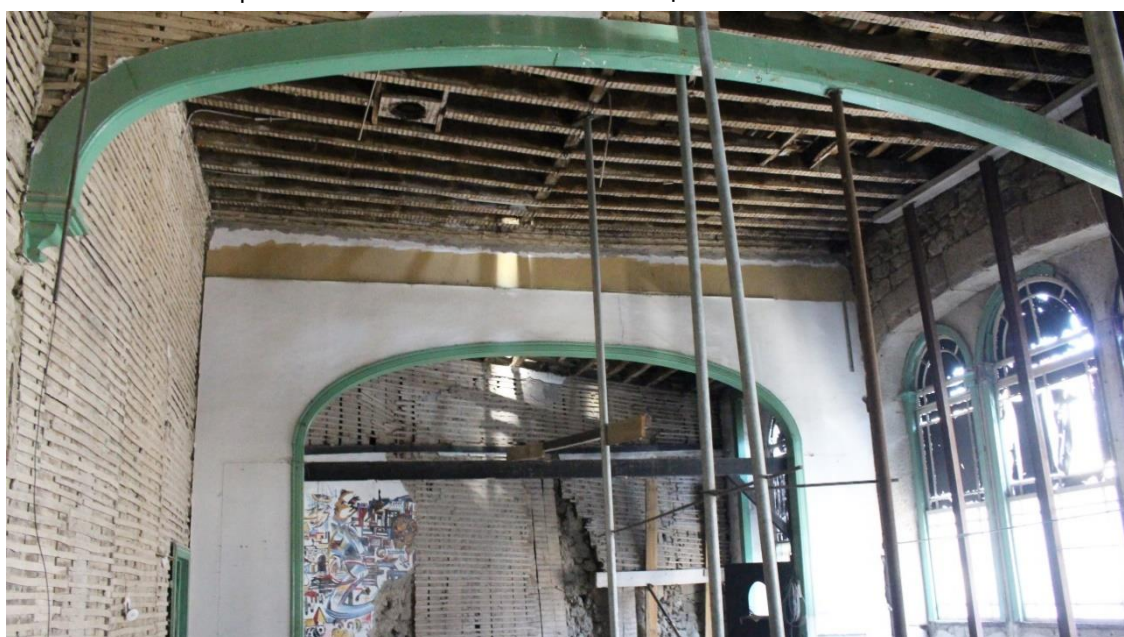


Imagem 105 - Patologias verificadas ao nível das paredes e estrutura de madeira do teto

Tabela 7: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis nas instalações sanitárias recentes

Piso	Divisão	Patologias Verificadas	Causas Possíveis
1	Instalações sanitárias recentes	Humidade; Fissuras superficiais nos elementos cerâmicos	Degradação e desgaste por utilização indevida

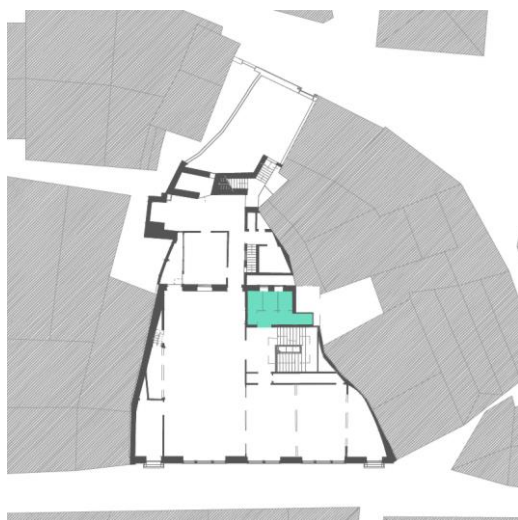


Imagem 106 - Localização das instalações sanitárias recentes, piso 1

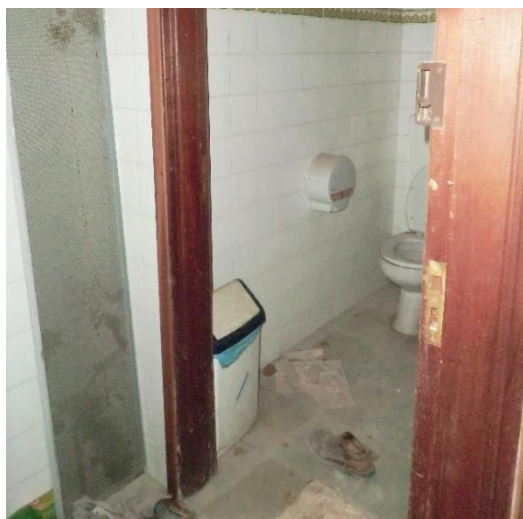


Imagem 107 - Patologias verificadas ao nível das paredes e pavimento

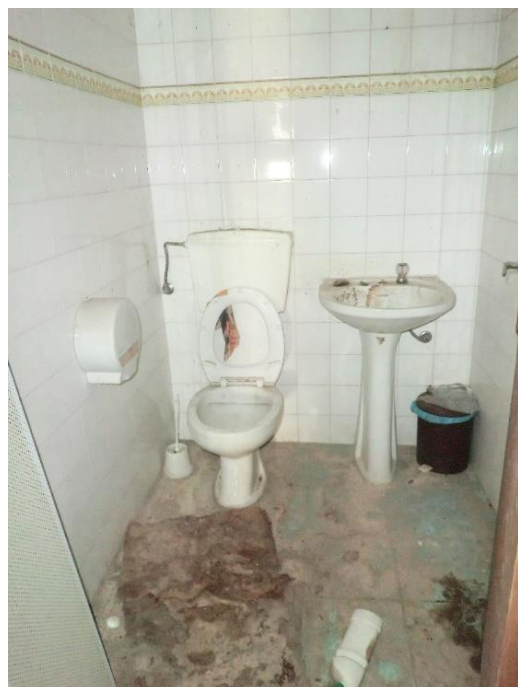


Imagem 108 - Patologias verificadas ao nível do pavimento



Imagem 109 - Patologias verificadas ao nível do pavimento, paredes e carpintarias

Tabela 8: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis nas instalações sanitárias antigas

Piso	Divisão	Patologias Verificadas	Causas Possíveis
1	Instalações sanitárias antigas	Humidade; Descasque do reboco das paredes; Fissuras; Desabamento da cobertura; Oxidação de elementos metálicos	Mau isolamento térmico da divisão; Degradação dos componentes isolantes; Envelhecimento dos materiais; Infiltração de agentes climatéricos

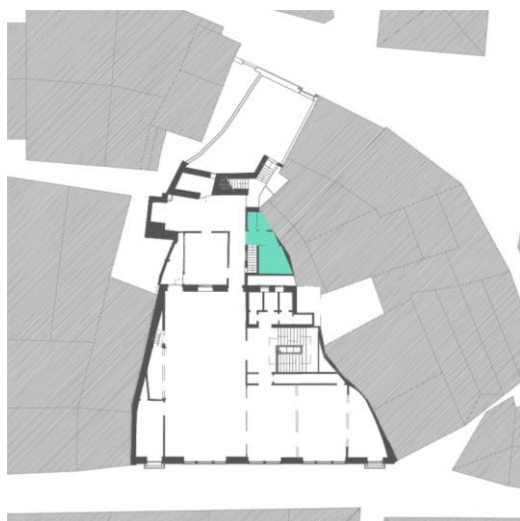


Imagem 110 - Localização das instalações sanitárias antigas, piso 1



Imagem 111 - Patologias verificadas ao nível do pavimento e paredes



Imagem 112 - Patologias verificadas ao nível das paredes e louças sanitárias



Imagem 113 - Patologias verificadas ao nível das paredes e pavimento

Tabela 9: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis na sala de jogos

Piso	Divisão	Patologias Verificadas	Causas Possíveis
1	Sala de jogos	Humidade; Descasque do reboco das paredes; Desabamento da cobertura e da laje; Desagregação das paredes de pedra	Infiltração de agentes climáticos

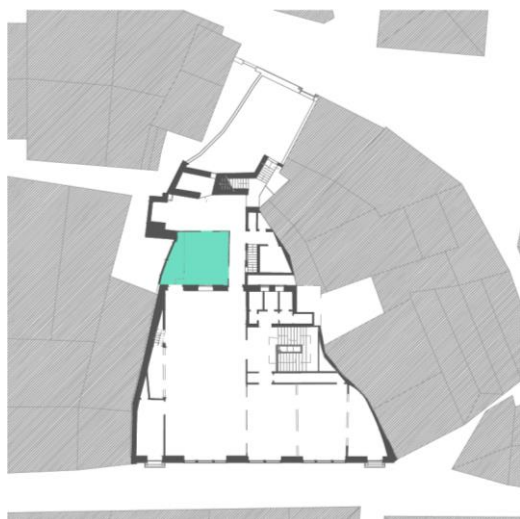


Imagem 114- Localização da sala de jogos, piso 1

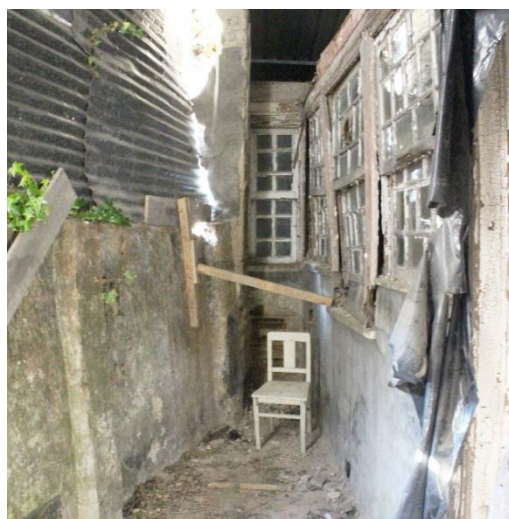


Imagem 115 - Patologias verificadas ao nível das paredes, pavimento e cobertura



Imagem 116 - Patologias verificadas ao nível das paredes, pavimento e cobertura



Imagem 117 - Patologias verificadas ao nível das paredes, pavimento e cobertura

Tabela 10: Análise das patologias verificadas e respetivas causas possíveis na copa

Piso	Divisão	Patologias Verificadas	Causas Possíveis
1	Copa	Humidade; Descasque do reboco; Fissuras; Desabamento da cobertura; Desagregação das paredes de pedra	Mau isolamento térmico da divisão; Degradação dos componentes isolantes; Envelhecimento dos materiais; Infiltração de agentes climatéricos; ausência de luz e ventilação naturais

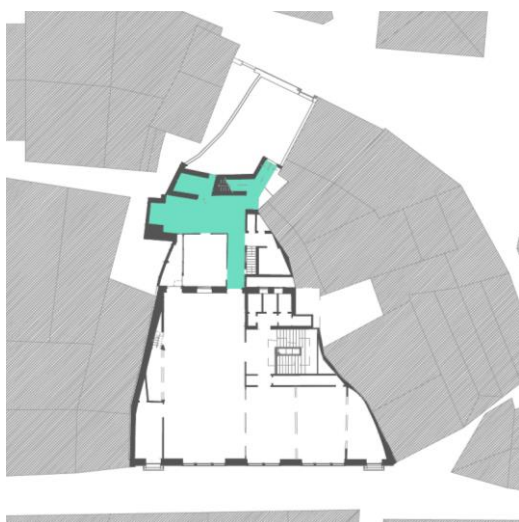


Imagem 118 - Localização da copa, piso 1



Imagem 119 - Patologias verificadas ao nível das paredes, pavimento e cobertura



Imagem 120 - Patologias verificadas ao nível das paredes, pavimento e cobertura



Imagem 121 - Patologias verificadas ao nível das paredes

4.6. Atitudes tomadas no âmbito da reabilitação da antiga Sede do Orfeão de Viseu

A antiga Sede do Orfeão de Viseu foi adquirida pela Câmara Municipal de Viseu no ano de 2013 no sentido de reabilitar o edifício, tomando a função de Universidade Sénior, com prazo de execução até 2020.

Atualmente estão a ser desenvolvidas propostas pela equipa de arquitetos pertencente à SRU (Sociedade de Reabilitação Urbana) de Viseu com o intuito de cumprir o objetivo proposto e deste modo revitalizar e requalificar a zona histórica de Viseu.

Sabe-se ainda que a SRU contratou a equipa da empresa Centímetro Certo e juntamente, elaboraram o levantamento arquitetónico do edifício da antiga sede do Orfeão.

Estão ainda a ser realizadas escavações no logradouro do edifício que revelam vestígios que parecem ser as fundações da construção anterior ao edifício atual.



Imagem 122 - Fotografia das escavações que estão a decorrer no logradouro do edifício - Fotografia da autora, tirada a 1 de Julho de 2016

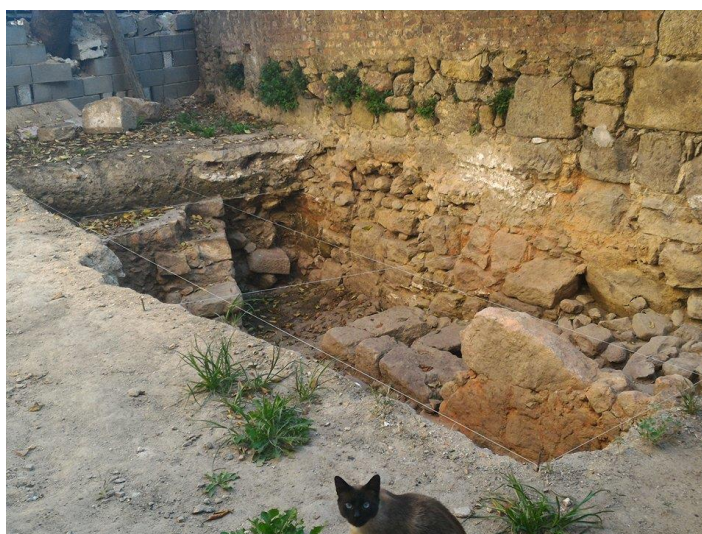


Imagem 123 - Escavações que estão a decorrer no logradouro do edifício - Fotografia da autora, tirada a 1 de Julho de 2016

Parte II

5. Casos de Estudo

Antes de iniciar o projeto de reabilitação para a antiga Sede do Orfeão de Viseu, foram analisados alguns casos de estudo, de modo a melhor compreender que estratégias têm sido tomadas em projetos com problemas similares. Escolheram-se dois exemplos que se identificam com o projeto em questão, ao nível do contexto e estratégias de projeto utilizadas.

Caso 1. Restauração e adequação das fachadas e da cobertura da Fazenda *Can Negre*. Recuperação de elementos originais desaparecidos.

Localização: Sant Joan Despi - Barcelona - Espanha

Século da Construção Original: XVII

Reabilitação: projeto Julho de 2008; obra Dezembro de 2011

Arquiteto da Reabilitação: josepllobetarquitectes, Arquiteto Josep Llobet

Prémios: 9ª edição dos Prémios Catalunya Construcció 2012

Este edifício cresceu a partir de uma base original que era uma “casa de vila” do século XIII, completamente rodeada por terrenos agrícolas.

A intervenção proposta centra-se na envolvente exterior da casa - as quatro fachadas e a cobertura. Depois de se analisarem devidamente todos os problemas implícitos à casa, procedeu-se à realização do projeto de reabilitação desta Fazenda.

A estrutura vertical da casa caracteriza-se por possuir uma grande variedade de materiais como lama, pedra, tijolo maciço manual, sendo a espessura desta entre 40 a 80 centímetros. O conjunto de uma grande diversidade de materiais, combinado com a idade do edifício e o contacto com o solo cria problemas de humidade por ação de capilaridade. Soma-se ainda a degradação provocada pelas diversas expansões e restaurações realizadas no edifício.

A reabilitação proposta pretendeu não só resolver problemas construtivos e técnicos, como também salvaguardar a história do edifício através da restauração de diversos elementos, bem com da identificação de outros que pertenceram ao edifício, já desaparecidos.

Após a resolução dos problemas existentes devido à humidade por capilaridade procedeu-se à pintura das fachadas, devolvendo-lhes a sua cor original. Este processo requereu estudos e pesquisas para determinar com precisão qual a cor original da Fazenda, tendo-se recorrido a arquivos que possuíam documentos gráficos com as cores da casa. Nas anteriores restaurações realizadas retirou-se toda a cor original, exceto nos locais onde esta era branca. Após três semanas de investigação foi possível determinar a cor mais próxima da original, que é a que agora reveste as fachadas da Fazenda Can Negre.

As madeiras existentes no edifício foram restauradas e reparadas, sendo que algumas necessitaram de substituição e reprodução de novos exemplares baseados nos originais. As cores de origem foram também reproduzidas - branco para as janelas e respetivas persianas, castanho para elementos fixos horizontais e verticais.

Todos os vidros foram substituídos sendo que, aqueles que possuíam algum tipo de gravação foram reproduzidos do mesmo modo (excetuando alguns, impossíveis de reproduzir por falta de informação). Todos os elementos de serralharia foram restaurados, substituindo-se as partes danificadas e em falta. O pavimento original encontra-se no antigo jardim em frente da casa, fazendo uma transição suave do exterior até ao interior. Relativamente à cobertura, manteve-se o estilo original em telha, tendo sido necessária a sua substituição de modo a resolver fissurações e problemas a nível de infiltrações pela água da chuva; foram também colocadas novas caleiras.²⁰



Imagem 124 - Estado da fachada principal antes da intervenção



Imagem 125 - Fachada principal da Fazenda Can Negro após intervenção



Imagem 126 - Desenho das fachadas laterais antes da intervenção (cima) e depois da intervenção (baixo)

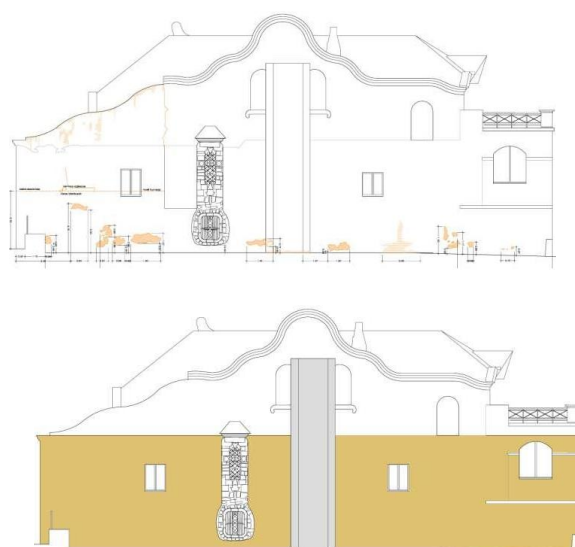


Imagem 127 - Desenho da fachada posterior antes da intervenção (cima) e depois da intervenção (baixo)

²⁰ Fonte (texto e imagens): “Josep Llobet - Reabilitación Can Negro”, fotografias de Lluís Bernat e Josep Llobet, artigo de Julho de 2012, <http://hicarquitectura.com/2012/07/josep-llobet-rehabilitacion-can-negro/>

Caso 2) Reabilitação do Estúdio Fotográfico Carlos Relvas

Localização: Golegã - Portugal

Século da Construção Original: XIX

Reabilitação: 2000

Arquiteto da Reabilitação: Victor Mestre e Sofia Aleixo

Numa primeira fase realizou-se um intensivo processo de recolha e estudo do edifício e respetivos elementos caracterizadores, bem como das patologias existentes.

Mais tarde deu-se início à criação do projeto de intervenção. O edifício em questão funcionava inicialmente como casa-estúdio, no entanto por se verificar uma ambiguidade espacial e incoerência formal, desvalorizando e descaracterizando o edifício, optou-se por definir que funcionaria apenas como estúdio fotográfico; este estúdio é o último exemplar intacto a nível mundial.

Definiu-se imediatamente que a intervenção iria basear-se numa reabilitação e restauro das estruturas primitivas, pois permitiria conservar a aparência e história do edifício. Todas as peças caracterizadoras foram desenhadas e inventariadas, de modo a permitir a sua aplicação após o seu restauro.

Verificou-se que algumas peças caracterizadoras se encontravam em falta, tendo sido necessária a sua reprodução com base em documentação existente.

Entendeu-se também que a intervenção deveria estabelecer harmonia entre os elementos e as técnicas novas com as pré-existentes, de modo a que as necessidades atuais fossem satisfeitas mas permitindo simultaneamente conservar o carácter da construção. Um pequeno anexo situado imediatamente ao lado do edifício, possibilitou implantar instalações sanitárias, bem como uma pequena loja com produtos relacionados com fotografia e um espaço museológico. A combinação do pavilhão anexo com o edifício antigo formam a totalidade do estúdio-fotográfico.²¹

²¹Fonte (texto e imagens): *Arquitectura Ibérica - Nº5 - Reabilitação Reabilitación*. Publicação bi-mes-tral. Casal de Cambra, Portugal, Edições Caleidoscópio, Novembro 2004. Pp 126 a 130.



Imagem 128 - Fachada principal do estúdio após intervenção

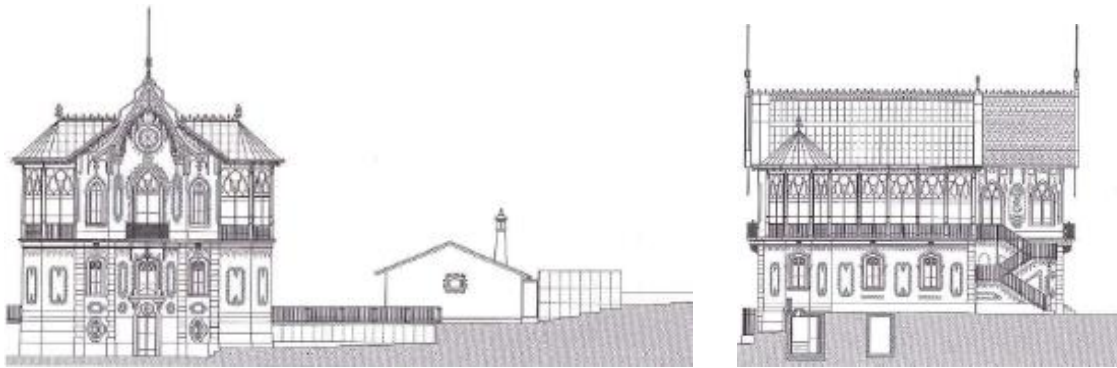


Imagem 129 e 130 - Levantamento do Alçado Sudeste (esquerda) e Alçado Nordeste (direita)

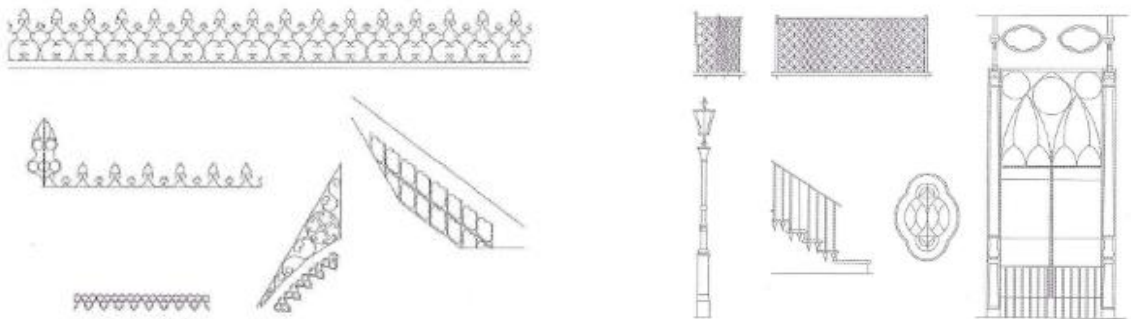


Imagem 131 e 132 - Levantamento dos elementos de ferro

6. Proposta de Reabilitação

6.1. Proposta

6.1.1. Conceito e Estratégias

O projeto apresentado consiste numa proposta de reabilitação para a antiga Sede do Orfeão de Viseu. Deste modo, para dar início ao trabalho foi necessário tomar algumas decisões tais como selecionar que área do edifício podia ser intervencionada, o que se pretendia e devia conservar, bem como que função se adaptaria melhor ao imóvel existente.

Numa primeira abordagem definiu-se que apenas a área do edifício anteriormente ocupada pelo Orfeão seria intervencionada. Isto significa que os espaços comerciais anexos no piso zero não iriam sofrer alterações. Esta decisão foi tomada tendo em conta que os espaços comerciais se encontram atualmente ocupados e em atividade. Este facto implica uma maior dificuldade em obter informação sobre essas áreas comerciais e realizar o levantamento das mesmas.

Ao analisar toda a história do edifício e ao estudar a área de edificado ocupada pelo Orfeão, deu-se início à definição da nova função para o espaço em questão. Tendo em conta que o mesmo possui dois grandes salões para espetáculo, bem como duas áreas de palco, definiu-se que se iria manter a componente artística do espaço, adaptando-o às necessidades atuais. Assim sendo, a proposta funcional é um Polo Cultural, podendo nele ser realizadas atividades como teatro, música, exposições, palestras, conferências, etc. Entende-se também, que a área intervencionada pode funcionar como um local de lazer e descontração através da criação de um espaço de cafetaria, atribuindo-lhe a possibilidade de exercer função como Café-concerto. Através da realização do levantamento do espaço, bem como dos respetivos vãos, pavimentos e elementos decorativos, definem-se as componentes que deveriam ser conservadas. A sua seleção teve em conta critérios como o estado de conservação dos mesmos, a possibilidade da sua recuperação e o relevo ao nível histórico do edifício.

6.1.2. Programa: Polo Multicultural e Café-concerto - Organização e caracterização de espaços

Para a reabilitação da antiga Sede do Orfeão de Viseu, assume-se que a entrada principal para o edifício se mantém. Assim, o piso 0 caracteriza-se por conter as áreas de receção ao imóvel e funciona como ponto de partida dos acessos verticais. Ao transpor a porta principal para o interior, encontra-se imediatamente o *hall* de entrada principal; esta divisão permite o acesso direto ao *hall* inferior da escadaria de pedra através de uma rampa, realizada em projeto. Este segundo espaço é aumentado, de modo a permitir que o edifício respeite as normas atuais de acessibilidade, através da inserção de um elevador. O ascensor inserido e a escadaria de pedra granítica preexistente permitem o acesso ao piso 1.

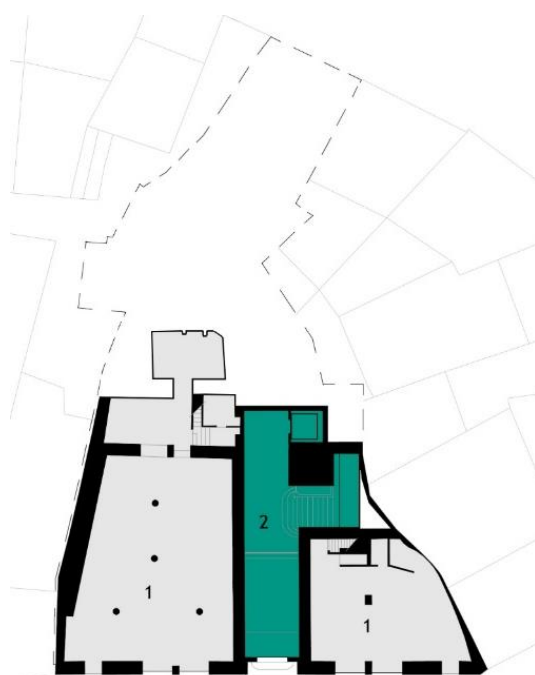


Imagem 133 - Caracterização de espaços da planta de projeto para o Piso 0

Legenda da imagem 133:

- 1. Espaço comercial
- 2. Acessos

O piso 1 divide-se essencialmente em duas partes: uma zona mais cultural, em que se encontram as salas de espetáculo e respetivos espaços de apoio e outra de cafetaria, cozinha e instalações sanitárias e os espaços complementares correspondentes.

O *hall* superior da escadaria de pedra é aumentado e funciona como distribuidor principal das duas salas de espetáculo, das instalações sanitárias públicas, do elevador e da área de cafetaria.

Em frente do topo da escadaria encontra-se a Sala de Espetáculo 1. Esta é constituída pela sala de espetáculo propriamente dita, camarins e sala de arrumos. A divisão permite também o acesso à cozinha, possibilitando o serviço de pequenas refeições neste espaço em determinados eventos. A sala em questão também faz conexão com a Sala de Espetáculo 2, através de uma grande porta de madeira de folha múltipla preexistente, posteriormente adaptada para deslizar e abrir completamente, permitindo que as duas salas formem uma só. A primeira sala é um espaço que pode ser utilizado de diferentes formas, dependendo da necessidade. O novo palco é móvel, possibilitando a sua deslocação para posições diferentes, ou até mesmo ser retirado por completo. Assim esta divisão pode ser ampla e multifuncional. A sala de espetáculo 1 tem como apoio dois espaços adjacentes: os camarins e a sala de arrumos; os primeiros ocupam a área anteriormente destinada à secretaria e a segunda ocupa os espaços anteriormente destinados ao palco e à sala técnica.

A partir do *hall* superior da escadaria, à esquerda do topo da mesma, é possível aceder à zona de espetáculo 2. Esta é constituída pela segunda sala de espetáculo, uma pequena receção e uma sala de arrumos, sendo que também tem acesso direto para a sala de espetáculo 1. A entrada para a sala, a partir do *hall*, é feita através de uma pequena receção, que permite a transição entre os dois espaços. Este salão conserva a sua organização espacial original, sendo que, tanto a área de palco como a de plateia se mantém. No entanto, o palco foi elevado e aumentado, permitindo maior visibilidade em alguns eventos para os espectadores e maior área de trabalho para os seus utilizadores.

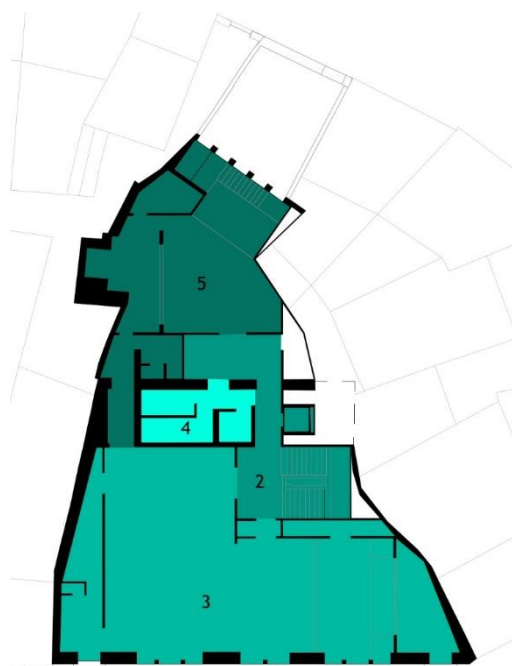


Imagem 134 - Caracterização de espaços da planta de projeto para o piso 1

Legenda da imagem 134:

- 2. Acessos
- 3. Salas de espetáculo e respetivos espaços de apoio
- 4. Instalações sanitárias
- 5. Cafeteria, cozinha e respetivos espaços de apoio

As duas salas de espetáculo podem ser utilizadas de múltiplas formas, dependendo da necessidade e dos eventos que se realizam em cada uma. Assim sugerem-se quatro possibilidades de organização.

Em primeiro lugar assumiu-se que poderiam existir duas salas de espetáculo individuais, sendo que cada uma teria a possibilidade de acolher simultaneamente uma função diferente. Estas estariam isoladas através de uma porta de madeira de folha múltipla deslizante, que se encontraria fechada. Assim a sala de espetáculo 1 teria como espaços de apoio os camarins e a respetiva sala de arrumos, e ainda a possibilidade de servir pequenas refeições através do acesso à cozinha. A sala de espetáculo 2 teria como espaço de apoio uma pequena sala de arrumos. A entrada para estes espaços seria feita pelas respetivas portas, a partir do *hall* superior da escadaria, sendo que para a sala 2 a entrada seria feita através de um pequeno compartimento que funcionaria como receção. Existiria também a hipótese de ambas as salas de espetáculo terem como apoio as instalações sanitárias para visitantes, bem como a cafetaria. No entanto, de acordo com a necessidade, os espaços de cafetaria e os espaços culturais poderiam ser isolados e funcionar autonomamente.

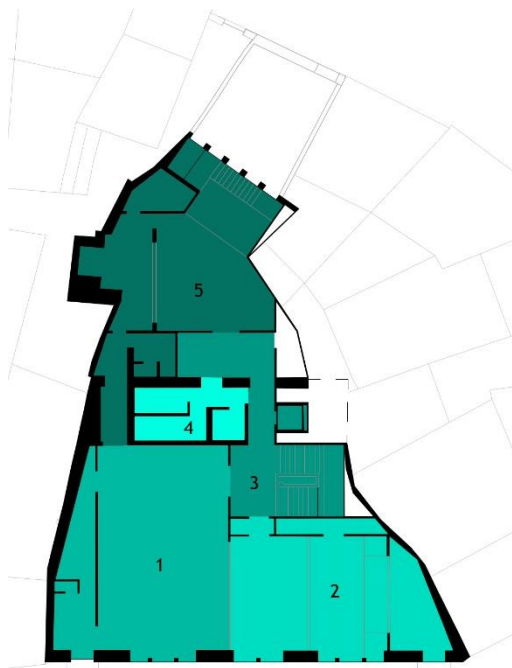


Imagem 135 - Proposta 1 para organização espacial do Piso 1

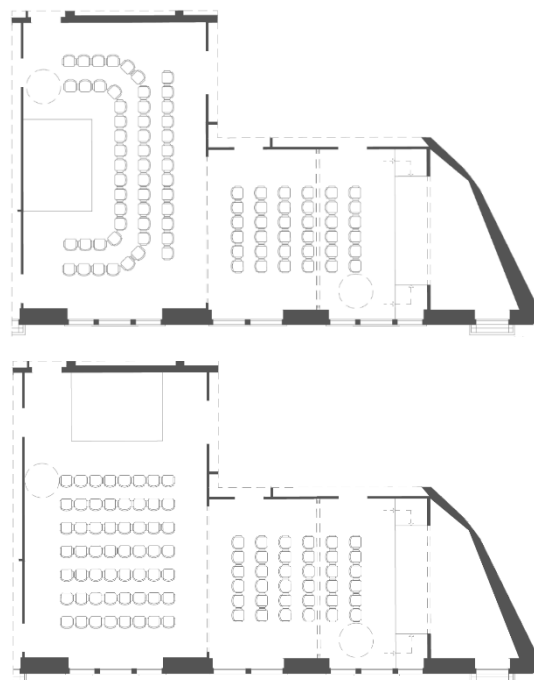


Imagem 136 e 137 - Sugestões de organização das salas para a Proposta 1

Legenda da imagem 135:

- 1. Sala de espetáculo 1
- 2. Sala de espetáculo 2
- 3. Acessos
- 4. Instalações sanitárias
- 5. Cafetaria, cozinha e respetivos espaços de apoio

A segunda possibilidade permitiria a definição de duas salas de espetáculo individuais, sendo que cada uma poderia ter simultaneamente uma função diferente. Estas encontrar-se-iam divididas por algum elemento móvel e de fácil colocação, como por exemplo uma cortina ou um toldo de alta densidade. Neste caso, a sala de espetáculo 1 seria de pequenas dimensões e poderia acolher pequenos eventos e a sala de espetáculo 2 seria de grandes dimensões, podendo acolher grandes eventos. Ambas as salas de espetáculo teriam como espaços de apoio os camarins e a sala de arrumos junto à sala 1. A sala 2 teria ainda a oportunidade de recorrer à respetiva sala de arrumos. A entrada para estes espaços seria feita pelas respetivas portas a partir do *hall* superior da escadaria. Soma-se ainda a possibilidade destes dois espaços utilizarem as instalações sanitárias para visitantes bem como a cafetaria.

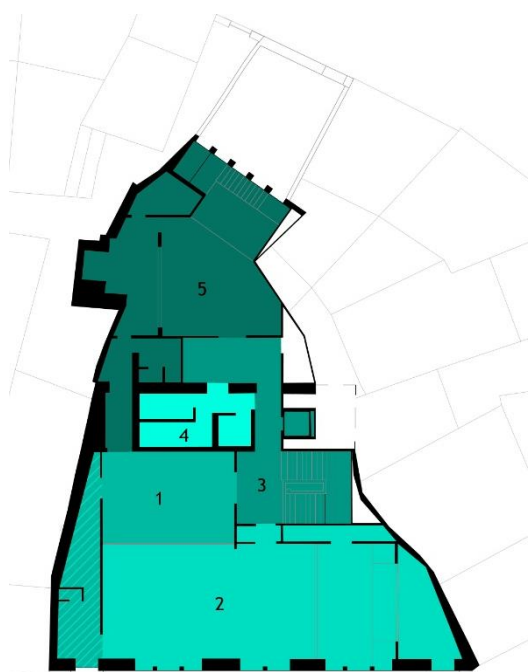


Imagem 138 - Proposta 2 para organização espacial

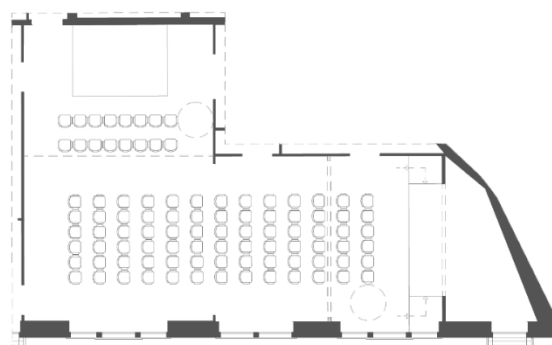


Imagem 139 - Sugestões de organização das salas para a Proposta 2

Legenda da Imagem 138:

- 1. Sala de espetáculo 1
- 2. Sala de espetáculo 2
- 3. Acessos
- 4. Instalações sanitárias
- 5. Cafetaria, cozinha e respetivos espaços de apoio

A terceira possibilidade permitiria a definição de duas salas de espetáculo distintas, de pequenas dimensões, podendo ter cada uma ao mesmo tempo uma função diferente. Encontrar-se-iam divididas por algum elemento móvel e de fácil colocação, como por exemplo uma cortina ou um toldo de alta densidade, e ainda uma porta de madeira de folha múltipla deslizante. Ambas as salas poderão albergar simultaneamente um pequeno evento como teatro, música, *workshops*, palestras ou exposições.

A sala de espetáculo 2 seria maior do que a sala 1, podendo portanto acolher eventos maiores do que a última. A sala de espetáculo 1 teria como espaços de apoio os camarins e a respetiva sala de arrumos, bem como a possibilidade de utilizar os serviços da cozinha, enquanto que a sala de espetáculo 2 poderia contar com a sala de arrumos que lhe está destinada. A entrada para estes espaços seria feita pelas respetivas portas a partir do *hall* superior da escadaria. As duas salas de espetáculo poderiam ainda utilizar as instalações sanitárias públicas para visitantes e a cafetaria.

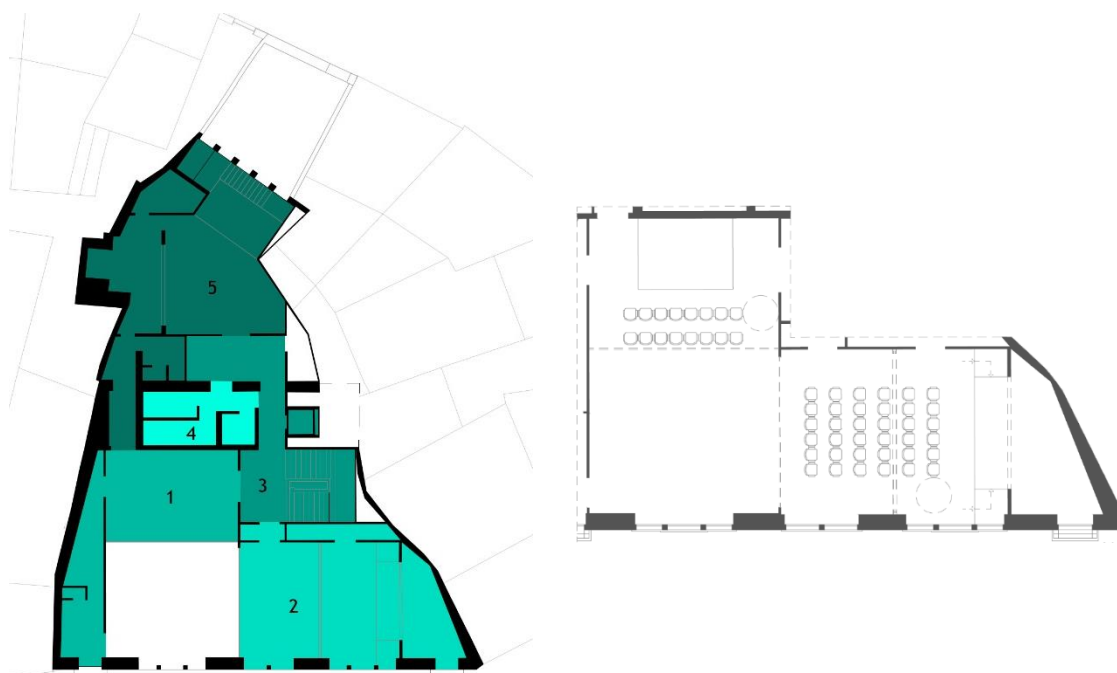


Imagem 140 - Proposta 3 para organização espacial

Imagem 141 - Sugestões de organização das salas para a Proposta 3

Legenda da Imagem 140:

- 1. Sala de espetáculo 1
- 2. Sala de espetáculo 2
- 3. Acessos
- 4. Instalações sanitárias
- 5. Cafetaria, cozinha e respetivos espaços de apoio

A quarta solução espacial permitiria a união das duas salas de espetáculo, formando apenas uma, de grandes dimensões. Assim sendo, todos os elementos que permitissem a divisão da mesma, estariam abertos. Deste modo, este espaço poderia acolher grandes eventos. A sala teria ao seu dispor os camarins e as salas de arrumos, bem como a possibilidade de utilizar os serviços da cozinha. A entrada da sala poderia ser feita quer pelas duas portas das salas ou apenas por uma. Acresce o facto de que esta sala de espetáculo poderia ter como apoio as instalações sanitárias para visitantes e a cafetaria. De acordo com a necessidade, os espaços de cafetaria e os espaços culturais poderiam ser isolados e funcionar autonomamente, através do fecho da receção da cafetaria.

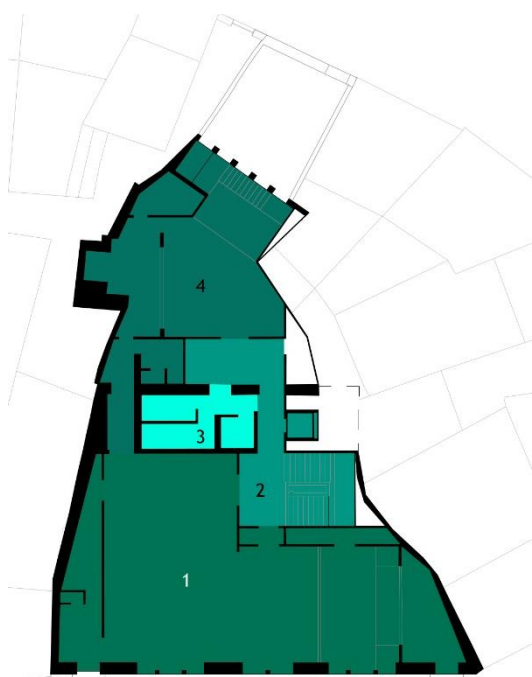


Imagem 142 - Proposta 4 para organização espacial

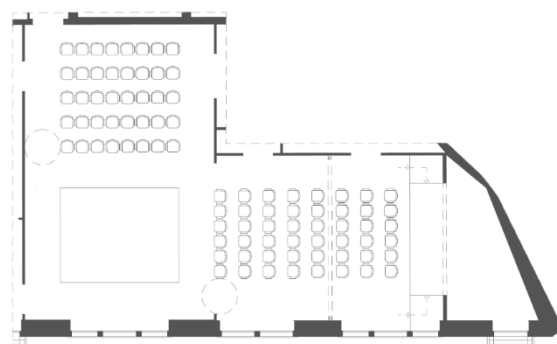


Imagem 143 - Sugestões de organização das salas para a Proposta 4

Legenda da Imagem 142:

- 1. Sala de espetáculo
- 2. Acessos
- 3. Instalações sanitárias
- 4. Cafetaria, cozinha e respetivos espaços de apoio

A partir do *hall* superior da escadaria é possível aceder igualmente às instalações sanitárias para visitantes. Estas ocupam uma parte da área anteriormente destinada ao salão principal. Existe uma pequena receção que faz a transição entre o *hall* e este espaço, fazendo ao mesmo tempo a distribuição das instalações sanitárias: femininas, masculinas e para utilizadores com mobilidade reduzida.

Através do *hall* é possível aceder à área de cafetaria e cozinha. Para o efeito, existe uma pequena sala que funciona como meio de transição de espaços, que permite não só o acesso às instalações sanitárias para visitantes, como também à zona da cafetaria e cozinha.

Esta faz também conexão com um espaço de arrumos que pode ser utilizado não só pela cafetaria, como também pelas salas de espetáculo.

As zonas de cafetaria e cozinha ocupam a área anteriormente destinada à sala de jogos, copa e instalações sanitárias antigas. O espaço de cafetaria é composto por uma pequena área de bar, que também permite o acesso à cozinha, um espaço lazer com mesas e sofá, e ainda uma pequena plataforma elevada que pode ser utilizada quer para mesas, quer para palco em pequenos eventos. A área de cafetaria passa a ocupar uma pequena área anteriormente pertencente ao logradouro. A mesma faz acesso direto através de escadas ao logradouro do edifício que se encontra a uma cota mais elevada, e que funciona como espaço para refeições ou lazer. A cozinha é um espaço constituído por quatro áreas principais: a área de trabalho, uma zona de despensa, um espaço de instalações sanitárias de serviço com zona de balneário, e também dois pequenos compartimentos que funcionam como espaço de arrumos e de acesso privado à sala de espetáculo 1, no caso de nela se servirem pequenas refeições. O espaço destinado à cozinha divide-se em duas áreas: uma destinada à confeção de refeições e outra de atendimento à zona de bar. A área de logradouro destina-se a um espaço de esplanada e também a uma zona relvada para descanso e lazer.

Relativamente à organização espacial do projeto de reabilitação, considera-se que são visíveis os limites entre espaços públicos e privados, sendo que se atribui importância à sua caracterização.

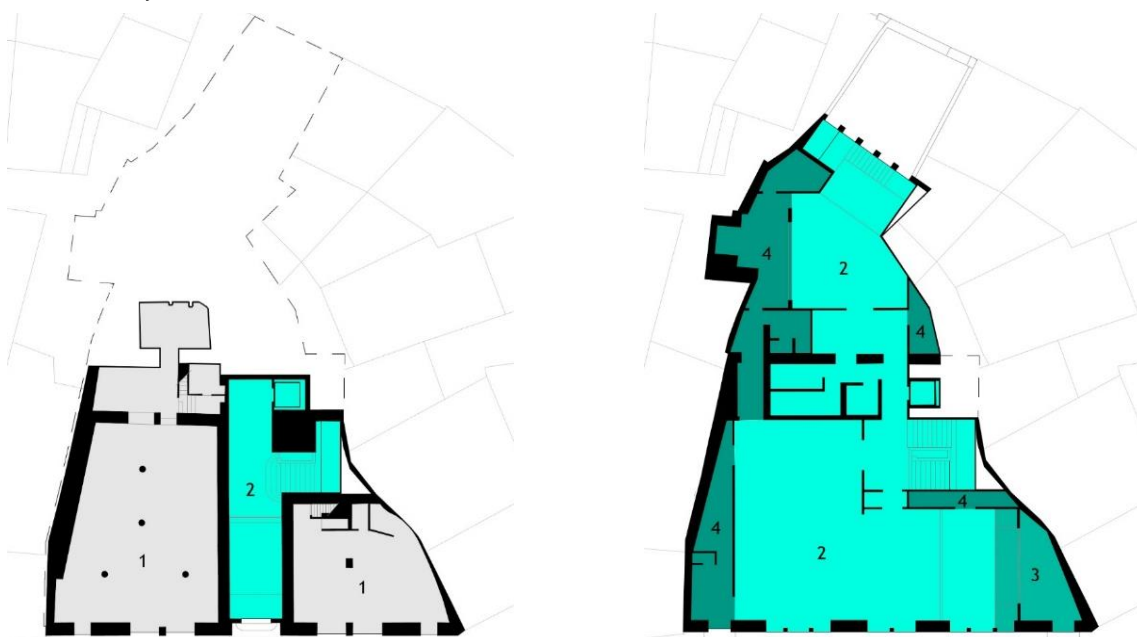


Imagem 144 e 145 - Caracterização de espaços públicos e privados da planta de projeto do piso

Legenda da Imagem 144 e 145 0 (esquerda) e do piso 1 (direita)

- 1. Espaço comercial
- 2. Espaço público
- 3. Espaço semi-privado
- 4. Espaço privado

6.1.3. Programa: Polo Multicultural e Café-concerto - Caracterização e intervenção material

Ao nível da intervenção material para esta proposta de reabilitação, devido às suas características, definiu-se que todos os elementos de carpintaria, cerâmicos, metálicos e outros elementos caracterizadores do edifício deveriam ser reutilizados e, se necessário, restaurados. No caso da última opção se verificar impossível, proceder-se-á sua reprodução exata com materiais novos. Porém, para respeitar o programa, foi necessário abdicar de alguns elementos existentes, sendo necessário recorrer a novos materiais e processos construtivos. Considerou-se assim, que sempre que possível, os métodos construtivos deveriam ser reversíveis e que os novos materiais utilizados deveriam provocar o menor impacto na construção existente.

Deste modo, a fachada principal conserva a sua aparência na totalidade, bem como a sua estrutura. Todos os elementos que se encontravam danificados foram reproduzidos de novo ou restaurados. As janelas são reproduzidas de raiz na sua aparência, sendo que a caixilharia permanece em madeira, de cor branca, com abertura em guilhotina e o vidro é duplo incolor. A porta de entrada principal é restaurada e com aplicação dos tratamentos necessários, aproveitando os elementos de carpintaria e metal. A segurança da mesma é reforçada de acordo com os padrões atuais. Ao nível do revestimento das paredes conservam-se todos os materiais, atribuindo-lhes os cuidados necessários para a sua manutenção (ver anexo 09-PE).

O *hall* de entrada principal conserva parte do revestimento cerâmico com padrão geométrico do pavimento, bem como a totalidade dos painéis de azulejo de motivos florais nas paredes, régulas e rodapés de madeira de cor verde-azulado. Os degraus de pedra granítica que permitiam o acesso à divisão seguinte são removidos e substituídos por uma rampa. Esta é revestida com material cerâmico antiderrapante, de cor cinza escuro, de modo a garantir a segurança e acessibilidade dos utilizadores. A porta que separa este espaço do seguinte é restaurada e os vidros são substituídos para garantir maior segurança e durabilidade dos mesmos. As paredes de pedra mantêm-se e são todas rebocadas e pintadas de branco, à exceção da que contém a porta de entrada principal que conserva exposta a pedra granítica. O teto é construído de novo, tendo atualmente ripas de madeira pintadas de cor branca.

A divisão seguinte, o *hall* inferior da escadaria, conserva na totalidade o revestimento cerâmico de padrão geométrico do pavimento, bem como os arcos de pedra granítica aqui existentes. Apenas uma pequena parte do revestimento cerâmico da parede é conservado - a parede mais próxima da escadaria de pedra - sendo que este espaço foi alargado, o painel cerâmico existente nas outras paredes foi interrompido, não se justificando a sua conservação neste local. No entanto, o mesmo foi reutilizado nesta divisão, na parede oposta à porta de entrada. Todas as paredes de pedra se mantêm, sendo rebocadas e pintadas de cor branca. O mesmo acontece com a nova parede estrutural que é em betão armado e remata a divisão, bem como com a parede em tijolo na zona do elevador. Elementos de carpintaria como régulas e rodapés de madeira de cor verde-azulado são conservados e, na área aumentada procedeu-se à reprodução exata dos mesmos, de modo a manter o caráter da divisão.

Para o revestimento do pavimento da área aumentada utiliza-se um material cerâmico antiderrapante, de cor cinza escuro. O teto, atualmente em ripas de madeira pintadas de cor branca, é construído de novo. No entanto a parte que reveste a área alargada é um teto falso em gesso cartonado hidrófugo de cor branca. Este *hall* permite aceder diretamente aos acessos verticais do edifício, ao elevador e à escadaria de pedra granítica.

A área que abrange a escadaria conserva em grande parte a sua aparência. Elementos como o corrimão em ferro forjado, o painel de azulejos com motivos florais, rodapés e réguas de madeira de cor verde-azulado, bem como o pavimento cerâmico de padrão geométrico existente no patamar da mesma, são conservados. No entanto, a base estrutural é nova, excetuando a escadaria de pedra. As paredes envolventes são substituídas por gesso cartonado hidrófugo suportado por uma estrutura metálica simples e pintadas de branco. O teto é agora em gesso cartonado hidrófugo e pintado de branco, plano em grande parte da área, mas respeitando a inclinação da cobertura na zona do lanternim. O lanternim existente é substituído e recolocado por outro, de formato retangular, situado apenas por cima do patamar da escadaria, conferindo ao restante espaço a sensação de luz natural zenital (ver anexos 07-PE, 10-PE e 11-PE).

No topo da escadaria encontra-se o *hall* superior da mesma, caracterizando-se por possuir grandes alterações a nível estético e estrutural. Primeiro, esta divisão sofreu modificações quanto à sua forma, tendo sido aumentada. Soma-se a estrutura portante do pavimento, que é completamente nova. Esta respeita o material da estrutura anterior - madeira - até aos limites originais deste espaço. Deste modo, assume-se que a estrutura que suporta o pavimento das salas de espetáculo e respetivos espaços de apoio são também em madeira. Esta é suportada pelas paredes estruturais de pedra granítica preexistentes. A área alargada do *hall* já possui por sua vez uma laje de betão armado, sendo que o mesmo acontece para as áreas ocupadas pelas instalações sanitárias para visitantes, zona de cafetaria e cozinha. O *hall* superior da escadaria tem um pavimento em soalho de madeira de carvalho, de modo a conferir a este espaço de grandes dimensões, uma aparência mais acolhedora. Conservam-se os elementos cerâmicos que revestem as paredes, bem como as réguas e rodapés de madeira de cor verde-azulado. As portas das salas de espetáculo são restauradas e mantidas.

As paredes da zona existente passa a ser de gesso cartonado hidrófugo suportado por uma estrutura metálica simples e pintadas de branco; excetua-se a parede que contém a porta da sala de espetáculo 1, que conserva o tabique exposto, tratado adequadamente de modo a evitar o apodrecimento do mesmo e degradação por presença de insetos xilófagos. Esta parede é conservada de modo a revelar um pouco da estrutura e métodos construtivos originais. A parte posterior desta parede, em contacto com a sala de espetáculo 1, é rebocada, não expondo o tabique. As paredes da zona alargada incluem o tijolo cerâmico na zona do elevador, o betão armado no limite das instalações sanitárias e pedra granítica, preexistente, na parte que faz a transição entre o *hall* e a área de cafetaria.

Todas estas paredes são rebocadas, pintadas de branco e rematadas com a reprodução exata das réguas e rodapés de madeira de cor verde-azulado, presentes no edifício, de modo a criar uma conexão com o preexistente. Os vãos existentes na área alargada são todos novos, de batente, em madeira e vidro e adaptados de acordo com os espaços em que se inserem. O teto deste espaço é plano em gesso cartonado hidrófugo de cor branca.

A sala de espetáculo 1 revela alterações ao nível da área ocupada, mas conserva em grande parte a sua aparência, à exceção da remoção do palco preexistente e de alguns vãos. Esta sala cede alguma da área original às instalações sanitárias para visitantes. As paredes da sala passam por ser em estrutura metálica e gesso cartonado hidrófugo de cor branca (na divisão entre a mesma o espaço de arrumos, camarins e sala de espetáculo 2), pedra granítica preexistente, rebocada e pintada de branco (no limite do exterior com a sala) e betão armado rebocado e pintado de branco na fronteira com as instalações sanitárias para visitantes. Conservam-se as réguas e rodapés de madeira de cor verde-azulado, fazendo assim uma alusão à aparência original da sala.

O palco original é removido e a carpintaria da sua moldura é restaurada e recolocada na zona de bar, na cafetaria. Os vãos preexistentes são restaurados e mantidos na sala mas com novas localizações; excetuam-se as janelas para o exterior, a porta junto à entrada da sala, e ainda uma porta e uma janela na parede que anteriormente separava a copa e a sala de jogos da divisão em questão. O pavimento é substituído por soalho de madeira de carvalho. O teto é plano em gesso cartonado perfurado hidrófugo de cor branca na zona central, enquanto nos limites da sala, o mesmo é rebaixado e em gesso cartonado hidrófugo de cor branca, criando uma espécie de sancas. Esta opção tem como intenção a colocação de luz artificial zenital neste espaço, de modo a criar um ambiente mais confortável e permitir a utilização de luz indireta e mais suave em determinadas ocasiões.

Funcionando como espaço de apoio à sala de espetáculo 1 estão os camarins. A porta de entrada é restaurada e realocada. A janela conserva a sua aparência mas é reproduzida do original. As novas portas são deslizantes, em madeira. O pavimento é substituído por soalho de madeira de carvalho. Conservam-se as réguas e rodapés de madeira de cor verde-azulado. As paredes que limitam a divisão com o exterior e com o edifício adjacente são em pedra granítica, rebocadas e pintadas de branco; as restantes são em gesso cartonado hidrófugo de cor branca, suportadas por uma estrutura metálica simples. O teto é igualmente em gesso cartonado hidrófugo de cor branca. A divisão adjacente, arrumos da sala 1, possuem as mesmas características materiais para os vãos (excetuando a janela), teto, paredes e pavimento; excetua-se o rodapé que é em madeira de carvalho.

A sala de espetáculo 2 tem como acesso não só o *hall* superior da escadaria, como também a sala de espetáculo 1. A partir do *hall* o acesso é feito pela porta original, restaurada, atravessando um pequeno espaço que funciona como receção; pela sala 1, o acesso é passível de ser realizado através de uma porta de 12 folhas preexistente, restaurada e adaptada para poder abrir em harmónio e recolher completamente sobre si própria quando aberta.

Assim, permite que as duas salas se unam formando uma só. Os vãos existentes são conservados, excetuando-se as janelas (novas mas que reproduzem o original) e a porta da sala de arrumos que se encontrava originalmente numa localização diferente do edifício, é agora restaurada e reutilizada. As paredes deste espaço são em gesso cartonado hidrófugo de cor branca nos limites com a sala de arrumos, receção e sala de espetáculo 2; as estruturas portantes dos arcos de madeira a meio da sala e na zona do palco, também restaurados, baseiam-se no mesmo princípio construtivo; a parede posterior do palco é igualmente do mesmo material, mas tem como base uma parede de pedra granítica preexistente que faz limite com o edifício adjacente. A parede que faz fronteira com o exterior é em pedra granítica rebocada e pintada de branco. O pavimento é completamente substituído por soalho de madeira de carvalho. O palco conserva a sua localização, porém é agora elevado, funcionando através de uma estrutura simples de madeira. Os rodapés e réguas de madeira de cor verde-azulado são restaurados na totalidade e conservados nos mesmos locais. O teto é em gesso cartonado hidrófugo de cor branca, sendo no entanto perfurado na zona central da sala e liso nos limites da mesma, bem como na zona de palco. Nas extremidades do teto, junto às paredes, o mesmo é rebaixado com a intenção de colocar luz artificial zenital, tal como na sala 1. Para a sala de arrumos e para a receção, o teto é plano em gesso cartonado hidrófugo branco, bem como as paredes; o pavimento é soalho de madeira de carvalho e o rodapé em madeira de carvalho.

No *hall* superior da escadaria, em frente à entrada do elevador encontra-se um dos acessos para as instalações sanitárias destinadas ao uso dos visitantes. Este espaço está delimitado por paredes de betão e pedra granítica preexistente, permitindo um maior isolamento desta área com as restantes, tanto a nível acústico como a nível de humidade, criando um zona águas isolada, assemelhando-se a uma caixa-forte. Estas instalações dividem-se em quatro zonas: receção, instalação sanitária masculina, instalação sanitária feminina e instalação sanitária para utilizadores com mobilidade reduzida. A divisão entre a receção destes espaços e as instalações sanitárias faz-se através de paredes em gesso cartonado hidrófugo revestidas por material cerâmico. Estes elementos repetem-se em todos os limites interiores das instalações sanitárias à exceção de uma parede de pedra granítica preexistente, que se encontra exposta na receção e nas instalações sanitárias femininas. A utilização do betão com o gesso cartonado hidrófugo reforça o conforto a nível acústico e térmico destes espaços; este aspeto permite também a introdução de tubagens nas paredes. O teto é em gesso cartonado hidrófugo pintado de branco. Os vãos são todos novos, de batente, em madeira (sendo que a porta de entrada principal da receção é em madeira e vidro), excetuando uma porta reutilizada, preexistente, que permite o acesso à receção da cafetaria.

Os espaços da receção à cafetaria, cozinha e respetivos espaços de apoio ocupam a área anteriormente destinada à sala de jogos e copa, sendo que foi necessário aumentar o espaço, prolongando-o para o logradouro, de modo a satisfazer as exigências do programa.

Estes espaços são completamente reconstruídos de raiz, implicando uma remodelação estrutural praticamente completa. Excetuam-se algumas paredes de pedra estruturais exteriores que delimitam o edifício lateralmente.

A receção tem o pavimento revestido por soalho de madeira de carvalho e encontra-se delimitada por uma parede de pedra granítica estrutural preexistente à vista, do lado da área de espetáculos. Do lado oposto existe uma parede com componente em estrutura metálica e gesso cartonado hidrófugo (do lado da cafetaria) e placas de madeira de carvalho (do lado da receção). As duas paredes sobranes são em gesso cartonado hidrófugo pintado de cor branca, rematadas na base com rodapés simples em madeira de carvalho. Os vãos desta divisão são todos novos - de batente, de madeira e vidro (a porta de *hall* e a da cafetaria) e deslizante de madeira (a dos arrumos), à exceção da porta que dá acesso à receção instalações sanitárias. O teto é em gesso cartonado hidrófugo, pintado de cor branca. Este espaço recebe iluminação natural vertical através de um lanternim, que ocupa grande parte da área do teto do mesmo. O espaço de arrumos, anexo à receção, tem paredes em gesso cartonado hidrófugo pintado de cor branca, com rodapés simples e soalho no pavimento, ambos em madeira de carvalho.

Na área de cafetaria é possível encontrar a zona de bar que reutiliza o arco do palco original da sala 1, de madeira de cor verde-azulado; os restantes vãos desta divisão são novos. A parede que delimita o espaço de cozinha tem uma porta de batente, em madeira e vidro; as portas de entrada pelo exterior são de batente, em vidro; as janelas são fixas, em vidro duplo, incolor e com caixilharia metálica oculta. O espaço em questão está revestido com paredes em gesso cartonado hidrófugo pintado de cor branca, à exceção de duas delas, sendo que uma, na zona do sofá, possui estrutura de madeira com painéis de madeira de carvalho, e a parede que separa a cafetaria do exterior é em betão armado rebocado e pintado de cor branca. Esta parede funciona como um muro de suporte para contenção de terras, visto o logradouro do edifício se encontrar a uma cota acima da da cafetaria. O pavimento da divisão é em madeira de carvalho e o teto em gesso cartonado hidrófugo pintado de cor branca, sendo rebaixado no perímetro que delimita a zona das mesas, albergando iluminação artificial zenital.

A entrada para a cozinha a partir da cafetaria faz-se junto à zona de bar. A área da cozinha é composta por 5 zonas: cozinha, despensa, instalações sanitárias para funcionários e duas zonas de acessos privados. A cozinha propriamente dita divide-se em dois espaços: zona de confeção e zona de atendimento à cafetaria, que se separam através da colocação de bancadas de cozinha e uma lâmina de vidro fosco. Todos estes espaços são revestidos por material cerâmico tanto nas paredes como no pavimento; o teto é em gesso cartonado hidrófugo e pintado de cor branca. Os materiais utilizados foram pensados tendo como objetivo a criação de espaços limpos e de fácil manutenção. As diferentes zonas complementares à cozinha encontram-se separadas por paredes em gesso cartonado hidrófugo, sempre revestidas em materiais cerâmicos; aquelas que fazem limite com o exterior são de pedra granítica preexistente e betão (ver anexos 08-PE, 10-PE e 11-PE).

Na zona de logradouro, o alçado posterior existente é demolido e construído um novo, adaptado à nova estrutura do edifício. Opta-se por adaptar a organização do espaço partindo da geometria que os vãos da cafetaria transmitem. Assim, segue-se o alinhamento vertical dos mesmos transpondo-o para o desenho do pavimento do logradouro, na horizontal. Deste modo o desenho e organização do espaço é simples e constituído por linhas retas, incorporando nele todo o espaços, desde o pavimento que alberga a zona de refeição, passando pela zona relvada, o caminho que liga a entrada da cafetaria à saída do logradouro. O portão de entrada pelo logradouro é restaurado e reaproveitado. A parede que se encontra em contacto com a cafetaria é em betão armado à vista, permitindo assim haver uma ligação entre o contemporâneo e o antigo através da cor cinza, que remete para a cor da pedra granítica existente nos edifícios na envolvente e na base estrutural do Orfeão. Permite também fazer um contraste de materiais e distinguir a época dos diferentes edifícios.

A cobertura original é completamente substituída, dando lugar a uma nova que se adapta à estrutura atual. Esta apoia em estrutura metálica, suportada pelas paredes de pedra granítica preexistentes, bem como pela parede de betão da nova fachada. A cobertura total do edifício divide-se em duas partes: uma com duas águas em telha cerâmica Lusa, estando a cumeeira paralela à fachada principal, retomando a sua aparência original. Esta abrange a área das salas de espetáculo, escadaria e instalações sanitárias públicas. A segunda parte é apenas de uma água, revestida a chapa de zinco de cor preta, e abrange a área de cafetaria e cozinha. Todas as caleiras e tubos de queda são novos e adaptados à nova estrutura. Os tubos de queda que percorrem a fachada principal foram pensados para que a sua presença provocasse o menor impacto visual possível, não descaracterizando a mesma (ver anexo 06-PE).

7. Conclusão

A realização deste trabalho permitiu melhor compreensão de uma realidade que anteriormente se revelava pouco concreta para a autora - a reabilitação e restauro do património arquitetónico. O perceber as verdadeiras dificuldades implicadas nesta atividade manifestou-se progressivamente, aquando da realização das diferentes etapas deste trabalho. Cada uma trazia consigo novos desafios, muitos deles desconhecidos até então. No entanto, todos eles continham novos conhecimentos que permitiram a autora desenvolver o trabalho.

A primeira etapa, que consistiu na recolha de informação, revelou-se como sendo bastante desafiante. Esta requereu a ajuda de várias entidades, entre as quais a Câmara Municipal de Viseu, a Sociedade de Reabilitação Urbana de Viseu, o Orfeão de Viseu, o Arquivo Municipal de Viseu, a Biblioteca Municipal de Viseu entre outros. As diversas entidades mostraram sempre grande amabilidade e disponibilidade aquando da solicitação da sua colaboração.

Por vezes, obter contactos e autorizações para visitar o edifício em estudo, a disponibilidade de horários e o facto das entidades se encontrarem dispersas pela cidade de Viseu, o saber com quem falar para obter ajuda, tornou este passo mais difícil. Apesar de algumas dificuldades foi uma etapa bastante satisfatória, pois foi a primeira vez que a autora teve de recorrer a este conjunto de processos para obter informação, que lhe permitiram o contacto com diferentes pessoas, inclusive profissionais da mesma área, contribuindo imenso para a formação como profissional e para o crescimento a nível cultural e pessoal.

Posteriormente organizou-se a informação adquirida e iniciou-se a construção da base teórica do trabalho, tendo em conta o enquadramento histórico, social e económico do edifício, que permitiu avançar mais tarde para a construção da base prática do mesmo. Verificou-se alguma dificuldade em conseguir conciliar a informação que foi dada pelas diferentes entidades e aquela que foi recolhida no edifício. Em algumas situações a informação que era dada não correspondia ao que se pretendia ou era insuficiente para se dar início ao projeto, no entanto contribuiu sempre para melhor compreensão do edifício, dos seus usos e história. Outras vezes a quantidade de informação era tanta que se tornava difícil lidar com ela, saber o que era relevante e como utilizá-la.

Mais tarde procedeu-se à realização do desenho de levantamento do edifício, tendo trazido também consigo alguns desafios e dificuldades. Foi necessária uma conjugação das diferentes informações facultadas de modo a construir um desenho único. Por exemplo, aquando do levantamento dos vãos combinaram-se as fotografias tiradas no imóvel com o desenho em CAD fornecido, de modo a que fosse possível representar de modo mais fidedigno cada exemplar. O mesmo aconteceu para os desenhos de levantamento da planta, cortes e alçados. Foi necessário recorrer ao desenho em CAD, às fotografias do local e às conclusões retiradas com as diversas visitas ao imóvel, de modo a construir os desenhos da forma mais correta possível tendo em conta a informação que se tinha em posse.

Posteriormente iniciou-se o projeto de reabilitação do edifício. Esta etapa trouxe consigo mais dificuldades entre as quais: saber o que conservar do edifício existente e o que deixar para trás; conciliar o programa para o qual se pretendia adaptar o imóvel, com as limitações do espaço existente; eleger quais as melhores medidas a tomar ao nível dos materiais e dos

espaços de modo a conservar o cariz histórico do edifício; intervir de forma responsável, de modo a que algumas das atitudes possam ser reversíveis no caso de uma futura reabilitação; conjugar as condições atuais de acessibilidades num edifício histórico que não foi pensado para as conter, entre tantos outros desafios que surgiram ao longo do processo. Foi portanto, uma etapa bastante exigente que requereu muita dedicação e em muitas situações o trabalho realizado teve de ser repensado, pois concluía-se que não era coerente com os objetivos pretendidos. Por outro lado mostrou-se ser extremamente compensador, porque resultou numa grande aprendizagem sobre edifícios antigos, materiais a utilizar em reabilitação, atitudes que se devem ter e quais se devem desprezar, e acima de tudo foi gratificante ver as ideias da autora concretizadas num edifício que tanto significado tem para a mesma.

Por fim, considera-se que este trabalho foi extremamente enriquecedor, funcionando como um compilar de todo o conhecimento adquirido desde o início do percurso académico e das experiências ao longo da vida, bem como mais um passo para o crescimento da autora a nível profissional e pessoal. Espera-se que este projeto funcione como objeto motivador para a realização de trabalhos futuros, tendo como base o tema da reabilitação, não só por parte da autora como daqueles que consultarem este trabalho.

8. Referências Bibliográficas

Livros:

APPLETON, João. *Reabilitação de Edifícios Antigos - Patologias e Tecnologias de Intervenção*. Alfragide: Edições Orion, 2ª edição, 2011.

WILKINSON, Philip, 2011. *50 Ideias de Arquitectura que Precisa Mesmo de Saber*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 1ª edição, 2011.

SILVA, Jorge Henrique Pais da; CALADO, Margarida, 2005. *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*. Lisboa: Editorial Presença, 1ª edição, 2005.

Dicionário Universal Escolar de Língua Portuguesa, Lisboa, Texto Editora, 9ª Edição, Fevereiro de 2001.

Dissertações:

FERREIRA, Paula Cristina Cardoso. *A Rua Direita, em Viseu: importância histórica, património e memória desta artéria. Da degradação à recuperação urbana*. Dissertação de Mestrado em Estudos do Património. Universidade Aberta. Lisboa, 2010.

RODRIGUES, Artur João Gama. *Proposta de Reabilitação de Habitação em Meio Rural Sítio da Mãe-de-Deus, Ilha da Madeira*. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura. Universidade da Beira Interior. Covilhã, Fevereiro de 2016.

GOMES, André Filipe Ferreira. *Requalificação de Edifício Fabril na Ribeira da Carpinteira - Covilhã*. Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura. Universidade da Beira Interior. Covilhã, Outubro de 2011.

Revistas:

Parque Expo 98, S.A. 2011. *Estudo de Enquadramento Estratégico da Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística*. Viseu, 2011.

CABRITA, Prof. Arq. António Manuel Reis; LEMOS, Arq. Eduardo Mascarenhas de; AMARAL, Arq. Francisco Pires Keil; outros. 2010. *Apresentação do Guia para a Reabilitação do Centro Histórico de Viseu*. Braga, 1ª edição, Novembro de 2010.

Câmara Municipal de Viseu; Viseu novo, SRU, 2011. *Programas de Apoio Financeiro para Recuperação de Habitações*. Viseu, 2011.

Município de Viseu; Viseu Património, 2016; *Guião de Apoio - Freeze Viseu*. Viseu, Novembro de 2016.

Arquitectura Ibérica - Nº5 - Reabilitação Reabillitación. Publicação bimestral. Casal de Cambra, Portugal, Edições Caleidoscópio, Novembro 2004.

Publicações Digitais:

www.cm-viseu.pt. Viseu Viva - Plano de Ação para a Revitalização do Centro Histórico de Viseu. Setembro 2014. Município de Viseu

Internet:

- www.racius.com/levantamento-arquitectonico-antigo-edificio-do-orfeao-de-viseu/, consultado a 22 de Fevereiro de 2016
- viseumais.com/viseu/autarquia-adquire-antigo-edificio-do-orfeao-de-viseu/, consultado a 22 de Fevereiro de 2016
- viseunovo.pt/source/newsletters/2ek8ew267gu8g8g4o8.pdf, consultado a 22 de Fevereiro de 2016
- viseumais.com/viseu/orfeao-de-viseu-comemora-83-anos-com-sarau-cultural-e-encontro-de-coros/, consultado a 23 de Fevereiro de 2016
- orfeao-de-viseu.no.sapo.pt/História.html, consultado a 23 de Fevereiro de 2016
- viseumais.com/viseu/reabilitação-do-centro-historico-de-viseu-conheceu-forte-avanco-em-2015/, consultado a 2 de Março de 2016
- jograisdevisu.no.sapo.pt/Orfeao.htm, consultado a 2 de Março de 2016
- fotosviseu.blogspot.pt/2009/09/futura-sede-do-orfeao-de-viseu.html#uds-search-results, consultado a 2 de Março de 2016
- <http://www.guiadacidade.pt/pt/distrito-viseu-18>, consultado a 14 de Março de 2016
- <http://www.cidadeviseu.com/historia-de-viseu>, consultado a 14 de Março de 2016
- http://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/viseu_eleita_a_melhor_cidade_do_paiacutes_para_viver.html, consultado a 14 de Março de 2016
- <http://www.portugal-live.net/P/places/viseu.html>, consultado a 14 de Março de 2016
- <http://www.portugal-live.net/P/places/viseu.html>, consultado a 15 de Março de 2016
- <http://www.history.com/topics/industrial-revolution>, consultado a 30 de Julho de 2016
- <http://www.visitcentrodeportugal.com.pt/pt/se-catedral-de-viseu/>, consultado a 2 de Agosto de 2016
- <http://www.visitcentrodeportugal.com.pt/pt/igreja-da-misericordia/>, consultado a 2 de Agosto de 2016

- <http://www.visitcentrodeportugal.com.pt/pt/praca-d-duarte/>, consultado a 2 de Agosto de 2016
- http://www.monumentos.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=23881, consultado a 2 de Agosto de 2016
- <http://www.visitcentrodeportugal.com.pt/pt/igreja-dos-terceiros-de-sao-francisco/>, consultado a 2 de Agosto de 2016
- <https://www.visitportugal.com/pt-pt/NR/exeres/662BEADA-386F-434A-B5B9-976BCA0F15ED>, consultado a 2 de Agosto de 2016
- <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70458/>, consultado a 2 de Agosto de 2016
- <http://www.visitcentrodeportugal.com.pt/cava-do-viriato/>, consultado a 2 de Agosto de 2016
- <http://www.arquiteturaportuguesa.pt/conceitos-de-reabilitacao/>, consultado a 4 de Agosto de 2016
- <http://hicarquitectura.com/2012/07/josep-llobet-rehabilitacion-can-negre/>, consultado a 10 de Agosto de 2016
- [https://www.infopedia.pt/\\$revolucao-industrial](https://www.infopedia.pt/$revolucao-industrial), consultado a 24 de Outubro de 2016
- www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/habitacao/construcao/construcaosustentavel.html, consultado a 24 de Outubro de 2016
- <http://www.arquiteturaportuguesa.pt/conceitos-de-reabilitacao/>, consultado a 24 de Outubro de 2016
- <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/patrim%C3%B3nio>, consultado a 24 de Outubro de 2016
- https://issuu.com/joaohenriquealmeida/docs/livro_de_associativismo_1__edi__, consultado a 25 de Outubro de 2016
- <http://meloteca.com/coros.html#ov>, consultado a 25 de Outubro de 2016
- vistas aéreas Google mAPS
- http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/3862/8/igotul000916_tm_3.pdf

9. Anexos

Índice de Anexos

1) Ficha de Identificação de Vãos - Porta P1	105
2) Ficha de Identificação de Vãos - Porta P2	107
3) Ficha de Identificação de Vãos - Arco V1	109
4) Ficha de Identificação de Vãos - Porta P3	111
5) Ficha de Identificação de Vãos - Arco V2	113
6) Ficha de Identificação de Vãos - Porta P4	115
7) Ficha de Identificação de Vãos - Porta P5	117
8) Ficha de Identificação de Vãos - Arco V3	119
9) Ficha de Identificação de Vãos - Arco V4	121
10) Ficha de Identificação de Vãos - Janela V5	123
11) Ficha de Identificação de Vãos - Janela V6	125
12) Ficha de Identificação de Vãos - Janela V7	127
13) Ficha de Identificação de Vãos - Porta P6	129
14) Ficha de Identificação de Vãos - Porta P7 e Porta P8	131
15) Ficha de Identificação de Vãos - Arco V8	133
16) Ficha de Identificação de Vãos - Porta P9	135
17) Ficha de Identificação de Vãos - Porta P10	137
18) Ficha de Identificação de Vãos - Janela V9	139
19) Ficha de Identificação de Vãos - Porta P11	141
20) Ficha de Identificação de Vãos - Porta P12	143
21) Ficha de Identificação de Vãos - Porta P13	145
22) Ficha de Identificação de Vãos - Porta P14	147
23) Ficha de Identificação de Vãos - Porta P15	149
24) Ficha de Identificação de Vãos - Porta P16	151
25) Ficha de Identificação de Vãos - Porta P17	153
26) Ficha de Identificação de Vãos - Janela V10	155